

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

ASPECTOS DA LINGUÍSTICA DO DISCURSO NA ANÁLISE DE PÁGINAS DO
FACEBOOK: MEMES, *POSTS* E REPORTAGENS RELACIONADOS ÀS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL EM 2018

JOAQUINA CRISTINA NASCIMENTO DE OLIVEIRA

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares, dissertação da área
científica de Linguística Portuguesa

Portugal/2020

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

ASPECTOS DA LINGUÍSTICA DO DISCURSO NA ANÁLISE DE PÁGINAS DO
FACEBOOK: MEMES, *POSTS* E REPORTAGENS RELACIONADOS ÀS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO BRASIL EM 2018

Joaquina Cristina Nascimento de Oliveira

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares, dissertação elaborada na
área científica de Linguística Portuguesa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Carla Aurélia de Almeida

Portugal/2020

Resumo

O presente projeto de investigação é realizado no âmbito do Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares da Universidade Aberta de Portugal, com a apresentação de uma análise das linhas teóricas crítico-discursivas, pragmáticas, cognitivas e semióticas de alguns posts das seguintes páginas do Facebook em contexto de pré e pós eleições no Brasil 2018/2019: Leonardo Sakamoto, BBC News, DW Brasil, Meu Professor de História, Conversa Afiada e El País Brasil. O objetivo é identificar, analisar e descrever as estratégias discursivas complexas do uso da linguagem e como os indivíduos constroem as suas narrativas no universo em que estão inseridos. Nesse caso, há alguns pressupostos: os interlocutores possuem um pré-conceito sobre determinados assuntos e, muitas vezes, usam argumentos sem sentido para impor suas “certezas”, causando atos de fala ameaçadores da face; alguns discursos têm por objetivo perpetuar o poder e o controle sobre determinadas classes sociais menos favorecidas, fomentando preconceitos, racismo, violência e incentivando perdas de direitos sociais. A investigação pretende mostrar de que modo as metáforas conceptuais e a análise polissêmica de itens lexicais têm efeitos argumentativos específicos causando discussões com clivagens bem delimitadas e expressas nas páginas acima elencadas em época de eleições presidenciais como, por exemplo: esquerda e direita; nazismo e comunismo. Por último, a análise pragmático-semiótica possibilita o estudo linguístico da comunicação multimodal presente nos *memes* e nas imagens, verificando-se que estas formas de expressão multimodal podem constituir também instrumentos poderosos de manipulação política. As abordagens, aqui escolhidas, tornam visíveis algumas práticas linguísticas de consolidação de poder, controle e o modo como as ideologias são veiculadas estrategicamente como discursos que legitimam injustiças sociais, tanto das organizações e do Estado, quanto de interlocutores particulares que participam nos fóruns da rede social Facebook.

Palavras-chave: Pragmática linguística; Análise Crítica do Discurso; Linguística Cognitiva; Semiótica do discurso; Páginas do Facebook.

Abstract

This research project is carried out within the scope of the Master in Multidisciplinary Portuguese Studies at the Universidade Aberta de Portugal, with the presentation of an analysis of the theoretical-critical-discursive, pragmatic, cognitive and semiotic lines of some posts on the following *Facebook pages in the context before and after the elections in Brazil 2018/2019: Leonardo Sakamoto, BBC News, DW Brasil, My History Teacher, Conversa Fiada and El País Brasil*. The objective is to identify, analyze and describe the complex discursive strategies of the use of language and how individuals construct their narratives in the universe in which they are inserted. In this case, there are some assumptions: the interlocutors have a preconception about certain subjects and they often use meaningless arguments to impose their “certainties”, causing face-threatening speech acts; some speeches aim to perpetuate power and control over certain less favored social classes, fostering prejudice, racism, violence and encouraging loss of social rights. The investigation intends to show how conceptual metaphors and polysemic analysis of lexical items have specific argumentative effects causing discussions with well-defined and expressed cleavages on the pages listed above during the presidential elections, such as: left and right; nazism and communism. Finally, the pragmatic-semiotic analysis that allows the linguistic study of multimodal communication present in memes and images, verifying that these forms of multimodal expression can also be powerful instruments of political manipulation. The approaches chosen here make visible some linguistic practices for consolidating power, control and the way in which ideologies are strategically conveyed as discourses that legitimize social injustices, both from organizations and the State, as well as from private interlocutors who participate in the network's forums social Facebook.

Keywords: Linguistic pragmatics; Critical Discourse Analysis; Cognitive Linguistics; Semiotics of discourse; Facebook pages.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, in memoriam, em especial à minha mãe, que tinha um amor especial pelos versos em acrósticos. Era sua forma de voar!

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me permitir, quando tantos não conseguem, fazer um mestrado e ter saúde para seguir em frente;

Agradeço imensamente a professora doutora Carla Almeida por ter me dado força e por ter acreditado na proposta do meu trabalho, num ano social e politicamente obscuro no Brasil;

Agradeço também à minha família, às amigas Kátia Mendes e Luciere Souza pela força que me deram para continuar escrevendo, apesar dos pesares.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Apresentação do tema	10
1.2. Problema e justificativa	12
1.3. Problemas de partida e hipóteses de investigação.....	13
1.4. Objetivos	14
1.5. Descrição dos capítulos.....	14
2. METODOLOGIA	16
2.1. Seleção e caracterização do <i>corpus</i>	17
2.2. Procedimento de coleta de dados	21
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	24
3.1. Texto, Discurso e Enunciação: algumas considerações	25
3.2. Análise do Discurso (AD) e Análise Crítica do Discurso (ADC): intersecções	32
3.3. Argumentação no discurso de contexto político	38
3.4. Ideologia nas eleições presidenciais.....	42
3.5. Cognição, Contexto e Discurso: a palavra manipulada.....	47
3.6. A Semiótica no discurso de manipulação política-ideológica.....	55
3.7. A faceta multimodal do <i>corpus</i> : perspectivas linguísticas e cognitivas sobre o discurso.....	62
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	71
4.1. <i>Memes</i> : o discurso político de amor, de ódio e de ironia no Facebook	72
4.2. Atos de fala nos <i>posts</i> sobre as EP2018.....	80
4.3. As estratégias argumentativas da polidez (ou delicadeza) na ironia: a ameaça da face em ambiente multimodal.....	86
4.4. Metáforas conceptuais ao serviço da legitimação político-ideológica	96
5. CONCLUSÃO.....	103
6. BIBLIOGRAFIA	106

I - Lista de perfis das páginas no Facebook

Capítulo 2.....	16
2.1. Perfil da página Leonardo Sakamoto	18
2.2. Perfil da página <i>BBC News Brasil</i>	18
2.3. Perfil da página <i>DW Brasil</i>	19
2.4. Perfil da página Meu Professor de História.....	19
2.5. Perfil da página Conversa Afiada.....	20
2.6. Perfil da página <i>El País Brasil</i>	20

II - Lista de postagens das páginas no Facebook e de reportagens de jornais online

Capítulo 3	24
3.1. Postagem da página Jornal <i>El País Brasil</i> , de 17/02/18	36
3.2. Postagem da página Jornal <i>El País Brasil</i> , de 26/02/18	45
3.3. Postagem página Leonardo Sakamoto, de 01/10/18	49
3.4. Postagem da página <i>DW Brasil</i> , de 26/03/18	51
3.5. Postagem da página Meu Professor de História, de 08/09/18	58
3.6. Reportagem do jornal <i>El País Brasil</i> online, de 16/06/18	59
3.7. Reportagem do jornal O Globo, de 12/02/18.....	60
3.8. Postagem da página Conversa Afiada, de 16/03/18.....	61
3.9. Postagem da página <i>BBC News</i> , de 16/08/18	62
3.10. Postagem da página Meu Professor de História, de 24/10/18	67
Capítulo 4	72
4.1. Postagem da página Meu Professor de História, de 16/04/2018	74
4.2. Postagem da página <i>El País Brasil</i> , de 26/10/18	75
4.3. Postagem da página <i>El País Brasil</i> , de 28/10/18	76
4.4. Postagem da página <i>El País Brasil</i> , de 28/10/18, através de <i>link</i>	77
4.5. Postagem da página <i>El País Brasil</i> , de 28/10/18, através de link	79
4.6. Postagem da página Conversa Afiada, de 24/09/18	85
4.7. Postagem da página Meu Professor de História, de 04/10/18	93
4.8. Postagem da página <i>DW Brasil</i> , de 20/09/18	99

III – Lista de quadro/esquema

Capítulo 2	16
2.1. Filtro, nas páginas pesquisadas, por data de publicação	22
Capítulo 4	71
4.1. Esquema <i>AAFs (Atos de Fala Ameaçadores de Face)</i> , de Brown e Levinson (1987).....	88

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do tema

O papel multidisciplinar da Linguística Contemporânea ampliou os estudos das diversas abordagens, possibilitando agregar a essas dimensões a tentativa de descrição e compreensão do universo da internet em determinados contextos. As redes sociais configuram o que podemos chamar de “explosão do eu”, pois evidencia - muitas vezes, aparentemente, sem que seus usuários se deem conta disso – um discurso sexista, racista, preconceituoso (e outros elementos caracterizadores considerados mais agressivos) que contribuem para injustiças sociais.

O meio digital, nesse caso, é um universo de possibilidades de investigação linguística, potencializado ainda mais em época de eleições no Brasil onde o jogo político do poder das classes dominantes alimenta discussões acirradas nas redes sociais. Se antes não tínhamos essa rapidez de respostas e refutações dos que são contra ou a favor e até mesmo os que se abstêm de tudo, nos dias de hoje, ocorre exatamente o contrário: as respostas a fatos, provocações e *posts* de opiniões ocorrem com uma rapidez impressionante. Esse fenômeno veio acompanhado da mais nova forma de comunicação: os *memes* e os *gifts*.

Desse modo, o presente trabalho de investigação propõe, à luz da Pragmática, da Análise Crítica do Discurso (ACD), da Análise do Discurso (AD), da Linguística Cognitiva (LC) e da Semiótica Linguística, descrever esse fenômeno, tendo como *corpus* algumas páginas do Facebook e notícias de jornais e revistas com o mesmo tema: as discussões e reportagens sobre as eleições 2018 no Brasil (EP2018).

Propomos uma investigação interdisciplinar que engloba a Semiótica, a Pragmática e a Linguística Cognitiva (LC). Tendo por base este enquadramento teórico, consideraremos os usos linguísticos nos discursos em análise na rede social. Procedendo ao levantamento dos objetivos ilocutórios visados e tendo como enfoque analítico a maior ou menor eficácia do discurso produzido nestes contextos, analisaremos os eixos argumentativos produzidos nestes discursos. Demonstraremos que poucos participantes conseguem articular de modo coerente os seus argumentos, ocorrendo, frequentemente, ironias não compreendidas, a

realização de atos de ameaça de face e o constante “esquecimento” dos propósitos da posição política que cada participante alude no início dos fóruns em análise: a mudança social que beneficie a todos, sem excluir ninguém.

No que tange a LC, temos uma gama de possibilidades de investigação. Entretanto, nos deteremos a descrever e compreender como certos itens lexicais assumem papéis importantes de modelos mentais na manutenção de posições políticas que vão de encontro a uma sociedade igualitária e com direitos sociais legítimos. Em se tratando de posts do Facebook, notícias e reportagens de jornais e revistas, a Semiótica também cumpre papel importante na era digital, na qual também os *memes* apresentam um outro tipo de linguagem. O meio mediático exerce grande poder de manipulação através das imagens, dentre elas a *charge* nas primeiras páginas de jornais *online*, muito discutidas da rede.

Num cenário onde há uma nítida polarização político-ideológica entre judiciário, governo e mídia com o objetivo de perpetuar seus próprios interesses, é relevante analisar e descrever como essa estratégia ocorre no uso da linguagem nas páginas no Facebook.

A análise desse estudo tem como corpus as páginas do Facebook “*Conversa Afhada*”, “*Leonardo Sakamoto*”, “*El-País Brasil*”, “*DW Brasil*”, “*Meu Professor de História*” e “*BBC News Brasil*”, limitadas ao contexto de eleições presidenciais, governamentais, para senador, deputado federal e estadual no Brasil em 2018 (EP2018).

A construção do *corpus* se dará na análise das páginas nas quais as discussões possam, de alguma maneira, responder às seguintes perguntas:

a) De que forma as abordagens linguísticas propostas no presente trabalho podem identificar, analisar e criticar os discursos ideológicos de perpetuação do poder, de controle, de violência e de injustiça social?

b) De que forma a linguagem das imagens confirma e consolida modelos de manipulação político-ideológica que se distanciam da justiça social?

c) Os interlocutores, através de atos de fala específicos, apontam para solução de conflitos, com argumentos sólidos, ou se lançam em discussões sem sentido, que sustentam o caos social nas interações no Facebook?

1.2. Problema e justificativa

É fato que o século XXI protagoniza um arcabouço de formas comunicativas ainda pendentes de uma análise profunda de suas estratégias e desdobramentos linguísticos e extralinguísticos. As redes sociais ganharam destaque imensurável a partir da popularização dos aparelhos eletrônicos, principalmente os celulares, e a população brasileira está no topo das mais conectadas ao Facebook, inclusive participando de discussões.

A rapidez com que um fato é postado na rede, sendo avaliado ora com sinal de “gosto”, ora discutido, ora com uma avaliação axiológica negativa na expressão de “não gosto” “(des)curtido”, ora compartilhado - sem contar com os famosos *memes* que se transformam, num piscar de olhos, numa reação dinâmica a um acontecimento, - transforma essa fonte comunicativa num objeto de análise com muita pertinência na investigação linguístico-pragmática.

Além disso, o volume e a preferência comunicativos destas linguagens, no contexto de eleições presidenciais, carecem de descrição e análises à luz, também, das abordagens da ACD, da Linguística Cognitiva, da Análise do Discurso e da enunciação pragmática, na qual se insere, entre outros, os atos de fala. Para van Dijk

há pouca dúvida de que a maioria de nossas ideologias é formada discursivamente. Nesse sentido, então, a falta de controle direto sobre as mentes ou sobre os ouvintes não é uma desculpa para a prática discursiva ruim, dado o conhecimento profissional sobre as prováveis tendências da influência como um todo dessas práticas sobre as mentes e as ações dos ouvintes. De fato, os mesmos grupos da elite e as organizações sabem perfeitamente que efeitos sua “informação”, sua propaganda e sua publicidade têm sobre o público – caso contrário, não se engajariam na comunicação pública (van DIJK, 2017:33).

As redes sociais constituem meios de influência político-ideológica que alimentam, no caso desta pesquisa em contexto de eleições no Brasil, o poder e o controle, não somente sobre as minorias historicamente discriminadas, mas também de

pessoas que justificam seus discursos com argumentos claramente baseados em falta de conhecimento.

Os conflitos sociais, que podemos incluir aqui as disputas político-partidárias no contexto de pré-eleições presidenciais no Brasil, são expressos verbalmente. Uma análise linguístico-pragmática da linguagem na rede social Facebook permite o estudo da estrutura das vezes de elocução e o modo como a interação é reinventada relativamente à interação prototípica que constitui a comunicação face a face. Desse modo, justifica-se a análise da interação na rede social, tendo por base as abordagens elencadas.

1.3. Problemas de partida e hipóteses de investigação

As seguintes perguntas de partida no contexto de eleições presidenciais no Brasil nortearão este trabalho:

- As imagens de manipulação político-partidária ameaçadoras de ambas as faces conseguem adesão pública?
- A manipulação da palavra, através de metáforas conceptuais e de itens lexicais, consegue fomentar a violência e manipular a opinião pública?

Face a estas perguntas de partida, elencamos um conjunto de hipóteses de trabalho:

(i) A falta de fundamentação e de pesquisa dão origem a discussões sem sentido nas páginas elencadas do Facebook, dando forma a práticas discursivas ideológicas de preconceito e abuso de poder;

(ii) O pedido de desculpas, constituindo, prototipicamente, uma estratégia de delicadeza negativa, nem sempre funciona como mitigação de ameaça, de atenuação da impolidez. Pode, em certos contextos, constituir um ato expressivo que, estrategicamente,

prepara a ameaça, como podemos ver no seguinte exemplo: “Desculpa, mas você é burro.” Ou seja, há um jogo de ameaças de face, no qual seus interlocutores se expõem mutuamente, considerando que as interações *online* estão sob a ilusão de proteção virtual.

(iii) Dessa forma, essa característica interativa deixa seus interlocutores mais à vontade em seus discursos, aflorando crenças, preconceitos, racismos, descomprometimento com as boas relações sociais e incoerências discursivas.

1.4. Objetivos

O objetivo geral é identificar, analisar, descrever e criticar as estratégias de linguagem no discurso político-partidário que sustentam o poder sobre as classes menos favorecidas, manipulam a opinião pública e disseminam a violência e a injustiça.

Como objetivos específicos temos os seguintes:

- Identificar, analisar, descrever e criticar discussões sustentadas por argumentos claramente fracos, no sentido em que não se apresentam provas que os sustentem e/ou não constituem uma voz autorizada que os possa fundamentar.
- Identificar, descrever e criticar as imagens que perpetuam a manipulação política e a violência.

1.5. Descrição dos capítulos

Após a Introdução, na qual elencamos o tema, o problema, a justificativa, as hipóteses e objetivos, apontamos, no capítulo 2, a Metodologia utilizada para este trabalho. O cuidado na seleção de um *corpus*, de forma qualitativa, e a coleta dos dados, foram fundamentais, pois os estudos dos gêneros multimodais exigem esta

recolha empírica. A quantidade de material para a análise é vasta e relaciona-se com as especificidades do *corpus*, uma vez que as discussões recolhidas na rede social possuem centenas de réplicas. Deste modo, verifica-se que logo nas primeiras respostas às postagens das páginas, a irrupção de uma grande quantidade de reações – muitas passavam de mil – caracterizou o material coletado. As páginas em análise também se caracterizaram por sua heterogeneidade: três de origem brasileira e três de origem estrangeira.

No capítulo 3 sobre os pressupostos teóricos, abordam-se considerações necessárias sobre a) Texto, Discurso e Enunciação; b) as intersecções entre AD e ACD; c) a argumentação no discurso de contexto político e pressupostos como falácias; d) a ideologia nas eleições presidenciais; e) a Cognição, o Contexto e o Discurso na manipulação da palavra; f) a Semiótica como discurso de manipulação político-ideológica; e g) a faceta multimodal do *corpus* pesquisado.

No capítulo 4, analisamos os *memes* veiculados durante as EP2018, os atos de fala, as estratégias argumentativas na ironia e sua relação com a polidez, a ameaça de face em ambiente multimodal e seus efeitos argumentativos são explicitados a partir da violação das máximas de Grice (1978). No subcapítulo 4.4, abordamos as metáforas conceptuais ao serviço da legitimação político-ideológica.

No capítulo 5, para finalizar, elencamos algumas conclusões e sugerimos mais estudos que ampliem as teorias aqui apresentadas e anexem outras, de acordo com algumas observações encontradas ao longo desta dissertação.

2. METODOLOGIA

2.1. Seleção e caracterização do *corpus*

O objeto da Linguística é estudar e descrever a língua enquanto atividade social e individual. Não há argumento que negue a existência de uma transformação substancial e incrivelmente desafiadora na linguagem e na expressão do discurso que a Internet permitiu operar. Uma notícia percorre os quatro cantos do mundo em poucos minutos e muitas vezes em tempo real, afetando a vida das pessoas. Essa dimensão comunicativa vem ao encontro da necessidade de uma Linguística Aplicada ao estudo desse campo digital, que deu outro salto no século XXI, afetando a escrita e os vocábulos, adquirindo uma “fala digital”, na qual não sabemos claramente ainda as mudanças que resultem da análise dos seus efeitos no passado recente e nos dias atuais, menos ainda as mudanças que vão operar no futuro. Segundo Rajagopalan,

o advento da internet e a consequente mudança na velocidade, volume e formas de comunicação em massa, desembocando no uso de múltiplas formas de mistura de gêneros e recursos semióticos, vieram a sanar definitivamente qualquer dúvida remanescente a esse respeito. Na internet, a escrita, a fala e a imagem se mesclam de forma, até pouco tempo atrás, impensável, obrigando todos nós a revermos algumas de nossas crenças fortemente arraigadas e herdadas dos tempos passados. O que constitui um texto é uma questão que nunca foi satisfatoriamente respondida (RAJAGOPALAN, 2013:50).

Dessa forma, amparados pelas teorias aqui apresentadas, esperamos apontar, descrever, analisar e criticar os pressupostos defendidos em seis páginas do Facebook, a saber: *Leonardo Sakamoto*, *BBC News*, *El País Brasil*, *DW Brasil*, *Meu Professor de História* e *Conversa Afiada*. Essas páginas tiveram uma frequência de *posts* nas EPB 2018, numa participação ativa de seus diferentes administradores:

1) a primeira página é do jornalista Leonardo Sakamoto, que mora em São Paulo e é frequentemente ameaçado na rua e na internet por ter uma posição crítica em relação a propostas ou ações de governos antidemocráticos. É cientista político, professor da PUC-SP, blogueiro do UOL, diretor da Repórter Brasil e conselheiro no Fundo da ONU contra a Escravidão. Possui, até o momento, 552 mil seguidores, publicou o livro “O que eu aprendi sendo xingado na internet”.

2.1. Perfil da Página Leonardo Sakamoto



2) a segunda página é a *BBC News Brasil*, criada em 2010 com o intuito de se adaptar à nova forma de promoção do site e transmissão de notícias pelas redes sociais. A emissora completou 80 anos em 2018 e começou a transmitir notícias pelo rádio aqui no Brasil. A *BBC News*, de origem britânica, com sede em Londres, transmite boletins de notícias em várias cidades do mundo.

2.2. Perfil da Página *BBC News Brasil*



3) a terceira página é a *DW Brasil*, que é alemã, originária da empresa *Deutsche Welle*, financiada pelo governo alemão. Intitula-se, em sua página, como transmissora de notícias e promotora da cultura alemã, por meio de páginas, rádios e canais de televisão, com representação em várias partes do mundo. Das seis páginas, ela é a única que esclarece sua política de comentários, solicitando ponderação e respeito, deixando claro não admitir insultos, difamações, pornografia, racismo ou qualquer tipo de discriminação, com risco de se ser excluído da página. A *DW Brasil* assegura a liberdade democrática e um estado de direito, promovendo a cultura alemã e diferentes culturas pelo mundo.

2.3. Perfil da página DW Brasil



4) a quarta página é *Meu Professor de História*, promovida por um professor de História, mas que, no entanto, não se consegue identificar seu nome. Além da página no Facebook, o administrador possui *link* para o *Twitter*, <https://twitter.com/mphistoria>, para um *blog* <http://desmentindoreacionarios.wordpress.com/> e para o *TUMBLR* <http://meuprofessordesistiudemim.tumblr.com/>, além do site *Meu Professor de História* <https://mphistoria.net> e e-mail claudineide201430@hotmail.com. Das seis páginas, é a única que deixa explícita na *timeline* sua opção política.

2.4. Perfil da página Meu Professor de História



5) a quinta página é a *Conversa Afiada*, do jornalista Paulo Henrique Amorim, que infelizmente faleceu no dia 10 de julho de 2019. A página, criada em 22 de novembro de 2010, chegou a ter mais de 1 milhão de seguidores. PHP, como era conhecido, se destacava por sua irreverência e extrema ironia nas notícias que postava. Era jornalista, blogueiro, empresário e apresentador de telejornal numa emissora de TV, pela qual foi demitido poucos dias antes de falecer. Era na página *Conversa Afiada* do Facebook que mais postava e fazia suas críticas ácidas sobre

assuntos ligados as EPB 2018. A página continua ativa, administrada pela família do jornalista.

2.5. Perfil da página *Conversa Afiada*



6) a sexta página é *El País Brasil*, originada do site <http://brasil.elpais.com> que, igual às outras acima, resolveu expandir sua abrangência jornalística publicando no Facebook e em outras redes sociais. O site do jornal pode ser acessado também em várias línguas: catalão, espanhol, espanhol da América Latina, português do Brasil e inglês.

2.6. Perfil da Página *El País Brasil*



A justificativa para a seleção desse *corpus* se baseia na quantidade de seguidores, nas características interessantes dos seus administradores, mas também na quantidade de interações discursivas polarizadas nestas páginas. Percebe-se também o cuidado em escolher três páginas com origem em blogs brasileiros e três que, numa primeira análise, estão ideologicamente afastadas das polêmicas eleitorais, por serem de origem estrangeira. Elas tendem a postar mais notícias,

independentes da ideologia, causando mais discussões inflamadas na rede. As demais são mais envolvidas em termos de posicionamento partidário-ideológico e, por isso, causam polarizações extremas nas postagens.

Segundo Charaudeau (2018:151), o “universo da informação midiática é efetivamente construído”, é “uma construção” que não reflete fielmente a informação, pois o discurso não é neutro e o mito da imparcialidade da mídia tem sido referenciado por vários autores de diferentes áreas. As últimas eleições presidenciais no Brasil foram palco desta “construção” no discurso e pelos discursos. As opiniões, as ideologias de qualquer espécie não se restringem aos editoriais, aos artigos de jornais e revistas em papel ou digitais, mas também são expressas nas redes sociais.

Como características comuns, as páginas trabalham para se adaptarem a essa nova ordem de interlocução e veiculação de conteúdo que julgam de interesse local e/ou mundial, incentivando a discussão em torno de um assunto específico. Desta relação, apenas *Leonardo Sakamoto* e *Meu Professor de História* interagem com seus seguidores depois da postagem e, mesmo assim, é raro isso acontecer. Ou seja, são “provocadores” de ideias e posições político-partidárias, aproveitando-se da ampla visão que uma página possui no Facebook e, também, do contexto extremamente polarizado que foram as EPB 2018.

2.2. Procedimento de coleta de dados

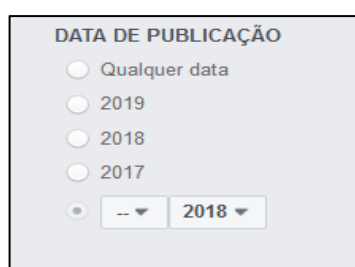
A coleta dos dados foi realizada em 2018, ano da eleição presidencial no Brasil, e em 2019, até ao mês de abril, numa pesquisa qualitativa, privilegiando as postagens mais significativas para os objetivos e pressupostos elencados neste trabalho. Ou seja, a quantidade de postagens é diretamente proporcional à qualidade do observado.

Nas páginas citadas, também são compartilhadas notícias de vários jornais e revistas *online*, entrevistas e postagens do *Twitter* e *Agência Brasil*, como a entrevista com o então presidente Temer, empossado depois do impeachment de

Dilma Roussef. Desse modo, a análise não será somente das discussões nas páginas, mas também das entrevistas, imagens e *memes* e postados.

Todas as páginas são abertas aos internautas para pesquisa, que podem ser filtradas por mês e ano das publicações. Desse modo, as postagens publicadas, tanto dos administradores da página, quanto dos interactantes nas discussões, no presente trabalho, serão indicadas por número de ordem. As postagens dos administradores por número e data, sendo apresentadas nas referências nessa ordem para que sejam acessadas, se necessário, através do filtro abaixo.

2.1. Filtro por data de publicação



The image shows a search filter interface titled "DATA DE PUBLICAÇÃO". It contains five radio button options: "Qualquer data", "2019", "2018", "2017", and a selected option with a dropdown menu showing "--" and "2018".

Filtro em todas as páginas pesquisadas no Facebook.

A identificação nominal dos interactantes nesta pesquisa só poderá ser feita na própria página na qual se deu a discussão. Entretanto, julgamos adequado expor somente as iniciais do nome das pessoas. Quanto à escrita, procurar-se-á reproduzir o que foi postado nas páginas, o mais fiel possível, com as inadequações ortográficas, de regência, de concordância, entre outros. Por exemplo, uma reação à postagem do correspondente alemão da *DW Brasil*, espantado com as discussões na página sobre nazismo ser de esquerda. Postagem do dia 26 de setembro de 2018.

(1) CB: Pois é, vc é conrrespodente... já viu a vice do pt?????

As escolhas das postagens, nas páginas elencadas, seguirão um critério qualitativo de acordo com a pertinência teórico-discursiva. Segundo Amossy,

o contradiscurso só apresenta o discurso contrário sob formas fortemente depreciativas, mobilizando todo arsenal do discurso relatado. A fala do outro é retomada e reformulada de maneira a privá-la de sua coerência, ou descontextualizada e deslocada de seu sentido original; ela se torna objeto de um *reductio ad absurdum* ou de um tratamento fortemente irônico ou parodístico que a invalida, tornando-a ridícula (AMOSSY, 2017:170).

Dessa forma, haverá um primeiro olhar crítico sobre as postagens para que, a seguir, se elenquem aquelas que possam possibilitar a descrição e a crítica, conforme as teorias propostas. O Facebook foi, e ainda é, ferramenta de discussão de diversos temas. E o assunto que dominou a rede, ocupando o primeiro lugar no Brasil, foram as eleições para presidente¹.

¹ Informações coletadas no site da rede social Facebook: <https://about.fb.com/br/news/2018/12/como-foram-as-conversas-no-facebook-em-2018-no-mundo-e-no-brasil/>. Acessado em 15/11/2019.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1. Texto, Discurso e Enunciação: algumas considerações

É preciso pontuar, de início, que muito se tem discutido sobre o que é um texto e em que momento ele se traduz em discurso. Saussure (2002:277 *apud* Adam, 2011:30) já questionava o caráter discursivo em conceitos variados tomados isoladamente, mas apontava que, ao relacioná-los, seriam capazes de produzir discursos. Lopes e Rio-Torto (2007:71) designam como texto “fragmentos linguísticos de extensão variáveis” e “fragmento verbal intencionalmente produzido por um sujeito num tempo e num espaço específicos”. Dessa forma, “um texto não se define pela sua extensão, mas antes pela sua unidade semântica e pela sua relevância pragmática” (LOPES e RIO-TORTO, 2007:71). Já Duarte, pontua a necessidade de “algumas condições cognitivas indispensáveis para que um conjunto de enunciados se caracterize pela coerência, logo, para que constitua um texto” (DUARTE, 2003:115-117 *apud* SILVA, 2018:2).

Além disso, destacamos a importância dos implícitos e do contexto não verbal como, por exemplo, o conhecimento partilhado por uma comunidade virtual, principalmente numa análise multimodal nas páginas elencadas no Facebook. Para Fonseca,

é da experiência de cada um de nós que a continuidade semântica de um texto radica, em muitos momentos, em informações disponíveis a partir do contexto não verbal, das coordenadas da enunciação – logo, em informações implícitas, agregadas ao texto, mas não verbalizadas (FONSECA, 1992:18).

De acordo com o exposto e com as especificidades adotadas sobre um texto, definimos de que forma referenciaremos texto e discurso. Nesta análise de textos multimodais, que especificaremos no subcapítulo 3.7, comungamos com o exposto por Lopes e Carapinha:

Partiremos, pois, nesta obra, da opinião de todos aqueles que adotam uma visão integradora dos dois termos, concebendo as expressões ‘texto’ e ‘discurso’ como sinônimos (Fonseca, 1992:105) e subsumindo sob essa designação qualquer segmento linguístico de extensão variável, dotado de unidade semântica e relevância pragmática, produzido intencionalmente por um locutor, numa situação concreta, e visando obter um efeito comunicativo sobre um determinado interlocutor (LOPES e CARAPINHA, 2013:12).

Dessa forma, podemos afirmar que múltiplas formas de construção de sentidos, como as imagens, formas diversas de linguagem não-verbal, entre outras, expressas em um dado contexto social, constituem um texto e um discurso. Expor

as sequências textuais, as noções de gênero e analisar como essas particularidades compõem o discurso nos textos é inerente à AD; expor, analisar e criticar como essas formas de linguagem podem manipular a opinião pública, evidenciar discursos ideológicos e contribuir para as relações de dominação é uma tarefa da ACD. A dimensão dos significados de Discurso é que nos mostra a complexidade do tema e sua importância para qualquer trabalho em AD e ACD. Traçar algumas considerações importantes sobre Discurso e Enunciação é tarefa árdua e, inevitavelmente, inconclusiva. Aqui, ater-se-á num limite no qual é possível observar e apontar as estratégias e a competência dos atos de fala e demais instâncias linguísticas e extralinguísticas, assim como “suas condições de produção, como os protagonistas do discurso, as imagens e representações construídas, os valores históricos, sociais e culturais implicados nos interstícios da linguagem” (FANTI & BRANDÃO, 2017:9).

Desse modo, o Discurso apresentar-se-á aqui, impregnado de um complexo arcabouço teórico, cooperação entre várias disciplinas das Ciências Humanas e, conseqüentemente, interdisciplinar. Dadas as especificidades da presente pesquisa, consideraremos que o Discurso é o lugar da construção do sentido, não pretendendo, no entanto, esgotar esta análise dada a multiplicidade de teorias sobre aquele às quais subjazem diversas perspectivas sobre este objeto de estudo.

Para começar, Michel Pêcheux, expoente da AD francesa, postula que o sujeito do Discurso transcende os sentidos de suas palavras. Observemos que, naquele momento da linguagem em uso, “o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos de “o todo complexo das formações ideológicas”” (PÊCHEUX, 2014:146). Ou seja, o produto do Discurso é fruto do que o autor chama de *formação discursiva*, a memória da formação histórica-social e ideológica que o sujeito subjetivo evoca.

Podemos entender, dessa forma, que o Discurso inculta um sujeito que não é passivo, mas ao mesmo tempo não é o principal ator da sua formação discursiva. Nesse sentido, entender as façanhas do Discurso é compreender de que modo os indivíduos recebem como óbvio o sentido “do que ouvem e dizem, leem ou

escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto “sujeitos-falantes” do processo comunicativo (PECHEUX, 2014:144). Numa síntese mais abrangente sobre essas considerações do autor, Brandão (2013, p. 19) postula que há três definições de Discurso:

Primeiro: O discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase) e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção. [...] A abordagem do extralinguístico não exclui o linguístico na Análise do Discurso. Segundo: O discurso diz respeito a enunciados concretos, a falas/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas, como as frases da gramática) e os estudos na perspectiva discursiva visam descrever como funciona a língua no seu uso efetivo, como se dá a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, sujeitos situados social e historicamente. Assim, o trabalho no nível discursivo tem como objeto não a frase, mas o enunciado concreto. A frase é objeto da linguística, e o objeto de uma Análise do Discurso é justamente o funcionamento da língua enquanto uso. Terceiro: No nível do discurso, portanto, o falante/ouvinte, escritor/leitor devem ter conhecimentos linguísticos, isto é, dominar a língua, suas regras, sua organização no nível fonológico, sintático e lexical e também conhecimentos extralinguísticos, necessários para produzir discursos adequados aos diferentes contextos de comunicação (BRANDÃO, 2013:19-20).

A concepção de Discurso proposta por Pêcheux nada mais é do que uma abordagem além dos limites linguísticos, como bem aponta Brandão acima, mas também que possa colocar a semântica como elo entre outras partes significativas que compõem a comunicação humana, como a Filosofia e as Ciências Sociais. Em se tratando de uma pesquisa que retrata conversas e discussões inflamadas na rede social Facebook, em contexto de EPB-2018, as evidências de Pêcheux e Brandão corroboram a complexidade da definição de Discurso irremediavelmente imergido em relações semânticas.

Nesse caso, a semântica – que Pêcheux considera não ser “uma “parte da linguística” da mesma forma que a fonologia, a morfologia e a sintaxe”, pode ser considerada como um processo básico e óbvio do Discurso (BRANDÃO, 2012:38). A evidência sobre a qual nos orientou Pêcheux refere-se ao Discurso como prática de um sujeito ideológico, preponderante de sua formação discursiva ao longo de sua história. Um sujeito que faz o que quer com a linguagem e transforma os sentidos de seus enunciados. Para Pêcheux,

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014:146).

Ou seja, essa prática não é um produto imediato, pois há determinantes que também produzem o sentido comunicativo final, e um deles é o contexto, que será explicitado no subcapítulo 3.5. O Discurso em tempos de redes sociais é concebido por instâncias, previamente constitutivas, que podem estar implícitas ou explícitas. Além disso, na proposta desta pesquisa, o Discurso virtual nas redes sociais, particularmente no Facebook em EPB-2018, advém de múltiplas facetas da linguagem. Segundo Charaudeau & Maingueneau (2018:169-170), o Discurso “é o sintoma de uma modificação no modo de conceber a linguagem”. Ainda de acordo com a enumeração dos autores, nas quais explicitaremos brevemente cada uma, o Discurso:

- **supõe uma organização transfrástica:** para além da frase, pois basta formar uma unidade completa e se submeter a regras constitutivas de determinado grupo social;
- é **orientado** por unidades complexas e “desorientado” também, na medida que pressupõe uma dinâmica de propósitos entre locutor e ouvinte e entre escritor e leitor.
- é **uma forma de ação:** afirmar, sugerir, ... como forma de convencer, modificar uma situação, argumentar; assim explicitados pelos atos de linguagem;
- é **interativo**, na medida que se utiliza de um meio de comunicação incrivelmente imediato (muitas vezes confundido com a fala: “Eu não falei isso no Face!”); informativo e, por que não afirmar, *desinformativo*, além de combativo, de uma certa maneira, como o Facebook;
- é **contextualizado**, porque não há discurso sem contexto, pois esta dupla colabora entre si para a construção do sentido;
- é **assumido**, porque é absolutamente subjetivo e está aberto a relações de atitude sobre si mesmo, sobre o outro e até mesmo pode fingir (ironia);
- é **regido por normas** dos atos de linguagem, submetido a relações sociais e implicaturas;
- é **assumido em um interdiscurso**, ou seja, por outro discurso a que se remete por relações de gênero/tipos discursivos pragmáticos.

Dessa forma, o discurso virtual – que comporá grande parte do *corpus* deste trabalho - é essencialmente heterogêneo e constituído por um conjunto complexo de condições ideológico-pragmáticas muitas vezes construído sob um discurso manipulado, através da “poluição” das imagens, dos *memes*, dos *emoticons*, da subversão das palavras e das informações obtidas através dos principais meios

mediáticos no Brasil, que nitidamente tomam posições estratégico-ideológicas de acordo com seus interesses.

Isso é possível, porque a rede social abriu espaço para que todos tivessem visibilidade, e a informação – tratando-se aqui do contexto de eleições – vem como instância do Discurso ou é o próprio discurso. Ora, veremos que, ao longo deste trabalho, o Discurso nas polarizações muito agressivas do Facebook pôs em “dúvida” fatos históricos em nome de uma determinada posição ideológica ou simplesmente em nome do ódio por uma classe social ou um partido político.

Convém lembrar que a heterogeneidade do Discurso de um sujeito ideológico também implica uma análise pragmático-cognitiva-semiótica, na qual os atos de linguagem são intrínsecos à interação. Um bom exemplo, apontando aqui para a LC, é a imagem que os interactantes fazem das palavras “esquerda” e “direita”, às quais explicitaremos no subcapítulo 4.4.

Vale ressaltar que – no contexto aqui apresentado, no qual é demonstrada a carga intencional dos discursos – a semiótica (re)produz um “sujeito munido de uma intenção, de uma competência, e investido de um projeto de fala” e de escrita (CHARAUDEUAU & MAINGUENEAU, 2018:184). Para a AD, também interessa a reflexão filosófica de Foucault, enfatizando que a comunicação é baseada em rituais, mais ou menos estáveis e que, ao mesmo tempo, define sua transitoriedade. Para o filósofo, os indivíduos devem “ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados” (FOUCAULT, 2014:37).

Nessa perspectiva de Foucault, de suma importância para a AD,

tudo se passa como se tivessem querido apagar até as marcas da irrupção nos jogos do pensamento e da linguagem. Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo destes acontecimentos, desta massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso (FOUCAULT, 2014, p. 47- 48).

Nesse trecho, percebe-se que Foucault confirma o poder do Discurso em seus mais diversos objetivos de utilização. No contexto de eleições, o uso do medo é

recorrente e indispensável para a manipulação da opinião pública nas questões políticas. Dessa forma,

o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de desmascará-la (FOUCAULT, 2014:19).

Fica claro a importância da utilização da linguagem de uma forma mais responsável, sabendo-se da eficácia das construções discursivas, principalmente aquelas cujo locutor consegue estabelecer sua competência comunicativa.

Assim, torna-se pertinente evocar os estudos da Teoria da Enunciação que, na perspectiva linguística difundida por Benveniste (1966), chamam a atenção para as instâncias do discurso, materializadas intersubjetivamente, implícita ou explicitamente na linguagem (a construção da “subjetividade na linguagem”). Para o autor, a evocação de um “eu” (deíctico de pessoa), que pode ser dito por todo locutor, na construção do seu próprio discurso, e um “tu”, que legitima a própria instância do “eu”, compactua com a oposição a “ele”, pronome não marcado de subjetividade.

Assim, podemos ter o seguinte esquema enunciativo da linguagem em Benveniste:

EU ↔ TU

↓

ELE

Essa dinâmica elencada por Benveniste demonstra o quanto as definições de Discurso e Enunciação não são homogêneas. Para o autor, antes da Enunciação, a língua é somente um pressuposto, uma possibilidade de realização em todas as suas instâncias. Na verdade, a

linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso [...], propõe uma outra [...] ao qual digo tu e que me diz tu. [...] Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência quando a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares (BENVENISTE, 2005:286).

Em função disso, o autor aponta dois planos de enunciação diferentes: histórico e discursivo. O primeiro diz respeito a fatos narrados no pretérito perfeito e imperfeito; e o segundo, mais próximo deste trabalho como ato de linguagem, diz respeito ao plano enunciativo do discurso. De acordo com Brandão (2013, p. 29), este plano enunciativo do discurso “compreenderia toda enunciação que envolve um locutor com a intenção de influenciar, de algum modo, o outro, seu interlocutor”, incluindo uma gama de textos escritos e orais em diferentes gêneros.

Considerando a dinâmica interativa discursiva na rede social, importa ainda destacar as observações de Bakhtin e Fíguro sobre enunciação que são de grande auxílio para este trabalho. Primeiro, porque concebem que o enunciado “pode ser construído a partir de uma oração, de uma palavra, por assim dizer, de uma unidade do discurso” (BAKHTIN, 2003:278); segundo, porque “propõe um “nós” como sujeito socialmente organizado” (BRANDÃO, 2013:41).

Não menos importante, Ducrot propõe uma teoria enunciativa polifônica, na qual a dinâmica comunicativa pode apresentar várias vozes. Para Brandão (2013, p. 37), Ducrot “estabelece ainda uma diferença entre significação e sentido. A significação está na frase, é, por isso, do nível da língua enquanto sistema; e o sentido é do nível do enunciado” (BRANDÃO, 2013:38).

Para isso, o autor faz uma distinção entre sujeito falante, locutor e enunciador. Na dinâmica abaixo, num exemplo dado pelo próprio Ducrot, temos:

“Ah! Eu sou um idiota; muito bem, você não perde por esperar!”

Nesse enunciado, L é o produtor das palavras e é ele que é igualmente designado por *eu*. Mas a responsabilidade do ato de afirmação realizado na primeira parte da sequência não é certamente L que assume, já que ele o contesta ameaçando o interlocutor I: temos aqui na fala de L dois enunciadores: um, E1, que fala/retoma o ponto de vista de I e outro, E2, que expressa o ponto de vista de L. Ducrot analisa a pertinência da noção de enunciador, aplicando-a, por exemplo, à pressuposição, à negação, à ironia e mostrando como num enunciado pode emergir mais de uma voz.

Ex. 1: Pedro parou de estudar. (posto)

(Pedro estudava antes: pressuposto)

No enunciado posto, tem-se um L1 que fala de uma perspectiva E1, mas faz ouvir uma voz pressuposta, L2, que apresenta outra perspectiva, E2.

Ex. 2: “Não seja mal-educado!”

Sob o enunciado negativo (que censura o interlocutor por contrariar o código social do bom comportamento), subjaz uma voz enunciativa, que fala da perspectiva desse código: seja bem-educado (porque é sinal de civilidade) (DUCROT, 1987:180, *apud* BRANDÃO, 2013:40).

Devido à proximidade linguístico-pragmática entre Discurso e Enunciação, importante para a AD, faz-se necessária sua ampliação:

a “concepção que se tem de enunciação oscila entre a concepção *discursiva* e uma concepção *linguística*. Se insistimos na ideia da enunciação como acontecimento e um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas, operamos primordialmente na dimensão do *discurso* (CHARAUDEUUAU & MAINGUENEAU, 2018:193).

Tomando-se o trecho acima e para sintetizar considerações importantes sobre Discurso e Enunciação, verificamos que: (i) o sujeito se apropria da linguagem e constrói sua articulação enunciativa para talhar seu discurso; (ii) todas as teorias aqui explicitadas propiciam, no uso efetivo da língua, a construção dos sentidos os quais o sujeito sócio-histórico-ideológico se propõe assumir em seu discurso; (iii) enunciado e *discurso* são termos propostos para os fenômenos linguísticos além da frase; (iv) no estudo aqui proposto, no qual as condições de produção verbal sofrem influência de todas as teorias aqui expostas, chamar-se-á de *discurso*, também por seu caráter polissêmico, as discussões proferidas nas páginas elencadas do Facebook. Dessa forma, “o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para ‘os sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’” (FAIRCLOUGH, 2001:91).

3.2. Análise do Discurso (AD) e Análise Crítica do Discurso (ADC): intersecções

O conceito de Análise do Discurso, aqui instituído, é o de linha francesa, ligado ao quadro da enunciação. Essa concepção de discurso, reconhecida nas diferentes tendências da AD, vem ao encontro da proposta aqui apresentada, na medida que se interessa pelo uso da linguagem em seus aspectos histórico-ideológico e sociais.

Segundo Brandão (2012:11), a “linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento”, mas também como um ato social, ideológico. A tomada de posição nos discursos no Facebook é a manifestação deste universo, possibilitando engajamentos, confrontos e revelando ódios.

Poder-se-á afirmar que as reflexões sobre AD têm ponto inicial e significância incontestável com Harris (*Discourse analysis*, 1952), “que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase, ao estender procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados (chamados discursos)” e a contribuição imprescindíveis de R. Jakobson e E. Benveniste (BRANDÃO, 2012:13). No entanto, Jean Dubois e Michel Pêcheux apontaram a possibilidade de associar o contexto de suas épocas aos estudos do discurso.

Deste modo, a Sociolinguística e a Pragmática, no estudo da linguagem em uso, dão ênfase às condições do “*dizer*” na construção dos sentidos. A primeira “deve observar o uso atual da linguagem” e a segunda “deve ser estudada em termos de atos de fala” (ORLANDI, 1986:108 *apud* BRANDÃO, 2012:15).

Embora a amplitude de definições da AD seja um problema para um trabalho não tão amplo, procuramos sintetizá-las de acordo com os objetivos propostos anteriormente. Charaudeau e Maingueneau referem que a AD visa chegar “prioritariamente, a compreender funcionamentos discursivos” e enfatizam que “a totalidade dos enunciados de uma sociedade, apreendida na multiplicidade de seus gêneros, é convocada a se tornar objeto de estudo” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU (2018, p. 45,46).

Fica evidente que os estudos da AD – amparados por abordagens em situação real de uso da língua – pautam-se pela análise das situações de comunicação na qual o enunciado é estabelecido na relação entre texto e contexto. Dessa forma, a AD está relacionada com a análise dos gêneros dos discursos, pois é voltada para as condições de geração do discurso.

No entanto, Charaudeau e Maingueneau (2018) deixam uma pequena crítica e ao mesmo tempo estabelecem mais uma diferença em AD e ACD. Os autores postulam que

várias pesquisas que se dizem de análise do discurso [...] se contentam em estudar fenômenos muito localizados para elaborar interpretações sobre *corpora ideologicamente sensíveis*. Nesse caso, os conhecimentos produzidos pela análise do discurso são colocados a serviço de um projeto militante. A Escola Francesa dos anos 60 tinha esse projeto militante, apoiado em teoria do discurso de inspiração psicanalítica e marxista. A corrente mais recente, da “análise crítica do discurso” (*Critical Discourse Analysis*) visa a estudar – para fazê-las

evoluir – as formas de poder que se estabelecem, por meio do discurso, entre os sexos, as raças, as classes sociais... (van Dijk, 1993; Wodak, 1996, 1997). Tipo e empreendimento que provoca a inevitável interrogação: o desvelamento de uma ideologia nos textos não implica uma nova ideologia no analista? (Widdowson, 1995; Beaugrande, 1999) (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2018:45-46).

No que tange à primeira observação dos autores sobre “fenômenos muito localizados” e de “*corpora ideologicamente sensíveis*”, compreendemos aqui como uma grande transformação da linguagem em uso numa sociedade fortemente marcada pela influência tecnológica dos *smartphones*, nos quais “cabem o mundo”. Para os mais reticentes, causa espanto que nas primeiras horas da manhã, dentro de um metrô, por exemplo, quase todos já estão “logados” nas redes sociais; seja no WhatsApp, ou seja no Facebook, entre outros.

Desse modo, ter acesso a essa massa efetiva de usuários ávidos por ficarem “antenados” corrobora a necessidade de identificar e criticar os discursos que perpetuam poder com falácias antidemocráticas e disfarçadamente de perdas sociais. Segundo Magalhães, Martins & Resende (2017:168), a “luta pela democracia – seja por sua conquista ou por sua manutenção, ampliação e aperfeiçoamento – é uma luta também no âmbito do discurso”. E os autores acrescentam que, mesmo num panorama de entretenimento como são as redes sociais – ou pelo menos na sua proposta original - , os sentidos se constroem pelo discurso ali imputado.

Relativamente à observação de Charaudeau e Maingueneau em relação ao analista substituir uma ideologia por outra, poderíamos também indagar, acrescentando ao que foi assinalado por aqueles autores, se, de algum modo, a ideologia do analista poderia, igualmente, contribuir para perpetuar as divisões sociais e o poder sobre as classes menos favorecidas. Ter-se-ia, então, de aprofundar esta questão no âmbito dos estudos desenvolvidos pelo modelo de Charaudeau e Maingueneau sobre AD. Por seu lado, a ACD possui como premissas apontar, explicar e criticar os discursos com “todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorrem” (RAJAGOPALAN, 2004:26 *apud* MAGALHÃES, MARTINS & RESENDE, 2017:15).

Enquanto a AD se interessa pelos mecanismos linguísticos de formação discursiva e as condições em que elas se estabelecem; a ACD “tem o propósito de investigar

criticamente a desigualdade social, porque ela manifesta-se, constitui-se e legitima-se no uso linguístico (ou no discurso)” (WODAK & MEYER, 2009:10 *apud* MAGALHÃES, MARTINS & RESENDE, 2017:21).

Além disso, a ACD possui o papel de analisar discursos em espaços particulares de uso da linguagem. O Facebook constitui um espaço no qual são nítidos os aspectos de mudança social, legitimando a necessidade de um olhar crítico também no que diz respeito ao uso da linguagem na construção de discursos que não contribuem para efetivas e democráticas relações sociais.

A esse respeito Magalhães, Martins & Resende ponderam que a

renúncia explícita a uma ilusória neutralidade é constitutiva da ADC.² Não há como pensá-la de outra forma. É no marco legal da democracia, da luta pelos direitos humanos, pelo fortalecimento da cidadania e pelo apoio a grupos minoritários e em desvantagem na sociedade, na perspectiva política, social e representacional, que a ADC atua e propõe uma contribuição (MAGALHAES, MARTINS & RESENDE, 2017:233).

Além disso, dessa necessária crítica das práticas discursivas no mundo contemporâneo, há a não menos fundamental efetivação das ações. Dessa forma, “é o momento em que a análise se torna reflexiva, questionando, por exemplo, sua eficácia como apreciação crítica, sua contribuição para a emancipação social” (FAIRCLOUGH, 2005:314).

A grande intersecção entre AD e ACD é a capacidade interdisciplinar de reflexão sobre a prática da linguagem, envolvendo disciplinas das Ciências Humanas numa intercambialidade linguística discursiva e, de uma determinada maneira, uma análise histórica. O estudo textual do discurso e sua interpretação também se revela como intersecção entre AD e ACD.

No entanto, o papel de analisar e revelar a função do discurso na perpetuação do poder e domínio social é da ACD. Cabe à ACD aprofundar a pesquisa considerando os mecanismos de imputação ideológica de perdas sociais presentes nos discursos políticos e nos meios de massa. Além disso, a ACD é um árduo trabalho de

² As autoras utilizam a sigla ADC (Análise do Discurso Crítica), que converge para vertente teórica dos trabalhos de Fairclough (1992, 1995, 2006). LITTERA ONLINE. Cinco perguntas para Van Dijk Número 3, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/448/271>. Acessado em 12/01/21.

conscientização do problema real nos chamados “discursos pós-modernos”: não veem alternativas e nem interesse na diminuição das desigualdades sociais e tão pouco uma agenda político-econômica que priorize essas práticas.

A ACD teve início com os estudos de um grupo de pesquisadores: van Dijk, Fairclough, Kress, Leeuwen e Wodak. Para demonstrar as especificidades da ACD, apresentamos e analisamos aqui trechos do discurso do então, em 2018, presidente Michel Temer, postado nos jornais *online El País Brasil*,³ de 17/02/2018 e *Agência Brasil*⁴, de 16/02/18, por ocasião do decreto de intervenção militar no Rio de Janeiro. Isso se mostrou uma estratégia político-eleitoral e, também, com vista a aprovar a reforma da Previdência o mais rápido possível, sem emendas, já que durante o regime militar não pode haver trabalhos no congresso.

Começamos uma batalha em que o único caminho será o sucesso. E contamos com os homens e mulheres de bem ao nosso lado [...].³

Ajustamos ontem à noite, com uma participação muito expressiva do presidente Rodrigo Maia [Câmara] e do presidente Eunício Oliveira [Senado], a continuidade da tramitação da reforma da Previdência, que é uma medida extremamente importante para o futuro do país. Quando ela estiver para ser votada, e naturalmente isso segundo avaliação das casas legislativas, farei cessar a intervenção.”⁴ [Grifos nossos]

3.1. Reportagem do Jornal *online El País Brasil*, de 17/02/18



³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518803598_360807.html. Acessado em 11/02/19.

⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-02/temer-vai-suspender-intervencao-no-rj-para-votacao-da-reforma-da>. Acessado em 11/02/19.

Nesse sentido, numa rápida análise do discurso de Temer, segundo van Dijk (2010), temos: **a)** coerência local: “*E contamos com os homens e mulheres de bem*”. Generalização feita com o intuito de afirmar que aqueles que o criticam não são “cidadãos de bem”; **b)** descrição dos atores: O governo vai “*derrotar o crime organizado e as quadrilhas do RJ*”; “*contamos com os homens e mulheres de bem ao nosso lado*”. Temos caracterização positiva, a fim de se promoverem os mais radicais que acreditam na derrota do crime através da intervenção militar; **c)** nível, detalhes e precisão da descrição: “*Ajustamos ontem à noite, com uma participação muito expressiva do presidente Rodrigo Maia [Câmara] e do presidente Eunício Oliveira [Senado], a continuidade da tramitação da reforma da Previdência*”. Nesse trecho, observa-se a estratégia de criar a imagem de um presidente que trabalha e toma providências. Segundo van Dijk (2010, p. 198), as descrições genéricas positivas “servem para extrair conclusões (de carácter preliminar) sobre aspectos políticos”⁵; **d)** o uso da metáfora: “*Começamos uma batalha em que o único caminho será o sucesso.*” Segundo van Dijk (2010, p. 204), “metáforas podem ser usadas como um meio de explicar fatos complexos e defender opiniões e atitudes igualmente complexas”⁶.

Numa entrevista, na mesma reportagem do jornal *El País Brasil*, do dia 16/02/2018⁷, a socióloga Julita Lemgruber refere que a intervenção no Rio constitui uma pressão da mídia, o que corrobora a análise linguística realizada anteriormente. A imprensa, pressionada pela elite brasileira, pode ter servido para legitimar a violência contra as comunidades mais vulneráveis sob a intervenção militar, não “contemplando a

⁵ Original em espanhol “sirven para extraer conclusiones (de carácter preliminar) sobre aspectos políticos”[van Dijk, 2010:198]

⁶ Original em espanhol “metáforas se pueden emplear como médio para explicar hechos complejos e defender opiniones y actitudes igualmente complejas”[van Dijk, 2010:204].

⁷ Para a socióloga e ex-diretora do sistema penitenciário do Rio e coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), a situação de falência na segurança pública já vem de anos. “O que me chama a atenção é o fato de que outros Estados têm um quadro também muito grave. A intervenção no Rio responde a uma pressão da mídia que colocou o foco no Rio de Janeiro”, argumenta ela. “Não nos enganemos. A intervenção pode momentaneamente transmitir sensação de segurança, mas, se não resolvemos algumas questões básicas da política de segurança do Rio, não vamos a lugar nenhum”, diz. [Jornal *online El País Brasil*, do dia 16/02/2018]. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518803598_360807.html Acessado em 07/10/19.

pluralidade de vozes envolvidas” em seus editoriais, com destaque para o Jornal Nacional, da Rede Globo (SANTOS & SANTOS, 2019:2).

Além disso, utilizando-se de enorme carga metafórica emotiva, a Rede Globo divulgou repetidas vezes discursos a favor da reforma da previdência.⁸ Faz-se necessário observar que a referida emissora de televisão, que tem 70% de audiência no Brasil, foi material de pesquisa em ACD e Semiótica, em 2018, das professoras Ângela Carrato, professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Eliara Santana, também jornalista, doutoranda em Estudos Linguísticos pela PUC Minas/Capes, sobre como 200 edições deste jornal mostram o silenciamento do ex-presidente Lula, conduzindo as interpretações do público.⁹

3.3. Argumentação no discurso de contexto político

O propósito comunicativo da linguagem está estreitamente ligado à argumentação. A capacidade discursiva de influenciar de alguma forma o interlocutor através da linguagem surge da necessidade de argumentar sobre algum ponto de vista e/ou uma determinada forma de ver o mundo (ou não vê-lo).

Dessa forma, o uso da palavra precisa de ser eficaz, refletindo perfeitamente a convicção do locutor com estratégias argumentativas que convença o interlocutor. O estudo da argumentação, enquanto prática de compreensão da interação verbal, está ligado a AD e a ACD. Na primeira, como reflexão das estratégias linguísticas de comunicação; e na segunda, como forma de compreender a manipulação do

⁸ “Nunca é demais lembrar que os grandes conglomerados de comunicação brasileiros, na qualidade de empresas capitalistas, possuem fortes interesses na aprovação da atual reforma da previdência. Coube à mídia, portanto, tornar cognoscíveis essas “vantagens” para o público”. Arnaldo Provasi Lanzara. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/reforma-da-previdencia-e-a-seguridade-social-no-brasil/>. Acessado em 22/02/2021.

⁹ Ângela Carrato e Eliara Santana: “Em junho/julho, com a proximidade das eleições e a subida crescente de Lula nas pesquisas de intenção de voto, há um novo movimento nas edições diárias do JN: o ex-presidente reaparece no noticiário, mas sempre em matérias enviesadas pelo tema corrupção.” Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/jornal-nacional-e-mostrar-como-cena-de-aviao-marcou-operacao-de-silenciamento-do-ex-presidente-lula.html>. Acessado em 22/02/2021.

discurso pelos grupos dominantes que contribuem com a manutenção das desigualdades sociais e o abuso de poder. Segundo Amossy, a análise da argumentação “apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções” (AMOSSY: 2018:11).

Com a *Retórica* de Aristóteles (348-322 a.C.) e a Grécia antiga, a concepção argumentativa tomava forma como uma unidade discursiva, pautada na necessidade de mostrar a “verdade” aos interlocutores numa tentativa de os convencer de alguma coisa.

Para AD, é importante “analisar, sob todas as suas facetas, o funcionamento da comunicação humana como fenômeno linguageiro, cognitivo e sociopolítico” (AMOSSY, 2018:9). Além disso, tenta responder a alguns questionamentos fundamentais para essa pesquisa: a troca argumentativa “autoriza um acordo e uma solução dos conflitos ou se lança em diálogos de surdos? Ela é instrumento da democracia ou lugar da manipulação?” É um instrumento eficaz argumentativo ou abre-se a raciocínios falaciosos? (AMOSSY, 2018:8).

Importa ressaltar que as teorias aqui já explicitadas e problematizadas podem ser convocadas conforme as necessidades dos procedimentos de análise. Considerando que o *corpus* elencado, em sua grande maioria, é composto pela modalidade escrita digital, é importante referir que a Linguística, de uma forma transdisciplinar, ainda caminha para compreender a discursividade no campo digital e a AD cumpre um papel centralizador neste campo e as suas análises constituem um contributo para análise deste objeto específico e para o estudo interdisciplinar com as outras áreas do saber.

Assim, importa estudar o impacto e o funcionamento das tecnologias digitais, que ampliaram os espaços para a tomada de posições e para estabelecer estratégias argumentativas que justifiquem essas posições no discurso. Como sabemos, essa faceta das relações sociais fundamenta-se no “fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e pelas relações de poder que significam estas divisões” (ORLANDI, 2010:12 *apud* DIAS, 2018:26).

Nas redes sociais, a tríade linguagem-sujeito-mundo adquire um sentido específico, pois nesse arcabouço está o digital, o empírico, que é uma realidade: “a forma material coloca a relação com a memória, o sujeito e as condições de produção” que nos possibilite a compreensão da produção dos sentidos que o discurso pode obter (DIAS, 2018:39).

Nesse sentido, para se compreender as discussões nas páginas elencadas no presente trabalho, é essencial: (i) descrever, criticar e justificar a capacidade argumentativa e (ii) analisar estratégias eficazes (ou não) de convencimento em interação. Apresentamos, assim, alguns pressupostos analíticos que subjazem ao estudo de enunciados que ocorrem no *corpus* que compõe esta pesquisa.

Em Cabral (2011), são elencados os fenômenos linguísticos a analisar no discurso:

- Conforme a Teoria da Argumentação, os conectores cumprem papel exemplar de conduzir uma argumentação: “mas”, “mas também” etc.
- O estudo no âmbito da análise dos atos de fala (conforme Austin) cumpre papel importante na argumentação, pois pressupõe um ato comunicacional para que seus efeitos sejam efetivados. São eles: locucional (refere-se a enunciados propriamente ditos dentro de uma formulação aceitável no sistema linguístico; ilocucional (é a força da enunciação, a língua como meio de atingir um objetivo, é dizer-fazer, por isso pode ter algum valor ilocucional); perlocucional (diz respeito como o interlocutor se comporta em relação ao enunciado de alguém e é diretamente ligado a um efeito perlocucional).
- As Máximas de Grice (1975), postuladas como princípios gerais da conversação, subordinados ao princípio de cooperação: a) Máxima da qualidade: não diga aquilo que acredita ser falso; b) Máxima de quantidade: faça sua contribuição a mais informativa possível; c) Máxima de relevância: faça sua contribuição com a maior relevância e pertinência possível; d) Máxima do modo: não seja obscuro e ambíguo. Seja objetivo e ordenado.
- *Tópos* (lugar, em grego, lugar comum): trata-se de justificar, sob os princípios de crenças, os raciocínios que conduzem a uma conclusão. “Se a conclusão está explícita, o *tópos* torna claro o percurso entre o argumento e a conclusão; se ela está explícita, ele é o princípio que permite o raciocínio que dá acesso a ela” (CABRAL, 2011:53). As argumentações sustentam-se “em lugares-comuns, ou regras de verossimilhança que determinam o que é aceitável como verdadeiro numa comunidade” (CABRAL, 2011:53). Ex.: Deus ajuda quem cedo madruga! Traz explícito a conclusão *se quer ter sucesso nos seus objetivos, você não pode acordar tarde*.
- O pressuposto é aquele em que o enunciado põe alguma coisa e pressupõe outra. Por exemplo: *Maria continua doente*. O enunciado

refere que a Maria está doente, mas pressupõe que Maria estava doente antes.

- Marcadores temporais argumentativos: enquanto, antes, antes que, até agora, agora que etc.
- Modalizadores: segundo Kerbrat-Orecchioni (1980, 1997) existem advérbios modalizadores que implicam um julgamento de verdade como “talvez”, “sem dúvida”, “certamente”, “verdadeiramente”; existem aqueles que implicam um julgamento de realidade como “realmente”, “efetivamente”.

Em Amossy (2018), são elencados os fenômenos discursivos a considerar na análise da construção do “eu” no discurso, especificamente a análise dos seguintes itens:

- O jogo com as emoções;
- A racionalização do argumento;
- As marcas estilísticas (como a repetição de exclamações, interrogações);
- Metáforas, antíteses e metonímias;
- Alguns paralogismos baseados em Locke (1690):¹⁰ a generalização abusiva; “o espantinho”, que consiste em ataque ao adversário discursivo sobre algum ponto, mas que, no entanto, é mal-entendido por aquele que ataca; a não pertinência (afastar o público da principal discussão, distraíndo-o com algo não irrelevante); alguns paralogismos em *ad: ad ignorantium* (não demonstro que algo é falso, por isso afirmo que é verdadeiro); os três a seguir derivados do anterior: *ad populum* (apelo à plateia para validar argumento que não foi efetivamente validado); *ad misericordiam* (apelo à piedade); *ad baculum* (argumento pela ameaça) (AMOSSY, 2018:161).

Há uma lista extensa de raciocínios argumentativos, tanto falaciosos e falsos em lógica, quanto eficazes em persuasão que, por razões de limite de tempo e espaço, não iremos citar e analisar no presente trabalho. Ressalta-se, no entanto, que pressupomos até que há argumentos dentro de um raciocínio falacioso que, surpreendentemente, podem cumprir seu papel persuasivo com sucesso.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as ações sobre o alocutário “funcionam no interior de uma comunicação verbal em que se aliam a numerosos fatores discursivos e interacionais para adquirir poder persuasivo” (AMOSSY, 2018:162). Num contexto complexo como a EPB 2018, as *fake News* cumpriram papel decisivo no resultado do pleito, adquirindo mais força que o fator lógico das estratégias

¹⁰ Ruth Amossy se refere a John Locke, filósofo empirista inglês [1652-1704]. <https://beduka.com/blog/materias/filosofia/quem-foi-john-locke/Acessado> em 17/12/19.

argumentativas. Por exemplo, é frequente postar *sites* ou *blogs* para ‘comprovar’ argumentos. No entanto, um observador mais atento, a fim de refutar ou não essa estratégia, precisa de verificar, no mínimo, a fonte da notícia, já que não há uma imparcialidade total nas mídias (e, muitas vezes, quase nenhuma).

No Facebook, as interações sobre política possuem uma característica comum: são imediatas, na medida em que o pesquisador pode saber em quantos minutos se deu a resposta a um *post*, normalmente, em pouquíssimos minutos e muitas vezes em segundos. A rapidez de uma reação a uma notícia, a um discurso, a uma frase, um acontecimento é impressionante, tornando o *corpus* de rede social um campo linguístico ainda a ser explorado e compreendido pela AD e ACD de forma multidisciplinar.

Por causa do imediatismo referido anteriormente, as interações polarizadas na rede social Facebook, nas páginas escolhidas, tendem a falhas argumentativas consideradas ingênuas, mas que, mesmo assim, são constantemente utilizadas por seus interlocutores, como poder-se-á observar na análise do *corpus* elencado. Isso significa que elementos semióticos, cognitivos, lexicais e semânticos são convocados para compreender o objeto complexo e desafiador posto em análise nas EPB 2018.

3.4. Ideologia nas eleições presidenciais

De um modo geral, o domínio de uma ideologia, pela sua natureza transformadora de uma realidade, está adequada aos anseios da classe dominante em detrimento das necessidades da classe dominada. Na medida em que essas transformações se acentuam, concretizam-se e necessitam de outras construções, outros desafios e outras certezas, a classe dominante elitista surge com suas ideias, suas teorias, para lidar com determinada realidade. No entanto, segundo Chauí, quando

sabe que suas ideias estão enraizadas na história, pode esperar que elas ajudem a compreender a realidade de onde surgiram. Quando, porém, não percebe a raiz histórica de suas ideias e imagina que elas serão verdadeiras para todos tempos e todos os lugares, corre o risco de estar, simplesmente, produzindo uma ideologia. De fato, um dos traços fundamentais da ideologia, consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis

as ideias elaboradas e a capacidade ou não que elas possuem para explicar a realidade que as provocou (CHAUÍ, 2012:13).

Dessa forma, a própria ideia de poder, enraizada nas sociedades divididas em classes, ou castas, e hierarquizadas socialmente, como a família, as instituições religiosas, a escola, o Estado, os partidos políticos, entre outros, é campo fértil para as manifestações ideológicas. E o “campo onde a ideologia manifesta mais explicitamente seu poder de enviesamento é, com certeza, o campo da atividade política” (KONDER, 2001:25).

O termo ideologia surgiu na França com os filósofos franceses Antoine Destruitt de Tracy e Joseph Marie de Gérando. A proposta era estudar, como uma ciência, as especificidades das ideias desencadeadas ao longo da História. No entanto, o termo ganhou outro sentido, mas de conotação negativa, pois as ideias são apresentadas, como enfatizou Chauí (2012), como verdadeiras, apesar da verdade histórica.

Desse modo, não tardaram a surgir correntes críticas da ideologia, como as de Karl Max e Engels, num contexto de lutas de classes, na qual a ideologia cumpriu o papel de encobrir interesses da classe dominante por possuir o poder capital, contra as classes dominadas. Como observa Konder, é desta análise que surge o chamado “discurso dos elitistas” que, preocupados com uma “ordem” político-social que não prejudicasse suas aspirações individuais,

repetem que são favoráveis ao “progresso”, mas sem sacrifício da “ordem”; recomendam “prudência” e “moderação”; e asseguram que qualquer “radicalização” nas reivindicações populares “igualitárias” pode prejudicar os delicados mecanismos de proteção das liberdades individuais (KONDER, 2001:29).

Podemos observar que o discurso político-ideológico de perpetuação do poder não se espelha nas práticas sociais igualitárias, mas num discurso que “pode conseguir convencer os outros de que os interesses particulares por ele representados coincidem com os interesses gerais da sociedade” (KONDER, 2001:29).

Neste último sentido, a ideologia se perpetua por lacunas, por subterfúgios falaciosos como instrumento de poder. A ideologia não pode ser interpretada dicotomicamente como falsa ou verdadeira, ou não se pode imputar sua incongruência ao “falar em ideologia dos dominados”, pois ela “é um instrumento

da dominação”, da desconstrução histórica e político-social, que vai se “adequando”, em hiatos, às estruturas sociais do seu tempo (CHAUÍ, 2012:136).

Longe de discutir exaustivamente todas as formas de ideologia, devido às especificidades óbvias desta pesquisa, sabendo-se que o termo sofre mudanças e acréscimos com as transformações sociais, propomos restringir-nos às práticas discursivas no contexto político eleitoral de 2018.

Dado o exposto, através dos discursos em análise, iremos verificar que a ideologia é um conceito histórico-político e social, que é convocado pelas classes dominantes para subverterem suas práticas e defenderem os seus interesses. De forma que o papel da ACD, na descrição e na crítica das estruturas discursivas ideológicas, segue, neste trabalho, as indicações de van Dijk, quando propõe “realizar uma análise sociocognitiva mais sistemática das estruturas ideológicas e dos processos envolvidos em sua (trans)formação e utilização” (van DIJK, 2017:49).

Nesse caso, Orlandi (2007:97) pontua que “ideologia não é ocultação, mas interpretação de sentido em certa direção, direção esta determinada pela história”. Num contexto político-eleitoral, no qual as condições de produção discursiva possuem papel preponderante, podemos afirmar que há uma soma desses fatores, resultando numa dissimulação reinterpretativa de fatos históricos em determinada direção ideológica. Segundo Konder,

no exercício do poder, aqueles que têm a posse dos grandes meios de produção inevitavelmente tendem a ficar convencidos (e tratam de convencer os demais) de que a situação de que se beneficia é, se não melhor, ao menos a menos ruim das situações.[...] Essa capacidade de se autoiludirem confere aos detentores do poder e da riqueza uma eficiência maior na argumentação (KONDER, 2001:26).

Um exemplo importante, apenas para começar entre tantos outros, foi a intervenção militar no Rio de Janeiro alguns meses antes das eleições. A justificativa para uma possível volta do poderio das forças armadas brasileiras foi a crescente onda de violência no estado, protagonizada por confrontos nas favelas entre policiais e traficantes de drogas. Um modelo que nunca deu certo, mas que é recorrente e aplaudido no Rio de Janeiro.¹¹

¹¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518803598_360807.html
Acessado em 15.03.20 .

Na postagem abaixo, da página no Facebook do jornal *El País Brasil*, podemos observar que a chamada questiona a eficácia do método da guerra às drogas com o agravante do uso das forças armadas em detrimento da história recente do país.

3.2. Postagem da página El País Brasil, 26/02/2018.



Nos dois trechos da reportagem a seguir, escrito pela repórter Eliane Brum, observa-se a tentativa, pelo Estado, de reinterpretação da história que justifique a intervenção militar:

“Num campo, apresenta-se uma demanda para embargar a memória. No outro, usa-se a marquetagem política para silenciar realidades, criando um espetáculo. Ao ser produzida como factóide, caso da intervenção federal no Rio, o ato encobre o fato. A segurança é uma questão urgente. Mas não é possível enfrentá-la sem admitir que a política de “guerra às drogas”, que já foi abolida em partes mais sérias do mundo, é parte determinante do aumento da violência.”

“A crise da democracia é global, mas há algo de particular na crise de cada país. Já escrevi em artigo anterior que a crédito que as raízes da atual crise da democracia no Brasil estão no próprio processo de retomada da democracia, após 21 anos de ditadura. As raízes da atual crise brasileira estão no apagamento dos crimes do regime de exceção e na impunidade dos torturadores e assassinos a soldo do Estado.”¹² [Grifos nossos]

Logo abaixo, um *post* em resposta a esses questionamentos, no qual **(2) CES** ofende a repórter, argumentando que a intervenção não é militar e que há razões

¹² Texto da repórter Eliane Brum, do jornal *El País online*, do dia 18/07/19. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/opinion/1519658924_002382.html. Acessado 12/06/19.

para o evento. Observa-se que **(2) CES** faz questão de afirmar ser de centro esquerda democrático, mesmo defendendo a intervenção, que claramente subverte a história da ditadura militar no Brasil. Além disso, há contradições que enfraquecem essa argumentação, como dizer que a intervenção não é militar e pedir para a repórter morar na zona norte da capital e dizer não para o exército.

(2) CES: Parei de ler em: “Inventaram uma intervenção militar no Rio”, é muita burrice uma jornalista escrever com o ânus. Primeiro, a intervenção não é militar, é do governo federal, na área de segurança, se o problema fosse econômico o interventor seria alguém do ministério da fazenda. Necessita de exército? O Rio, um estado de um país “em Paz”, apresenta índices de morte por arma de fogo maior que países em Guerra. Ora bolas, jornalista de araque, vai morar na zona norte do RJ, e diga não para o exército. Vai lá que eu quero ver. PQP! Sou de centro esquerda, social democrata, mas o caso do RJ, nesse momento em que os índices de criminalidade já apontam pra superar a desgraça de 2017, só com exército pra medida paliativa. O futuro nas mãos dos eleitores em setembro. [Grifos nossos]

Toda essa questão corrobora com nossas hipóteses e as postulações de Orlandi, van Dijk e Konder, anteriormente referenciados, pois, conforme avançarmos nesta pesquisa, perceberemos nos discursos de intervenção, de reforma trabalhista e da reforma da previdência social, uma ideologia política eleitoral que convence grande parte da população de que é menos mau perder direitos e ainda se submeter a uma intervenção militar do que “tudo isso que está aí” – frase que ficou muito popular nos discursos de direita no contexto de eleições, sobretudo na campanha do candidato vencedor Jair Bolsonaro e repetida exaustivamente por seus eleitores.

A ideologia que neste contexto se manifesta no discurso de **(2) CES** é a que exploraremos no *corpus* escolhido - com descrições, estratégias e críticas. É aquela em que cada sujeito “(sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social”(BRANDÃO, 2012:46-47).

Desta forma, a proposta é, entre outras que ainda exporemos, uma análise, segundo van Dijk (2017, p. 49), “sociocognitiva mais sistemática das estruturas ideológicas e dos processos envolvidos em sua (trans)formação e utilização”. Ainda segundo o autor,

as análises marxistas clássicas sugerem, de forma mais específica, que a ideologia dominante de um determinado período costuma ser a ideologia dos que controlam os meios de reprodução ideológica, especificamente, a classe dominante. Isso pode implicar que certos grupos ou classes dominantes desenvolveriam concepções distorcidas sobre sua situação

socioeconômica (“falsa consciência”), o que por sua vez, poderia levá-los a agir contra seus interesses básicos. De forma reversa, os grupos ou classes dominantes tendem a esconder sua ideologia (e, portanto, seus interesses) e terão por meta fazer que seja, em geral, aceita como sistema de valores, normas e objetivos “geral” ou “normal” (van DIJK, 2017:47-48). [Grifo nosso]

Portanto, as formas que o discurso retórico-ideológico e repetitivo da intervenção militar configura – que subentende o discurso que tem como *topos* o regresso da ditadura militar, defendida pelo candidato de extrema direita vencedor da eleição Jair Bolsonaro -, entre outras, serão analisadas também à luz da Linguística Cognitiva, que será apresentada no próximo subcapítulo.

3.5. Cognição, Contexto e Discurso: a palavra manipulada

Para van Dijk (2017, p. 46), há uma nova abordagem da ideologia no qual “se dá controle antes simbólico que econômico”. Essa concepção ideológica é antes de tudo uma prática construída pela cognição social, “tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos”, por exemplo (van DIJK, 2017:48).

A ideologia estimula interpretações, subverte as palavras e produz significados nas práticas sociais e na (re)construção da realidade. Dessa forma, essa operação ideológica “não se liga à falta, mas ao excesso” e é “o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados admitidos por todos como ‘natural’” (ORLANDI, 2017:96-97).

O termo Linguística Cognitiva (LC) foi adotado pela primeira vez pelos pesquisadores George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, motivados, ao contrário da teoria Gerativista, pela “perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais partilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas” (FERRARI, 2018:14).

Ou seja, a LC postula que há uma conexão entre a cognição e a apreensão do mundo. Uma vez que a linguagem no uso permite a construção dos sentidos, compreende-se que a LC aborde diversos aspectos semânticos-pragmáticos. Entre

estes, destacamos a polissemia e as metáforas conceituais que, como iremos demonstrar, ganham sensível importância no contexto político das EPB 2018.

Relativamente ao significado como “construção mental”, Ferrari afirma que

a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Trata-se, portanto, de estabelecer uma **semântica cognitiva**, a qual sugere uma visão **enciclopédica** do significado linguístico, em contraste com a visão de **dicionário** tradicionalmente adotada nos estudos semânticos (FERRARI, 2018, p.15). [Grifos da autora.]

Dessa forma, a manipulação cognitiva surge nas campanhas políticas como tentativa ideológica (quase sempre eficaz) de subverter o sentido das palavras, provocando discussões inflamadas nas redes sociais, em especial aqui o Facebook. Breton (1999) enfatiza que esse tipo de discurso manipulador e abusivo é comum na política e cita a palavra “terrorista” como exemplo de “enquadramento abusivo” de desqualificação de “militantes sandinistas ou da ANC sul-africana (na época do *Apartheid*)” (BRETON, 1999:87).

O autor ainda cita Andreas Freund, na obra “La Mésinformation, La Pensée sauvage” (1991) que desconfia que o emprego de “palavras enganosas” se apoia no princípio do “reflexo condicionado” dos psicólogos ditos comportamentalistas da escola pavloviana (FREUND, 1991:151 *apud* BRETON, 1999:87). Breton explica que

essa manipulação linguística (fazendo referência ao famoso cão de Ivan P. Pavlov, que o pesquisador fazia salivar com uma campainha): “É por mecanismo comparável que as palavras enganosas agem sobre o leitor: a palavra “terrorismo” toma o lugar da campainha; o reflexo condicionado que se deseja obter é a indignação. A “carne” utilizada para fazer “salivar” de indignação é a referência aos *autênticos* terroristas, à loucura assassina dos atentados cegos. Se se tem sucesso em associar o termo “terrorismo” a essa imagem no espírito das pessoas, ter-se-á *enganoso* o termo ... e se poderá provocar o mesmo reflexo de indignação por automatismo, sem a intervenção de nenhuma reflexão sobre as *diferenças eventuais (com a ação de outros grupos)*(FREUND, 1991:151 *apud* BRETON, 1999:87) [Grifos do autor]

Poderíamos citar aqui inúmeras manipulações de palavras nas quais a política tem sua mais emblemática protagonista. No entanto, nas EPB 2018, cinco palavras ficaram mais em evidência: “esquerda”, “direita”, “comunismo”, “nazismo” e “ditadura”. Não analisaremos todas aqui, mas podemos começar com a declaração do presidente do Supremo Tribunal Federal abaixo, num *post* da página *Leonardo Sakamoto*, do dia 01/10/2018:

3.3. Postagem da página Leonardo Sakamoto, de 01/10/2018.



Nesse *post*, é mostrada a declaração de Toffoli, chamando o Golpe de 64 de “movimento”, minimizando claramente um fato histórico tenebroso do Brasil. Sakamoto incentiva a discussão, indagando se agora “tortura” pode ser chamada de “chamego”. Desse modo, Breton chama esse tipo de subversão de “naturalização do real”, na qual, citando novamente Freund, qualifica de “termos que isentam de responsabilidade”(FREUND, 1991:165 *apud* BRETON,1999:90). E a explicação dessa estratégia usada por Toffoli veio num comentário na página do Sakamoto.

(3) LSO: Uma grosseria absurda que deve ser rechaçada por todas Universidades, entidades e instituições sérias desse país. Esse tipo de relativismo é resultado de um país que nunca enfrentou o passado perverso. Precisamos empreender uma Justiça de Transição no país. [Grifo nosso.]

A falta de responsabilidade do Estado, a falta de investigação e de, conseqüentemente, punições, legitimam declarações como a que observamos anteriormente, fortemente arraigada de ideologia e que, maliciosamente, manipula o produto cognitivo da enunciação, pois nesta está implícito um falso silogismo, detectado por Sakamoto: se o Golpe de 64 foi um “movimento”, logo não foi importante; a Ditadura, resultado do Golpe de 64, então também foi um movimento; logo, ambos foram apenas “um chamego”; ou seja, contraria o que consta nos fatos históricos do Brasil, nos quais pessoas eram torturadas e assassinadas em nome de uma suposta “invasão comunista”, entre outros.

Outro fator importante são os atos de fala, que explicitaremos no subcapítulo 4.2. Dias Toffoli é presidente do Superior Tribunal Federal, ou seja, autoridade máxima jurídica do Brasil. Segundo van Dijk (2018, p. 76), “poder-se-ia mesmo dizer que as condições pragmáticas, como nas relações de autoridade, poder, papel e polidez, operam sobre bases cognitivas”. Nesse sentido, Toffoli se utilizou de metáfora, de autoridade e de poder para apoiar o candidato da extrema-direita Jair Bolsonaro, que era, e ainda é, explicitamente a favor da volta da Ditadura Militar, deixando claro, diversas vezes, que ela “matou pouco”¹³.

Dessa forma, van Dijk ratifica que as “metáforas representam nossa concepção corporeizada, experiencial de conhecimento abstrato e completo do Discurso, conhecimento, poder e política” (van DIJK, 2010:182-183).¹⁴

Além disso, as metáforas são fortes instrumentos de argumentação discursiva, promulgada pelo conhecimento. Ou seja, essa aproximação evidente entre conhecimento, discurso e poder precisa chamar mais a atenção da Linguística Cognitiva (LC) e, concomitantemente, popularizar seus resultados como contribuição da Linguística contra as artimanhas do poder e da manipulação política e social.

Outro exemplo que ratifica nossa suposição de manipulação cognitiva do discurso é a dicotomia esquerda/direita, fortemente utilizada nas discussões no Facebook em ano de eleições e que ajudaram a construir um ambiente hiperpolarizado na rede com forte vantagem para o candidato da extrema-direita. Um dos mais impressionantes, com muita repercussão nas mídias, foi o *post* abaixo, da página *DW Brasil*, de 26/09/18:

¹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/veja-10-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-o-golpe-de-1964-e-a-ditadura-militar.shtml> [19.12.19]

¹⁴ Tradução livre da autora. No original: “metáforas representan nuestra conceptualización corporeizada, experiencial del conocimiento abstracto y complejo del Discurso, conocimiento, poder y política”.

3.4. Postagem da página *DW Brasil*, de 26/09/2018, no Facebook



Seguem alguns *posts* de resposta, para a seguir fazermos uma análise como um todo, apresentando uma pesquisa interessante sobre direita/esquerda. Lembrando que as postagens são reproduzidas o mais fiel possível ao original na página em termos de ortografia, concordância e regência e a privacidade da identidade do alocutário, aqui, é preservada:

- (4) **CP**: Passado? Um dos candidatos tem a vice filiada a Partido Comunista do Brasil
- (5) **LR**: **CP** e qual o problema: No mundo todo tem partido comunista. Portugal em si é governado por ele já fazem anos. Você deve estar confundindo o PC do B com o PCO (esse sim quer fazer umas coisas absurdas) Enfim, Portugal é um país comunista?
- (6) **DAP**: A China também é governada pelo Partido Comunista. Que burrice achar que comunismo foi igual ou pior que o nazismo, lendo um breve resumo das duas ideologias na internet já dá pra ver a enorme diferença entre ambas, mas duvido que alguém faça isso já que preferem jogar a culpa em tudo na esquerda pra satisfazer o próprio ego.
- (7) **FA**: **DAP** comunismo, nazismo, socialismo, fascismo, nomes diferentes para a mesma ideologia assassina. Sem mais!
- (8) **WP**: Cala a boca imbecil e vai esquerdar no colo da merkel.
- (9) **HL**: O alemão não conhece nosso sistema educacional. “Os conceitos ideológicos de tempos e mundos passados” sempre estiveram presentes nas salas de aula de nosso país, conceitos esses totalmente viesados idolatrando as ideologias de esquerda e massacrando os fatos e ideologia de direita. Só podia dar nisso.
- (10) **RB**: Que ideologia tem a direita, sabichão, conta pra gente.
- (11) **AM**: Que burro. Dá zero pra ele gente 😊
- (12) **HL**: RB pessoas acostumadas a só ouvirem mentiras durante a vida quando ouvem a verdade nua e crua chamam isso de aberração. Perfeitamente compreensível.
- (13) **IA**: Dá pena de tanta gente burra, que nunca se preocupou em estudar História, querendo falar de “ameaça comunista”, “nazismo de esquerda”, etc. Essas pessoas ignoram todo o estudo de especialistas para se basear apenas em fatos que tiram do próprio cu. Não são nenhum pouco mais inteligentes de que quem acredita em Terra Plana. O pior, eles estão no mais baixo nível de burrice. Naquele que a pessoa é tão burra, sabe tão pouco, que ela nem percebe que não sabe nada.

Percebe-se que a discussão, apenas nesse trecho de centenas no *post* da *DW Brasil*, gira em torno de direita/esquerda, comunismo/nazismo. Em **(4) CP**, **(5) LR**, **(8) WP**, **(9) HL** e **(12) HL** há “observações e suposições já armazenadas ou inferidas” em relação à direita, à esquerda, ao comunismo ser de esquerda e “conhecimentos/ crenças” que direcionam a complexa natureza cognitiva do discurso político (van DIJK, 2018:77).

Ao mesmo tempo, há um caráter epistemológico de racionalização argumentativa (Amossy, 2018), na qual os alocutários, desses *posts* elencados acima, duvidam do próprio correspondente alemão sobre o nazismo não ser de esquerda e que o comunismo é coisa do passado e lá deve ficar. Ou seja, a experiência alemã não serviu como argumento para os brasileiros e causa grande discussão na rede, cerca de 576 comentários e 3 mil compartilhamentos.

Nessa parte, não nos deteremos na história dos conceitos ou mais precisamente numa história da recepção dos conceitos, mas na relação complexa entre os significados das palavras e a realidade social vigente, nos quais o sujeito é agente da formação discursiva dele mesmo e isso remete a Pecheux (2014), exposto no capítulo 2. O autor confirma a necessidade de uma abordagem além dos limites linguísticos e ao mesmo tempo de evocação da semântica como parte importante da construção do sentido. Dessa forma, Silva (2017) completa, analisando a transitoriedade semântica dos conceitos e que

as palavras podem seguir caminhos inequívocos, os conceitos inequivocamente percorrem trajetos sinuosos – haja vista que as primeiras só se convertem nos seus correlatos quando condensam a inteireza (ou pelo menos parte substantiva) de uma conjuntura específica. Não por acaso, ao agrupar a variedade da experiência histórica em uma coleção de referências teóricas e práticas, estes estão mais suscetíveis à incompreensão dos indivíduos (SILVA, 2017:17).

Completando a análise de Silva, as especificidades de um conceito estão diretamente ligadas ao contexto histórico, apontando para além dos fenômenos linguísticos e isso se aplica “à noção de ideologia, a seus resultantes – os paralelos esquerda-direita – e aos principais objetos de investigação das ciências sociais – Estado, classe, ordem, mercado, revolução, entre outros” (SILVA, 2017:17-18).

É importante explicitar a visão de contexto para este trabalho que, num primeiro momento, tem relação com o contexto histórico de recepção desses conceitos e a

compreensão que se faz deles. Essa recepção, segundo Silva, “está sujeita às mais diversas incompreensões em virtude dos desvios e das ocultações, conscientes ou não, das transposições da linguagem” (SILVA, 2017:17). A ausência premeditada de um contexto tende a subverter as palavras e vem ao encontro de discursos políticos e ideológicos de perpetuação de poder e de manipulação social. Vejamos o *post* abaixo, que é continuação do anterior da DW Brasil:

(14) WV: Vamos falar o que precisa ser dito, sobre o sistema comunista, nazista e fascista, esquerdalhas corruptas e sanguinárias, precisamos mostrar as ações dessas organizações assassinas para não incedirmos no mesmo erro dos alemães, italianos, venezuelanos, cubanos, entre outros. Precisamos contar a verdadeira história para não cair na mesma mentira da esquerda nojenta e corrupta. Bolsonaro 2018 – 17 neles!

(15) HP: aumentar o número de ministros na suprema corte, - nova constituição sem participação do povo, - auto-golpe... Essas são as propostas do seu candidato. Sabe quem fez isso tudo? Chaves e Maduro. Seu candidato quer transformar o Brasil numa VENEZUELA.

(16) HP: Isso sem falar em: - fuzilar adversário, - assassinar 30 mil brasileiros, tortura, - “as minorias devem se adequar ou simplesmente deixarem de existir”, - “não tem essa historinha de estado laico”. Isso tudo seu candidato falou que quer fazer. Sabe quem fez coisas assim? COMUNISTAS.

(17) KP: o pior não é debater conceitos de outros tempos, o pior é criar conceitos ou admitir teorias conspiratórias como verdades!!! como diz a velha frase: “falta cultura pra cuspir nas estruturas”.

Nesses *posts*, pode-se corroborar os estudos de Charaudeau & Maingueneau (2018), quando ponderam que o discurso é orientado pelos interactantes; é uma forma de ação, quando afirma e sugere como forma de convencer; é interativo, na medida em que se utiliza de uma rede social incrivelmente imediata e que serviu de “combate” nesta eleição de 2018; é sempre contextualizado, pois o sentido é construído na interação dos participantes; é inevitavelmente assumido em sua subjetividade; é regido por normas, mesmo que elas sejam quebradas ao longo do processo comunicativo, mas outras são observadas; e é assumido em interdiscursos, pois podemos verificar que os quatro *posts* se utilizam de outros discursos de uma forma pragmática para convencer seus alocutários.

No *post* de **(14) WV**, “esquerdalhas”, e no *post* de **(15) HP**, “VENEZUELA” e “COMUNISTAS”, são evocados também pelo contexto. Como bem aponta van Dijk (2012), os contextos são modelos mentais, nos quais as crenças e as situações do dia a dia não podem ser descontextualizadas. Ou seja: “os ‘con-textos’ são assim chamados porque, etimologicamente, eles vêm *junto* com os ‘textos’” (van Dijk, 2012:21). [Grifos do autor]. Com relação a isso, van Dijk argumenta que “os contextos

só são levados em conta com o fim de compreender ou analisar melhor o discurso” (van DIJK, 2012:9). Por conseguinte, são

relativamente poucos os estudos voltados para os condicionamentos contextuais que pesam, por exemplo, sobre [...] a escolha do assunto, os esquemas noticiosos ou argumentativos, o estilo das manchetes de jornais, os atos de fala, [...] as estratégias de persuasão e manipulação, dentre inúmeras outras propriedades do discurso (van DIJK, 2012:160).

O estudo do contexto ainda caminha lentamente para uma teoria satisfatória, mas o que o autor já pôde observar, preliminarmente, nos permite aproximá-lo dos estudos da AD e ACD. E como modelos mentais, neste caso, além de contextuais, são ideológicos.

Vejamos que o conjunto heteróclito de conceitos em **(14) WV** utilizada pelo interactante como argumento de que é melhor votar em Bolsonaro, é contra-argumentada em **(15) HP**, **(16) HP** e **(17) KP**. Sendo que, em **(17) KP**, a concepção discursiva e linguística – já mencionada por Maingueneau (2018) no subcapítulo 2.1 –, refletida por **(17) KP**, questiona o “nós” de **(14) WV**, promovendo sentido nesse caos polarizante pré-eleições. **(17) KP** explicita a discussão com o enunciado de que falta conhecimento para discutir. Além disso, comprova as reflexões de Amossy (2018) a respeito das armadilhas dos raciocínios falaciosos travestidos de argumentação, quando carece de conhecimento e se utiliza de manipulação ideológico-político e social.

Ainda em Amossy (2018), analisando algumas estratégias de incapacidade argumentativa, ou seja, falácias: em relação a **(14) VW** e **(7) FA**, na postagem da *DW Brasil*, de 26/09/18, há generalização abusiva nessa ordem: “comunista, nazista e fascista, esquerdalhas corruptas e sanguinárias”; “mesmo erro dos alemães, italianos, venezuelanos, cubanos, entre outros”; **(7) FA**: “comunismo, nazismo, socialismo, fascismo, nomes diferentes para a mesma ideologia assassina. Sem mais!”. Em ambos há paralogismos *ad ignorantium*, pois não demonstra que seu argumento é falso, pois há interesse em mostrar que este é verdadeiro; em ambos também há paralogismo *ad populum*, isto é, há um apelo aos interlocutores para validar o argumento de que não foi efetivamente validado pelos demais.

3.6. A Semiótica no discurso de manipulação político-ideológica

O ano de 2018, dada a movimentação política para eleição de presidente e demais cargos públicos, foi marcado pela perplexidade e complexidade. Como foi explicitado na apresentação do *corpus* desta pesquisa, as *Fake News* deram o tom das manifestações, tendo como arcabouço comunicativo principal o aplicativo *WhatsApp*, que, de tanto sucesso no mundo inteiro, alçou voo de rede social, compartilhando todo tipo de (des)informação. Tanto o Facebook quanto o *WhatsApp* foram os instrumentos legitimados pelos seus usuários para ajudar, no Brasil, a ação política, tendo tido um papel não negligenciável nas eleições para presidente, governador e outros cargos públicos naquele ano no Brasil.

Dessa forma, além da linguagem verbal, elencam-se as imagens, os símbolos, como forma de argumentação para convencer os eleitores a votarem em determinado candidato e afastar outros. E nesse percurso, o papel da Semiótica, como “teoria dos signos e do pensamento deliberado”, vem completar algumas lacunas nos estudos da linguagem (SANTAELLA, 2012:44). Segundo Nörth e Santaella,

a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos sígnicos na cultura e na natureza. Ela estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos. Os processos em que os signos desenvolvem o seu potencial são processos de significação, comunicação e interpretação (NÖTH & SANTAELLA, 2017:7).

É vasta a literatura sobre o estudo dos signos e em várias perspectivas, mas todos comungam com a visão de signo como algo além do explícito, ou seja, seu objeto¹⁵.

Muitas questões sobre a natureza, a arbitrariedade ou não dos signos, por exemplo, não cabe abordar numa pesquisa como a presente dissertação com tantas teorias linguísticas a serem analisadas. Portanto, assinalemos o mínimo de aspectos mais importantes que possam corroborar os pressupostos elencados aqui.

¹⁵ Com Saussure, surgiu essa ciência dos signos, “que tomaria emprestado da Linguística seus conceitos principais [...]” (BARTHES, 2012:9). No entanto, Saussure, em suas aulas, não teve tempo de postular que as coisas “imagens, comportamentos podem significar, claro está, e o fazem abundantemente, mas nunca de uma maneira autônoma” (BARTHES, 2012:14). Ou seja, o sistema semiológico retoma a linguagem, pois recorre-se à língua que “lhes denomina os significantes (sob a forma de nomenclaturas) e lhes denomina os significados (sob a forma de usos ou razões)”, indo muito além da escrita (BARTHES, 2012:14).

É importante destacar que o “signo se refere a algo diferente de si mesmo” e “refere-se a, representa ou indica o seu objeto” (NÖTH & SANTAELLA, 2017:11). Para Polguère, “**signo**, em sentido amplo, é uma associação entre uma *ideia* (ou *conteúdo* do signo) e uma *forma* – sendo os termos *associação*, *ideia* (ou *conteúdo*) e *forma* tomados em sua acepção mais geral possível” (POLGUÈRE, 2018:33). [Grifos do autor]

Faz-se necessário, no entanto, abordar alguns aspectos que envolvem o estudo dos signos que vem ao encontro das especificidades do *corpus* deste trabalho: o primeiro diz respeito à terminologia apontada, à *semiose*, pois adota-se aqui “o funcionamento desse signo enquanto vetor de informação”, ou seja, os signos com clara intenção comunicativa (POLGUÈRE, 2018:35). Explicando melhor, o autor assinala que, opostamente

à semiose, que é “algo que acontece”, o signo é uma entidade abstrata ou, melhor, inerte: uma simples associação entre conteúdo e forma. Pode-se, então, comparar o signo, tomado em si mesmo, a uma lâmpada elétrica apagada, e semiose, que faz funcionar o signo, ao funcionamento dessa lâmpada: a lâmpada acesa que ilumina uma sala. A semiose, para se realizar plenamente, deve propiciar uma recepção de informação por aquele que interpreta o signo em funcionamento. Assim, portanto, uma análise completa de um fato semiótico implica que se leve em consideração pelo menos: 1) o próprio signo, 2) o emissor do signo (no caso de signo intencional) e 3) o receptor da informação ou, mais precisamente, o intérprete do signo (POLGUÈRE, 2018: 35).

Levar em consideração essas três implicações na análise da *semiose* nos *posts* do Facebook é indispensável. Como abordaremos aqui os signos notadamente intencionais - com clara intenção discursivo-comunicativa e, principalmente, de manipulação - achamos necessário explicitar as quatro relações conteúdo-forma nos signos: ícone, símbolo, índice e híbrido. Lembramos que não nos deteremos nas diversas concepções de análise dos signos por não caber nos propósitos deste trabalho e por pressupormos ser o suficiente o explanado aqui. Para os nossos objetivos, procuraremos apontar e fazer uma análise crítica das imagens que fizeram da EP2018 a mais polarizada da história da república brasileira e como essas imagens ajudaram a alcançar o efeito desejado de manipulação da opinião pública.

Um exemplo de signo ícone é o desenho de uma bolsa na porta de um toalete, fazendo assim uma analogia entre seu conteúdo (toalete feminino) e sua forma (desenho da bolsa); exemplo de *símbolo* é a relação não lógica entre a palavra

pato, que é um símbolo, portanto, seu conteúdo, e sua forma (a ave), pois, como iremos ver, o pato teve uma importância simbólica, tendo o seu uso sido realizado pelas franjas do eleitorado da direita que se manifestaram a favor do *impeachment* da ex-presidente Dilma; no exemplo de *Índice*, ao contrário, existe uma relação de proximidade entre o conteúdo e a forma: abordaremos aqui os *signos intencionais* como, por exemplo, posicionar o dedo indicador e polegar para representar uma arma – gesto que marcou a campanha do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Neste caso, temos o conteúdo (intenção de matar) e a sua forma (o gesto com a mão, imitando uma arma). Assim, como há uma linha tênue entre Estilística e Discurso, também ocorre uma aproximação muito significativa entre Semiótica e Pragmática.¹⁶

O caráter pragmático-discursivo e ideológico dos signos fica evidente quando eleitores de Bolsonaro o imitam fazendo arma com as mãos. Ou seja, no contexto político-social daquele ano, fazer arma com a mão é um discurso a favor do candidato Jair Bolsonaro, pois o gesto foi sua marca na campanha. Além disso, infere a *proposição* “bandido bom é bandido morto” e ratifica a posição do eleitor *bolsonarista* que é a favor de se armar a população para se defender de bandidos.

Ter-se-ia, desse modo, um discurso de contrassenso, pois retira-se a responsabilidade do Estado pela segurança, que deveria pensar e agir através de, principalmente, políticas públicas de prevenção da criminalidade e através de inteligência investigativa e não de confrontos que geram cada vez mais mortes de inocentes.

Abaixo um post da página “*Meu Professor de História*”, na qual o presidenciável Guilherme Boulos resume bem o que o gesto significou na campanha de sucesso de Jair Bolsonaro que, por ironia, foi vítima de um atentado às vésperas das eleições:

¹⁶ Deve-se ao norte-americano Charles S. Peirce a primeira menção da palavra pragmática em 1878. Sobre o processo semiótico, cf. os estudos de Joaquim Fonseca (1992, 1994).

3.5. Postagem da página *Meu Professor de História*, do dia 08/09/2018.



Desse modo, também podemos classificar um signo como híbrido, quando apresentam características de duas das classes explicitadas acima. Ou seja, o signo que indica toalete feminino, por exemplo, é icônico, mas também simbólico, pois estabelece uma convenção que indica uma contraposição a homem. Fazer arma com mão, gesto popularizado entre os eleitores de Jair Bolsonaro e que está implícito a máxima “*bandido bom é bandido morto*”, pode ser classificado como ícone por seu conteúdo (a intenção de matar) e sua forma (o gesto com as mãos imitando arma), mas também, índice, quando se pode interpretar a significância do gesto.

Logo, observa-se seu caráter híbrido, além de simbólico, pois o “signo linguístico é, acima de tudo, simbólico, e essa é uma das suas características essenciais” (POLGUÈRE, 2018:37). Esse gesto virou um símbolo do então candidato com seus significados discursivos não tão implícitos: armar é solução para matar bandido e legitimação da violência.

Outro exemplo que ficou muito marcado nas eleições foi a camisa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), utilizada nas manifestações de 2013 e 2016. Passando a fazer parte da campanha de apoiantes do *impeachment* da, então, presidente Dilma Rousseff nas eleições de 2018, a camisa da CBF dizia respeito àqueles que pediram “Fora, Dilma”, “Tchau, querida” e aos eleitores simpatizantes da extrema-

direita.¹⁷ Desse modo, temos um signo híbrido: é um símbolo em sua essência, pois remete para a bandeira do Brasil, associando-o a noções como “patriotismo”, relacionando-o com “patriotas que amam o Brasil” e que pertencem às franjas políticas da direita; é *ícone*, pois se contrapõe à esquerda associada à cor vermelha do PT (Partido dos Trabalhadores) grande “inimigo” de Bolsonaro e o partido mais atacado por ele nas eleições 2018. Conseqüentemente, é *híbrido*, quando apresenta mais de uma característica das concepções apresentadas.

3.6. Reportagem do Jornal *El País* online, de 16/06/2018



Além da camisa da CBF, o pato também simbolizou a direita no *impeachment* da ex-presidente Dilma. Podemos ver na reportagem acima apresentada, vários manifestantes com bonecos infláveis em forma de pato com olhos cegos, representado pelo xis. Esse símbolo foi idealizado pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) - que teve participação ativa no Golpe de 1964 - e tinha como lema a conhecida expressão: “*Não vou pagar o pato*”. Ou seja, “*não vou ser penalizado pelas decisões deste governo*”, o que, na realidade, significava “*penalize a classe trabalhadora e não o empresariado*”.

Nesse caso, o signo *pato* é símbolo, pois não encontra relação lógica entre conteúdo e forma, é *índice*, pois o seu uso por manifestantes em atos públicos

¹⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html
Acessado em 02/03/20.

políticos permite interpretar a presença nesse símbolo de uma relação político-discursiva e ideológica de direita. Por ter esta última interpretação, aqueles que se vestiam com a camiseta amarela da CBF foram reconhecidos e alcunhados de “*manifestoches*” (manifestantes fantoches), por desconhecem ou se sentirem representados pela ideologia que pregava a Fiesp, isto é, eram interpretados como “simples fantoches que se manifestavam contra si mesmos”.

3.7. Reportagem do jornal O Globo, de 12/02/2018.



Ala da Paraíso do Tuiuti mostra os pobres como 'patos' da classe dominante durante manifestações — Foto: Alexandre Durão/G1

Na reportagem acima, vemos a ala “Manifestoches”, da Escola de Samba Unidos do Tuiuti, a qual satiriza os apoiadores de uma ideologia que poucos conheciam e não se davam conta de que impulsionavam retrocessos contra si mesmos.¹⁸ Nesse sentido, o signo não é neutro, é significado e ressignificado e, nesse processo contínuo, é discurso além das instâncias textuais. De acordo com Santaella (2015:17), “as imagens são, na realidade, cognitivamente astuciosas, ardilosas, exigindo, portanto, percursos de aprendizagem que levem em conta os esconderijos, às vezes recônditos, de sua aparente abertura expositiva”. Daí as postulações de linguagem híbridas dos signos, em sua maioria, levando-se em conta o mergulho que a humanidade fez e continua fazendo no aparato digital. Analisar as imagens que foram as mais relevantes do pós-eleições 2018 é apontar

¹⁸ Reportagem do Jornal O Globo disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/desfile-da-paraíso-do-tuiuti-tem-presidente-vampiro-de-destaque-e-ala-de-manifestantes-fantoches.ghtml> . Acessado em 17/08/19.

e criticar os elementos que deram significação ao evento, tendo por base a *competência simbólica* narrativa.¹⁹ Ou seja, nas imagens anteriores neste subcapítulo, mesmo sem a ajuda verbal, pode-se inferir o momento histórico sob as especificidades contextuais. A semiose – na vertente de Pierce, a própria ação interpretada - é um produto semântico-pragmático, quando se refere a um conjunto de fenômenos interpretáveis implícita ou explicitamente.

Um fato ocorrido no ano de 2018 foi o assassinato da vereadora Marielle Franco, no mês de março. Marielle foi atingida dentro do carro, após ter saído de uma reunião no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

3.8. Postagem da página Conversa Afiada, de 16/03/2018.



Os elementos semióticos começam na própria figura de Marielle: mulher, negra e lésbica. Toda a carga de preconceito que se manifestou relativamente a esta tríade constituiu um discurso semiológico que ganhou dimensões mais complexas em ano de eleições com fortes discursos de preconceito e a favor da ditadura militar, conforme foi analisado e discutido pela mídia do Brasil.

Observemos o seguinte exemplo:

¹⁹ Segundo Hartmann, “a competência simbólica remete à capacidade de o falante posicionar-se crítica e ativamente diante das situações que lhe são apresentadas. Nesse sentido, o simbólico busca fomentar a formação de pensamento crítico e compreender os objetivos e intenções por trás do discurso de seu interlocutor”(HARTMANN, 2020:26).

3.9. Postagem da página BBC News Brasil, de 15/03/2018



Considerando que a semiose é empregada como um conjunto de fenômenos “que relacionam a língua com o contexto de enunciação e de interpretação dos enunciados, chamados contextos pragmáticos” (POLGUÈRE, 2018:35), a ausência de notícias sobre este crime, há mais de dois anos do ocorrido (e o tempo funciona a favor dessa interpretação), inscreve-se numa *semiose* que poderá permitir a interpretação crítica da impunidade da violência contra a mulher e do racismo que ocorre na sociedade brasileira. Quando analisamos o esclarecimento dos fatos, verificamos que a falta de punição cumpre o papel de legitimação da violência e do racismo.

3.7. A faceta multimodal do *corpus*: perspectivas linguísticas e cognitivas sobre o discurso

Quanto à problemática dos gêneros do discurso, Bakhtin lembra que “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e enfatiza que “o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana”(BAKHTIN, 2003:261).

Ou seja, a classificação dos gêneros e sua organização dentro de determinadas características de veiculação fazem parte da construção dos sentidos. Segundo Bakhtin,

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [e em outras semioses] concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003:262).

Dessa forma, esta construção composicional que Bakhtin aponta pode ser a conexão entre a teoria consagrada - para qual o autor contribuiu efetivamente -, mas não esgotada, dos gêneros textuais e as atuais especificidades comunicativas de massa. Rajagopalan (2013) lembra a eficácia dos, então, microblogs, transformados rapidamente em “microjornalismos” e alavancados em macrojornalismo, como o Facebook, principalmente em relação às campanhas eleitorais pelo mundo. E o autor aponta que não “pode haver mais nenhuma dúvida quanto a isso: essas novidades estão drasticamente alterando nossas formas de pensar jornalismo e campanhas eleitorais” e, também, os modos de comunicação (RAJAGOPALAN, 2013:48).

Consequentemente, não podemos pensar em gêneros, quando se percebe as especificidades da comunicação mediada pelo computador, pelo *smartfone*, *tablet*, entre outros. É evidente que “o volume e as formas da comunicação de massa, desembocando no uso de múltiplas formas e mistura de gêneros e recursos semióticos” no Facebook e em outras redes sociais vêm desafiar os estudos sobre a linguagem (RAJAGOPALAN, 2013:50).

Diante dessa perspectiva, surge a necessidade de um olhar sobre os múltiplos modos de linguagem emergidos da internet e dos aplicativos de comunicação, indo além do texto escrito na produção de sentidos. A ACD, tendo como palco discursivo a EP2018 e um *corpus* investigativo multifacetado, propõe apontar, descrever e criticar como os diferentes dispositivos semióticos, como *memes*, vídeos, *emoticons*, entre outros, estabelecem sentidos e que sentidos produzem nesse contexto, no qual o discurso corrobora sua função intrínseca de prática social. Ou seja, o “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de

significação do mundo, constituindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001:91).

Para tanto, comecemos por apontar a importância da Semiótica Social que inclui, como uns dos seus expoentes, van Leeuwen (2005). O autor argumenta que “assim como a sociedade muda, novos recursos semióticos e novas maneiras de utilizar os recursos existentes podem ser necessários” (VAN LEEUWEN, 2005, *apud* TRAJANO, 2012:8). Os recursos semióticos utilizados no Facebook cumprem papéis argumentativo-discursivos nos quais os interlocutores tentam todas as possibilidades disponíveis na rede social para persuadir (e/ou provocar) seu “oponente” político. Dessa forma, os significados são construídos e, também, reconstruídos na interação verbal, conforme seus interlocutores confirmam, negociam, constroem e desconstróem crenças e valores. Aquino & Palumbo referem que

o meio digital modificou alguns papéis sociais dos sujeitos do discurso, principalmente quanto a disseminação da informação e à negociação de pontos de vista, em decorrência de ter gerado oportunidade para inúmeras pessoas exporem opinião em espaços públicos, antes, reservados a uma minoria. Além disso, o fato de os discursos alcançarem rapidamente interlocutores não previstos e poderem influenciá-los permite que se processem interações polêmicas e conflituosas de modo acentuado (AQUINO & PALUMBO, 2014:1).

Como importante contributo em relação aos estudos sobre a mudança social, as práticas discursivas, a AD e a ACD, temos, como referimos anteriormente, Norman Fairclough (2001). A Teoria do Discurso Social que o autor preconiza possui relação estreita com a AD francesa, quando enfatiza o papel da linguagem e da ideologia nas práticas e mudanças sociais. Segundo o autor, “a análise do discurso deve ser idealmente um empreendimento interdisciplinar”, devido, entre outros, aos “processos sociocognitivos de produção” e constituição dos sentidos (FAIRCLOUGH, 2001:276). Em relação à ACD, Fairclough afirma que

é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas” (FAIRCLOUGH, 2005:309).

Dessa forma, fica evidente o diálogo da Linguística Sistêmico-Funcional e a Semiótica: a primeira, por evidenciar a linguagem em uso, ou seja, aquela pela qual se materializam os discursos da realidade do dia a dia do sujeito social; e a

segunda, por reconstruir e ampliar essa evidência em combinações multifacetadas das visões de mundo, dos contextos sociais, das especificidades culturais e do conhecimento partilhado. A partir deste jogo linguístico e extralinguístico, produzem-se as semioses, os significados das práticas comunicativas visuais mediadas: os textos multimodais.

No entanto, em relação às especificidades da AD, propomos aqui o exposto por Lopes e Carapinha (2013) no que diz respeito à relevância dos segmentos linguísticos que se articularão aos aspectos semióticos-cognitivos e pragmáticos para a análise de textos multimodais. Como os diversos gêneros, as formas discursivas e os estilos se articulam. Fairclough esclarece:

A suposição que se faz aqui é que uma interação (ou texto) é tipicamente híbrida em termos de gêneros, de discursos e de estilos, ou seja, parte da análise está relacionada com o desenvolvimento de uma mistura particular de certos tipos de interação. O segundo aspecto é a análise linguística e de outras formas de investigação semiótica, como é o caso das imagens visuais (FAIRCLOUGH, 2005:313).

A Semiótica Social, como conceito teórico-metodológico, permite adotar, neste trabalho, a noção de texto multimodal como combinações de semioses, tanto na concepção de Fairclough (2005:310) “como parte da vida social” e que se inscreve em “gêneros discursivos”, como na perspectiva do uso dos signos com clara veiculação de semioses, ou seja, “o funcionamento desse signo enquanto vetor de informação” (POLGUÈRE, 2018:35).

No entanto, percebe-se pelo exposto acima, que o produto interpretativo está diretamente ligado à abordagem do *ponto de vista*: este “refere-se a essa posição mental e inclui percepções sensoriais concretas e conceitos abstratos” (BORKENT, 2017:539).²⁰

As experiências no mundo contemporâneo, cada vez mais “multimodalizado” pelos ambientes virtuais, pelos espaços de debates das redes e pelos aplicativos de comunicação *online*, requerem abordagens investigativas multidisciplinares. Segundo Vandelanotte e Dancygier, há

²⁰ Tradução livre da autora. No original: “refers to this mental position and includes both concrete sense perceptions and abstract concepts”.

maneiras de abordar a multimodalidade. Talvez a abordagem mais conhecida seja a partir da perspectiva semiótica, onde o interesse no significado das imagens é uma opção natural (por exemplo, Kress e van Leeuwen, 1996); um interesse nas características visuais intrínsecas do texto escrito e impresso e nas chamadas "pragmáticas na página" (Carroll et al., 2013) também foi explorado (por exemplo, Borkent, 2010, Kendall et al., 2013) (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:1).²¹

Além da abordagem semiótica defendida acima, os autores discorrem que alguns "conceitos linguísticos cognitivos têm sido usados com frequência para discutir a comunicação multimodal" e muito "do trabalho cognitivo sobre multimodalidade opta por estudar a expressão multimodal da metáfora" (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:2).²² Aqui os autores preconizam as especificidades da *metáfora conceptual* que possibilita analisar dois domínios de significados. Segundo os autores,

conceito de metáfora conceptual baseia-se na possibilidade de distinguir dois quadros, um dos quais constitui a fonte, enquanto o outro constitui o alvo. A metáfora conceptual parece ser ideal para a análise de artefatos que envolvem dois domínios de significado: como o domínio de destino geralmente é abstrato, a representação visual pode oferecer uma representação do domínio de origem (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:2).²³

Pode entender-se como artefatos, aqui proposto pelos autores, como linguagem em semioses que preconiza os estudos das manifestações sociais e culturais. Dessa forma, os gêneros do discurso são artefatos "particularmente úteis na expressão de pontos de vista múltiplos ou contrastantes" (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:4).²⁴

Outra possibilidade é analisar a mistura de imagens e textos, "na evocação metonímica de quadros, usando quadros pré-existentes e aplicando-os às

²¹ Tradução livre da autora. No original: "many ways to approach multimodality. Perhaps the best known approach is from the the semiotic perspective, where the interest in the meaning of images is a natural option (e.g. Kress and van Leeuwen, 1996); an interest in the intrinsic visual features of written and printed text, and in so-called "pragmatics on the page" (Carroll et al., 2013), has likewise been explored (e.g. Borkent, 2010, Kendall et al., 2013).

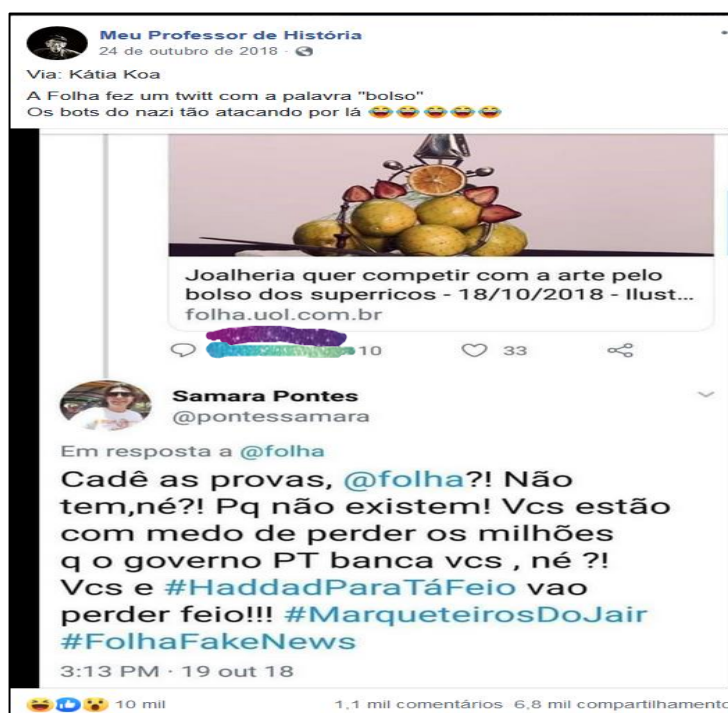
²² Tradução livre da autora. No original: "cognitive linguistic concepts have been used often to discuss multimodal communication"; "of the cognitive work on multimodality chooses to study multimodal expression of metaphor".

²³ Tradução livre da autora. No original: "concept of conceptual metaphor is based on the possibility of distinguishing two frames, one of which constitutes the source, while the other constitutes the target. Conceptual metaphor seems ideally suited to the analysis of artefacts which involve two meaning domains: because the target domain is often abstract, visual representation may offer a depiction of the more concrete source domain."

²⁴ Tradução livre da autora. No original: "particularly helpful in expressing multiple or contrasting viewpoints."

situações atuais para atingir objetivos retóricos” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:3).²⁵ Um exemplo de “quadro metonímico” é o *post* abaixo, no qual Folha e Joalheria representam “sub-domínios” (Silva, 2003:17) de repórteres/editores e proprietários de loja, respectivamente. Nesse sentido, temos uma metonímia bastante frequente: o uso de “instituições” pelas “pessoas responsáveis”. Aquele “sub-domínio é mentalmente activado ou destacado, tendo este último sub-domínio como ponto de referência” (SILVA, 2003:17).

3.10. Postagem da página *Meu Professor de História*, do dia 24/10/2018.



Neste *post* do “*Meu Professor de História*”, do dia 28/10/18, dando continuidade à análise de textos multimodais, temos a identificação do administrador na página, que remete para a sua posição, na página principal (apresentada no ponto 2.4 do presente trabalho), contra a eleição do candidato Jair Bolsonaro, evidenciada pela foto do então candidato às eleições Luís Inácio Lula da Silva.

O administrador também se posiciona como esclarecedor de fatos históricos, para desconstrução de argumentos contrários a estes. Numa análise multimodal

²⁵ Tradução livre da autora. No original: “on metonymic frame evocation, using pre-existing frames and applying them to current situations to achieve rhetorical goals.”

cognitiva, tendo como parâmetros apenas essas informações, corroboram os estudos de Borkent, quando afirma que as

ferramentas analíticas da linguística cognitiva podem ser expandidas e incorporadas a uma gama de fenômenos multimodais e sua pesquisa interdisciplinar associada, devido à dinâmica estabelecida e à base incorporada de significado. Claro, essas ferramentas analíticas não devem ser promulgadas como éditos teóricos predeterminados, mas como bases de teste para teorias multimodais de cognição e mediação (BORKENT, 2017: 558).²⁶

Além disso, as informações elencadas acima, ao abrir a página citada, constituem signos, semioses e pontos de vistas, pois estabelecem, antes de tudo, nessa ordem: significação, apresentação híbrida dos gêneros e interpretação dos significados. Dessa forma, podemos afirmar que esses dispositivos são fenômenos multimodais complexos que, por sua vez, são ferramentas discursivas de mudança social, que exercem importante papel nas práticas sociais contemporânea ainda em estudo.

As motivações e implicações notadamente intersubjetivas e possibilitadas pela hibridação semiótico-discursiva contribuem para “um relato mais robusto da compreensão multimodal” (BORKENT, 2017:559).²⁷ E relacionados com esses significados iniciais do *post* acima, temos, ainda no nível superior da página, um *post* compartilhado da rede social Twitter, via Kátia Koa, que, por sua vez, compartilhou o *twitter* do Jornal Folha de São Paulo. A mensagem gira em torno do marketing feito por uma joalheria, utilizando obras artísticas para atrair os muito ricos, deixando subentendido que estes se interessam mais por obras de arte do que por joias.

Nesse sentido,

a operação semiótica de representação expande, nas mídias sociais, a determinação oriunda dos meios de comunicação de massa por meio de associações sígnicas (experiência colateral) relacionadas, por exemplo, a comentários, acessos e reproduções textuais conectadas em rede (TRAJANO, 2012:6).

²⁶ Tradução livre da autora. No original: tools of cognitive linguistics can usefully expand to and incorporate a range of multimodal phenomena and their associated interdisciplinary research because of the established dynamic and embodied basis of meaning. Of course, these analytical tools should not be enacted as predetermined theoretical edicts, but as testing grounds for multimodal theories of cognition and mediation.

²⁷ Tradução livre da autora. No original: “a more robust account of multimodal comprehension.”

E essas conexões em redes mencionadas pelo autor demonstram também as artimanhas dos mecanismos multimodais, caracterizados pela interconectividade com a utilização de *posts* de outras redes sociais. Dessa forma, são produzidos pontos de vistas combinados, permitindo que as “pessoas nas interações sociais alinhem e comparem diferentes papéis e valores e avaliem ou integrem perspectivas variadas” (BORKENT, 2017:539).²⁸

Nesse caso, podemos analisar também a intencionalidade da página em abrir discussões sobre o *post*, utilizando fenômenos discursivos como o sarcasmo (Almeida, 2013:64), que a inferência à palavra “bolso” permite calcular, numa clara relação com os apoiadores de Jair Bolsonaro. O mesmo não ocorre com *bots* (robôs, em português) e *nazi* (abreviatura de nazista), funcionando como “descortesia”. Esta “envolve, assim, comportamento comunicativo com a intenção de causar a ofensa” (ALMEIDA, 2013:3).

Entende-se que essas formas mentais metafóricas, que funcionam como significado de uma ação social, “trabalham juntas para construir pontos de vistas” que se referem a essa “posição mental e inclui percepções sensoriais e conceitos concretos” na construção dos sentidos (BORKENT, 2017:539).²⁹

Além da palavra “bolso” que foi remetida a Bolsonaro, a imagem das laranjas no *post* 3.10 também é significativa. Nas EP2018, propagou-se que pessoas eram utilizadas para ocultar criminosos de lavagem de dinheiro e outros crimes e, dessa forma, ficaram conhecidas por “laranjas” – não se sabe como o nome começou a ser associado a crimes de corrupção, entre outros. As “pessoas experimentam o mundo a partir de uma posição multissensorial específica e interagem com o mundo e entre si a partir dele” (BORKENT, 2017: 539).³⁰

Na segunda parte do *post* 3.10, a resposta à Folha, no Twitter de uma pessoa que se intitula, através de *hashtag*, “#marqueteirodoJair#”. A *hashtag* popularizada nas

²⁸ Tradução livre da autora. No original: “people in social interactions to align and compare different roles and values and to assess or integrate varied perspectives.”

²⁹ Tradução livre da autora. No original: “work together to construct viewpoint”; “mental position and includes both concrete sense perceptions and abstract concepts”.

³⁰ Tradução livre da autora. No original: “people experience the world from a specific multisensory position, and interact with the world and each other from it.”

redes sociais e muito utilizadas nas discussões políticas de 2018 caracteriza-se pelo símbolo cerquilha # antes de palavras ou expressões diversas.³¹ As *hashtags* vão além da sua função inicial de identificar mensagens e usuários em uma rede social e compõem os discursos semióticos e cognitivos dos textos multimodais, articulando-se aos outros artefatos para produzir sentidos diversos. Vandelanotte e Dancygier enfatizam que “o ponto de vista é o conceito central que elucida como os comunicadores usam várias modalidades para fins comunicativos coesos, que abordam a ampla gama de artefatos e formas multimodais” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017: 371).³²

A afirmação de que se comunicar através “de *hashtag*” também é um discurso que permite elucidar que esta lexia: (i) estabelece uma determinada posição político-ideológica, (ii) na linha de Charaudeau & Maingueneau (2018), é interativa, é explicitamente realizada e é uma forma de ação nos contextos sociais, pois a função principal da *hashtag* é se transformar em *link* e se propagar em determinado assunto nas redes sociais, ou mais precisamente, viralizar uma ideia, um discurso.

Tendo em vista os aspectos apresentados, pode-se afirmar que a constante construção e desconstrução das relações sociais são práticas discursivas orientadas. Nota-se que há uma orquestração de discursos, em que os interlocutores escolhem, de acordo com os contextos sociais vigentes, sua forma particular de se comunicar ou, mais evidente, fazem-no como demonstrativo que esta constitui a reprodução do discurso produzido pela mídia social.

Ao analisar imagens, os símbolos e todos os artefatos multimodais, devemos identificar e criticar também os pressupostos da “formação discursiva” estabelecida que, para Pêcheux (2014), nada mais é do que a intrínseca formação ideológica e suas condições de produção. Ou seja, “suas ideias” que “estão enraizadas na história” e que “imagina que serão verdadeiras para todos os tempos” (CHAUÍ, 2012:13).

³¹ As informações podem ser acessadas em: [https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/\[17/05/2020\]](https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/[17/05/2020]).

³² Tradução livre da autora. No original: “viewpoint is the pivotal concept that elucidates how communicative purposes across the wide range of artifacts and multimodal forms”.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

4.1. *Meme*: o discurso político de amor, de ódio e de ironia no Facebook

Memes são artefatos de imediata propagação comunicativa e são capazes de chamar a atenção de seus receptores, não somente pelas imagens, mas também pela produção de sentidos que veiculam, através da multiplicidade de modalidades e de pontos de vista: escolhas linguísticas, os gestos, a postura, o olhar, o contexto, a semiose, as imagens, as cores, entre outros.

Meme é um termo que foi criado em 1976 pelo biólogo Richard Dawkins para sua pesquisa sobre transmissão cultural humana. No entanto, ficou realmente conhecido na era digital como um artefato comunicacional discursivo-argumentativo e narrativo. E ainda, os *memes* são discursos multimodais que atuam “em uma variedade de situações de comunicação, e que o significado de tais artefatos depende centralmente da multiplicidade de pontos de vista na construção dos efeitos discursivos, persuasivos e artísticos resultantes” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:5).³³

Essa taxionomia necessária diante da sempre emergente tecnologia digital ratifica não as mudanças, mas a característica constitutiva e diversificada dos gêneros à disposição dos usuários de redes sociais. Os mecanismos multimodais ajudam a descortinar o “contexto de situação” (Halliday & Hasan, 1976:22-23) e o contexto de cultura, nos quais os usuários da língua tomam posse para justificar, embasar, manipular e interpretar suas escolhas linguísticas através de diferentes modos.

No caso do Facebook, no contexto de EP2018, os *memes* representaram: (i) artefatos multimodais cognitivo-ideológico; (ii) formas de adequação ao cenário político polarizado; (iii) formas de poder de “dizer” e orquestrar sentidos; e (iv) um arcabouço discursivo-semiótico de argumentação e polêmica. Desta forma, “houve mudanças quanto à noção de acabamento dos textos, caracterizado pela multimodalidade” (KRESS & Van LEEUWEN, 2001 *apud* AQUINO & PALUMBO, 2014:4).

³³ Tradução livre da autora. No original: “in a range of communicate situations, and that the meaning of such artefacts relies centrally on multiplicity of viewpoint in the construction os the resulting discursive, persuasive, and artistic effects.”

Segue, abaixo, o primeiro exemplo, postado na página Meu Professor de História, no dia 15 de abril de 2018.

4.1. Postagem da página *Meu Professor de História*, do dia 16/04/2018



Numa análise multimodal, a página (referida em 2.4), cuja linha do tempo deixa evidente a posição de esquerda do administrador, faz uma postagem de um *meme* com ironia e com a intenção clara de provocar pessoas de direita; a expressão “a regra é clara” é um bordão que ficou conhecido através do comentarista esportivo e ex-juiz de futebol Arnaldo Cezar Coelho. Dessa forma, o conhecimento partilhado colabora para a interpretação dos significados multimodais e pode ser considerado como ponto de vista, pois o “significado pode emergir em diferentes aspectos do nosso ambiente e, assim, constituir múltiplos pontos de vista sem integração e resolução claras” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:5).³⁴

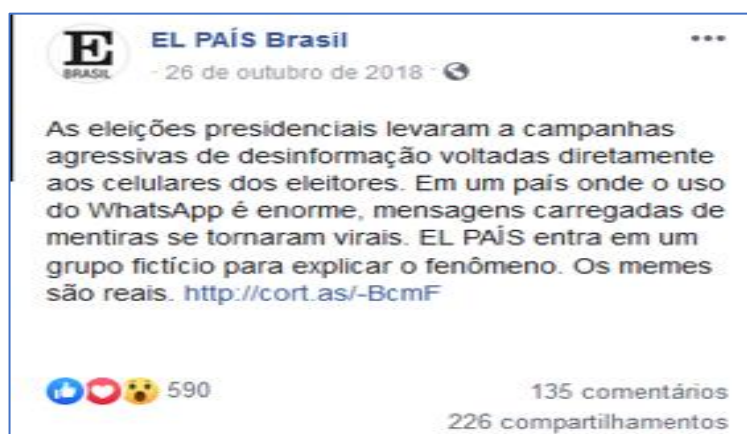
Pode perceber-se também o uso da metonímia *autor pela ideia*, - mesmo que essa ideia reduza sistematicamente a contribuição de Max e Engels para as Ciências Sociais. Outro dado importante, é a cor predominante vermelha – que possui tantos significados ao longo da História – aqui representa a cor da bandeira comunista. O *meme* é uma narrativa que reproduz, criticamente de forma irônica, os discursos de

³⁴ Tradução livre da autora. No original: “meaning may emerge in different aspects of our environment, and thus constitute multiple viewpoints without neat integration and resolution.”

apoiadores do candidato Bolsonaro: se é contra meu candidato, é de esquerda e/ou comunista. Assim, temos “sub-dominios” (Silva, 2003:17) que são “esquemas de imagens, metonímia de quadros, uso narrativo de várias modalidades para estimular o significado narrativo geral” neste complexo quadro discursivo de pontos de vista” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:5).³⁵

Os próximos *memes* a serem analisados são da página do *El País Brasil*, do dia 26 de outubro de 2018. O jornal decidiu criar um grupo fictício, com memes reais compartilhados à exaustão durante a campanha, para explicar o fenômeno das *fake News* e como a desinformação agressiva foi o tom das EP2018.

4.2. Postagem da página *El País Brasil*, do dia 26/10/2018



Na página, foi postado um *link*, como pode ser visto no *post* acima, que levará à página do jornal na web, na qual os *memes* reais são expostos e submetidos a críticas do jornal, através de um grupo fictício. Importante observar que uma página no Facebook engloba questões de artefatos interativos, no canto inferior esquerdo, que permitem aos usuários, num primeiro momento, curtir, amar, rir, se espantar, entristecer e enfurecer, respectivamente 🍌 🍷 🤪 😱 😞 😡, mas sabendo-se que “nem todos os artefatos multimodais levam à expressão de um único significado coerente - como a representação de respostas emocionais” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:3).³⁶

³⁵ Tradução livre da autora. No original: “image schemas, frame metonymy, narrative use of various modalities to prompt overall narrative meaning”.

³⁶ Tradução livre da autora. No original: “not all multimodal artefacts lead to the expression of single coherent meaning – such as the representation of emotional responses”.

Portanto, no canto direito do *post*, os usuários sentem a necessidade de compartilhar e se manifestar, discursivamente, por escrito e com *memes*. Para Fairclough (2001:91), “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também uma forma de representação”.

Após essa análise inicial, podemos observar, ao clicar no *link* <http://cort.as/-BcmF>, o *post* a seguir:

4.3. Postagem da página *El País Brasil*, do dia 28/10/2018, através de *link*.



Na postagem acima, há utilização da metonímia, os agentes da ação pelo evento e na página do *link*, acima, temos outra: as *mensagens são referidas pelo nome do aplicativo*. Além disso, temos *campanha envenenada*, numa metáfora que serve de argumento, para que os internautas percebam o discurso manipulatório, de controle e ideológico nas EP2018. Ou seja, a ACD “está, ou deveria estar interessada nesses dois aspectos, no discurso como instrumento de poder e controle, assim como [...] instrumento de construção social da realidade” (van LEEUWEN, 1993:193 *apud* WODAK 2004:234).

Segue abaixo o primeiro *meme* do link da página *El País Brasil*, no qual podemos analisar alguns aspectos multimodais e discursivos. Primeiro, a página não se

propõe apenas mostrar os *memes* reais utilizados na campanha EP2018, mas também criticar e ironizar artefatos e seus pontos de vistas.

4.4. Postagem da página *El País Brasil*, do dia 28/10/2018, através de link.



Num primeiro momento, necessitamos de uma análise das características faciais e o pouco que se percebe da vestimenta dos dois candidatos neste *meme*: o primeiro, Jair, aparece com um semblante sério, a face contraída, a boca apertada e os olhos diminuídos por causa da contração das sobrancelhas, além de aparentemente vestir terno e gravata; o segundo, Haddad, aparece com os cabelos um pouco em desalinho, caindo na testa, olhar de lado como se estivesse escarnecendo de alguém e veste camisa branca e um casaco. As fotos parecem ter sido escolhidas para serem relacionadas às passagens bíblicas, isto é, o primeiro defende o povo de Israel e o segundo se levanta contra o povo de Israel.

Num olhar mais atento, percebe-se que o sobrenome do também candidato Fernando Haddad não é igual a Hadade, como supostamente consta na bíblia. Aqui se recorre a um tipo de argumentação, o “círculo vicioso (*begging the question*)”, no qual se infere que, se está na Bíblia, “deve-se acreditar [...] porque é a palavra de Deus” (AMOSSY, 2018:161). O discurso religioso teve significativa relevância nas EP2018, nas quais, segundo informação do jornal *El País*, esse tipo de *meme* acima era comum, porque a grande maioria dos evangélicos votou no candidato de extrema direita Jair Bolsonaro, tendo como lema “*Deus acima de tudo, Brasil acima*

de todos”, difundida pelo então candidato em sua campanha à presidência do Brasil.³⁷ Segundo Neto,

uma visão ingênua ou excessivamente laicizada refutaria o modo entrelaçado com que religiosidade e política se misturam. Desde o século XVI, para não retroagirmos tanto, são muitos os exemplos de uma relação imbricada entre crenças e posicionamentos políticos. A história das liberdades religiosas e políticas, aspectos necessários e fundantes de uma série de direitos, é marcada por conflitos e conciliações que impactam as decisões das pessoas (NETO, 2017:01).

Levando-se em consideração esses aspectos, o discurso religioso “é um movimento estratégico da autoapresentação positiva” (van DIJK, 2017:258). Além disso, há outros aspectos de manipulação nesse tipo de discurso, como “a polarização ideológica”, o “descrédito dos oponentes” e a “argumentação com emoção (crenças ardentes)” (van DIJK, 2017:258). Dessa forma, o discurso religioso nesse *meme* pode aflorar a seguinte semiose: aqueles que não acreditam na palavra de Deus estão agindo contra Deus.

Quanto às cores utilizadas no *meme* acima, anteriormente analisadas no subcapítulo 3.6, como um signo híbrido, representa mais de uma concepção semiótica, pois a cor verde e a amarela no *meme* em questão, numa clara estratégia de manipulação, passou a representar aqueles que enaltecem o patriotismo e os que votaram no candidato da extrema-direita. Ou seja, a delimitação semiótica político-social do *meme* propagado durante a EP2018 tem sua clareza estabelecida na interpretação dos artefatos e seus pontos de vista: o verde e o amarelo (juntos ou somente o amarelo) simbolizavam os eleitores de Jair Bolsonaro que, em sua maioria, segundo o site, são evangélicos e se utilizaram do discurso religioso para persuadir e argumentar a favor do candidato em questão.

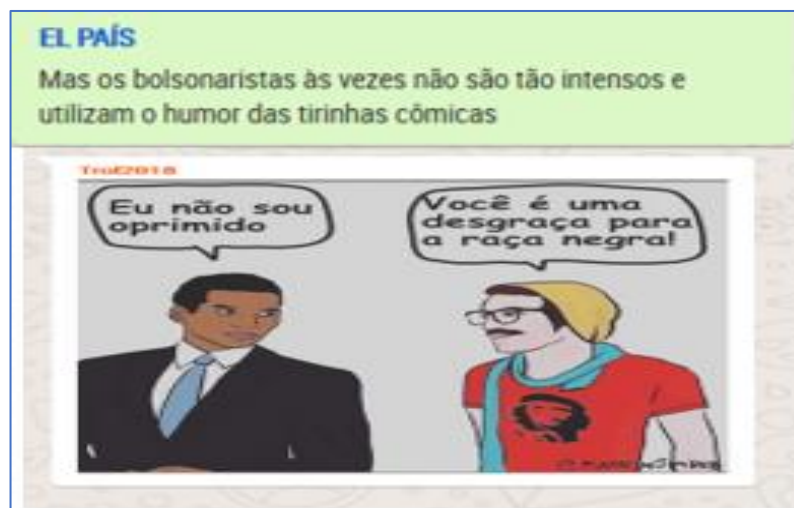
van Dijk observa que

precisamos examinar as restrições específicas [...] tais como a posição dominante do manipulador (por exemplo), a falta de conhecimento relevante dos receptores e a condição de que as consequências prováveis dos atos de manipulação sejam do interesse do grupo dominante e contra os interesses do grupo dominado, contribuindo assim para a (ilegítima) desigualdade social (van DIJK, 2017:254)

³⁷ Disponível em: Longo, Ivan. Revista Carta Capital <https://revistaforum.com.br/politica/brasil-acima-de-tudo-slogan-de-bolsonaro-faz-referencia-ao-da-alemanha-nazista/>. [09/10/2018]. Acessado em 16/04/2020.

É claro que a mesma estrutura discursiva pode ser usada em outras situações comunicativas. No entanto, o critério contextual define o significado. No *meme* abaixo, observa-se um discurso político ideológico de negação ao racismo, que teve seu apogeu na campanha de Jair Bolsonaro à presidência.

4.5. Postagem da página *El País Brasil*, do dia 28/10/2018, através de link.



Para amenizar suas declarações a respeito dos negros, o já então eleito presidente nomeou como assessor um negro, Hélio Negão, ou Hélio Bolsonaro, como gosta de ser chamado. É figura icônica e híbrida pelos seguintes motivos: é um negro que assessora um político que tem um discurso conotado com o racismo e o preconceito; é símbolo que tenta desqualificar a luta da comunidade negra no país chamando-a de “coitadismo”; e apresenta um contradiscurso, negando também a história e a realidade dos negros no Brasil.³⁸

Na imagem, vemos um rapaz negro de terno e gravata, negando ser um pessoa que sofre opressão. Numa perspectiva crítica do discurso, van Dijk (2017) indica que o racismo é parte constituinte de um sistema discursivo maior e gerido pela cognição. A negação do racismo e a manipulação que nega a sua existência, mesmo na atualidade, fazem parte de um discurso “constituído por práticas sociais de discriminação no (micro) nível, e por relações de abuso de poder por grupos, organizações e instituições dominantes em um (macro) nível de análise” (van DIJK,

³⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acessado em 02/04/2020.

2017:134). Analisando esse *meme*, tendo como norteador o contexto sócio-político no qual está inserido, podemos perceber que o abuso de poder no discurso manipulatório - uma das noções mais importantes da ACD - adquire sucesso. A consequência imediata disso é a (re)produção da desigualdade social, causada pela falta de políticas públicas de igualdade racial que legitima valores ideológicos como os representados no meme. Segundo van Dijk, isso nos lembra que “é especialmente essa interface discurso-cognição que explica como as ideologias e os preconceitos étnicos são expressos, transmitidos, compartilhados e reproduzidos na sociedade” (van DIJK, 2017:138). Além disso, temos as metáforas negativas “não sou oprimido” e “uma desgraça”: na primeira, além do adjetivo, a perspectiva de negação do racismo é enfatizado pela imagem do rapaz negro vestido de terno e gravata, clara manipulação de uma possível ocorrência, mas rara, de negros que alcançam a ascensão social, neste caso, remetendo para a riqueza. Para van Dijk, “um discurso está intencionalmente manipulando as representações dos ouvintes ou leitores/as de acordo com o interesse do autor [...], comunicando crenças falsas ou, pelo menos meio falsas”.³⁹

Ou seja, trata-se de um discurso que almeja negar aquilo que se pretende esconder. A segunda metáfora, enfatizada pela imagem do rapaz branco, vestido de camiseta com a camisa de Che Guevara, transmite a ideia de que o negro é “uma desgraça”, quando nega o racismo e a opressão que sofrem no Brasil, e ainda votam num candidato que fez declarações racistas, possivelmente com o intuito de desqualificar a luta por igualdade racial.⁴⁰

É importante ressaltar que a manipulação veiculada por um discurso de negação do racismo é, antes de tudo, uma construção da mídia. Segundo van Dijk, “muito da fala cotidiana sobre minorias é inspirada pela mídia [...]” e “referem-se à televisão ou aos jornais como suas fontes de conhecimento (e de autoridade)” (van DIJK, 2017:144). Dessa forma, as novelas no Brasil ainda apresentam personagens

³⁹) LITTERA ONLINE. Cinco perguntas para Van Dijk. Número 3, 2011. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/448/271>. Acessado em 12/01/21.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acessado em 13/12/2020.

negros com atividades subalternas e/ou infratores, ressaltando a cor da criminalidade, já que a maioria da população carcerária no país, em torno de 60%, é preta.⁴¹

Um aspecto importante observado até aqui na análise desses três *memes* é a multiplicidade de pontos de vistas estabelecida pelas formas de comunicação como, por exemplo, a ironia, as cores, a vestimenta, o humor, as passagens bíblicas manipuladas, a caricatura de personagens históricos, desenhos e a representação ideológica implícita e explícita. Nota-se que a multiplicidade de pontos de vista é o caminho para alcançar o objetivo comunicativo e o alargamento “da investigação linguística se mostrará produtivo ao criar uma melhor compreensão da natureza do significado e da maneira como ela surge no discurso contemporâneo” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:372).⁴²

4.2. Atos de fala nos *posts* sobre as EP2018

Apresentar-se-á neste subcapítulo as especificidades discursivas dos atos de fala empregadas nas discussões no Facebook em torno das EP2018 e seus desdobramentos muitas vezes incompreensíveis e/ou falaciosos. A importância de incluirmos aqui os atos de linguagem se deve às prerrogativas claras que se tem em conta na rede social, através das páginas elencadas: quem publica, para quem publica, de que modo publica. Atentando-se que “a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas”(CHARAUDEAU, 2018:59).

Ressaltamos novamente que as escolhas dos assuntos têm a ver com a repercussão na rede social e respectiva página escolhida, através do número de reações. Haverá repetição de *posts* dos administradores das páginas aqui elencadas e de discussões já submetidas a outras análises. As condições virtuais

⁴¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mais-de-60-dos-presos-no-brasil-sao-negros/>. Acessado em 19/09/2020.

⁴² Tradução livre da autora. No original: “of linguistic investigation will prove productive in creating a better understanding of the nature of meaning and the way it emerges in contemporary discourse”.

da *multimodalidade* do *corpus* e o contexto, já especificado anteriormente, também serão abordados, pois o espaço multifacetado do Facebook contribui para a polêmica, para a ameaça de face de seus interlocutores, para atos de fala agressivos e de dissenso. Além disso, como espaço multimodal, há influências dos sistemas semióticos e de outras práticas sociais, que tornam as páginas pesquisadas um material empírico rico que permite aprofundar teorias linguísticas com a descrição e análise dos dados.

Considerando os estudos de van Dijk (2012) que enfatizam a necessidade de contextualização do discurso no intuito de explicar que o “contexto influencia de algum modo uma palavra, um trecho, um sentido, um acontecimento, ou torna possível [...] certa interpretação (ou uma interpretação melhor)” (van DIJK, 2012:32), perspectivamos o *corpus* constituído e delimitado no presente trabalho, enraizando-os no contexto da sua produção.

A análise dos atos de fala também, numa abordagem de van Dijk (2012), pode deixar evidente a “natureza pessoal e subjetiva dos modelos mentais” e “também explica por que os modelos mentais não se limitam a representar os-fatos-tais-como-os-participantes-os-veem, mas também opiniões e emoções” (van DIJK, 2012:94). O autor enfatiza que a raiva e a tristeza, que são representações cognitivas muito presentes nos eventos comunicativos, podem valer, ou pelo menos contribuir para a construção de avaliações sobre os acontecimentos. Dessa forma, “os modelos de contextos proporcionam as condições de adequação da ilocução, e, portanto, são a base de uma teoria dos atos de fala cognitivamente explícita” (van DIJK, 2012:109).

Numa publicação póstuma em 1962, John Langshaw Austin (1911-1960), introduziu os primeiros estudos sobre os atos de linguagem com a obra *How to do things with words*, que, resumidamente, afirma que o que é dito é mais do que transmitir uma informação: é uma ação. No entanto, em 1969, John Searle, filósofo americano, tendo sido seu discípulo, refaz o caminho de Austin e tem “maior divulgação”, pois “divide os actos de fala (ou atos ilocutórios) em seis categorias diferentes: assertivos, directivos, compromissivos, expressivos, declarativos (ou declarações) e declarativos assertivos” (Gouveia, 2005:3).

Apesar da grande importância dos estudos de Austin, Searle salienta a performatividade generalizada da linguagem e apresenta uma taxionomia de atos de linguagem que tem por base as condições de felicidade que subjazem à realização daqueles atos de discurso (Almeida, 2016). A este propósito, para Gouveia,

tudo se resumirá no fim, a dizermos aos nossos interlocutores como é a realidade (actos ilocutórios assertivos), tentar levá-los a realizar acções (actos ilocutórios directivos), comprometermo-nos nós próprios com a realização de uma acção (actos ilocutórios compromissivos), expressarmos os nossos sentimentos e atitudes face ao mundo (actos ilocutórios expressivos) e provocar nesse mundo algumas alterações por meio dos nossos enunciados (actos ilocutórios declarativos e actos ilocutórios declarativos assertivos) (GOUVEIA, 2005:4). [Grifos nossos]

Os trechos destacados acima vêm ao encontro do já exposto por van Dijk acima sobre as especificidades dos modelos mentais, principalmente quando se analisa aqui a carga significativa multimodal em interações no Facebook e suas instâncias discursivas semânticas e semióticas. Urge lembrar que nos estudos da linguagem nada é completo, pois as especificidades da linguagem humana estão sempre em evolução, novas formas de dizer vão surgindo e nos desafiando constantemente. É um desafio analisar teorias da linguagem em uso face a face ou estudar o discurso em ambientes *online* e multimodais.

Tendo por base o exposto acima, apontaremos a força ilocutória das postagens dos administradores das páginas e depois dos seus interlocutores. Na primeira, temos Leonardo Sakamoto, que é jornalista, cientista político, professor da PUC-SP, conselheiro do Fundo da ONU contra a escravidão [*“Após Toffoli chamar golpe de “movimento de 1964”, tortura vira “chamego”?”* (3.3)]; na segunda, temos a BBC News Brasil, com 80 anos de funcionamento e com transmissão de transmite notícias para várias cidades do mundo [*“Tudo aponta para possível envolvimento de policiais, diz coordenador criminal do MPF”* (3.9)]; a terceira é a DW Brasil, que é alemã, promotora de cultura da Alemanha, a única que deixa clara a intenção de excluir quem não respeitar a sua política e comentários [*“Em vez de nazismo e comunismo, vamos falar dos problemas do Brasil?”*(3.4)] ; a quarta, Meu Professor de História, promovida por um professor de História [*“A regra é clara: se tem social no nome é de esquerda.”*(4.1)]; a quinta, Conversa Afiada, administrada até 2018 pelo jornalista Paulo Henrique Amorim [*“A ditadura começou... e esse crime foi um*

forte sinal! – Marcelo Vargas (3.8)]; a sexta e última, El País Brasil, originada do jornalístico site brasil.elpais.com já existente [*Esquerda, direita e o embargo da memória*](3.2)].

O ato de fala “é o uso de um enunciado, linguisticamente funcional, para realizar uma ação, como, por exemplo, prometer, avisar, informar, ordenar, etc.” apropriadas a determinado contexto comunicativo (Gouveia, 2005:2). Num primeiro olhar nas páginas do Facebook referenciadas, percebe-se um compromisso de informar, noticiar a verdade com apreço à excelência jornalística e histórica, com um certo cuidado na escolha do léxico, mesmo quando usam enunciados de outro locutor. Para Charaudeau (2018, p. 63), “a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz”, pois “joga com a influência”, pondo em evidência “efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização”, como podemos verificar nos enunciados acima.

Dessa forma, os administradores: a) praticam atos ilocutórios declarativos assertivos, quando suscitam, por meio de enunciados, alguns conflitos; e b) atos ilocutórios expressivos, quando deixam claro, em seus enunciados, os seus sentimentos e atitudes em relação ao mundo. Além disso, podemos também apontar atos de fala indiretos em 3.9, 3.10, 3.15, 4.1. e 3.7, que, segundo Gouveia (2005, p. 4), “é mascarar um acto sob a capa de outro”, além do “**objetivo ilocutório**, isto é, a intenção última do locutor ao enunciar”. [Grifo do autor.] Numa eleição disputada e a acirrada polarização nas redes sociais, temos uma *força ilocutória*, que, neste caso, são os valores expressos pelos atos de discurso e que expressam também as relações institucionais de poder midiático no que se refere à especificidade da profissão de jornalista e de um professor de História. Estas expressam “as relações sociais [...] mantidas pelos intervenientes da situação comunicativa” (GOUVEIA, 2005:5).

Não podemos deixar de pontuar as múltiplas articulações da multimodalidade, impulsionando pontos de vistas, já neste trabalho analisado, constituindo recursos semióticos imprescindíveis para a construção dos sentidos. As cores, a característica do locutor (administrador da página que interage com seus interlocutores), sua ideologia, o contexto discursivo, a semiose que pode resultar

de um ato de fala indireto e, claro, os gêneros do discurso que se misturam e se completam.

4.6. Postagem da página *Conversa Afiada*, de 24/09/2018.



Acima, observamos uma das formas como um *post* aparece para os internautas interactantes. Podemos relacionar vários pontos de vista: as cores que são projetadas na palavra “NÃO”, simbolizando diversidade no mesmo discurso, a imagem do administrador da página, Paulo Henrique Amorim, e o significado que essa imagem representa; a sua irreverência, a quantidade de reações e seus significados, os comentários, entre outros. Ou seja, várias modalidades se articulam para construir pontos de vistas e “podem ser priorizadas e suas diferentes qualidades e funções estrategicamente manipuladas” para sua interpretação (BORKENT, 2017:539).⁴³ Daí a necessidade de mais estudos dos atos de fala, entre outras teorias da linguagem, concatenados com as especificidades da comunicação multimodal, especialmente, nas redes sociais.

Em relação ao post 3.2, (02), da página *El País Brasil*, do dia 26/02/2018, já apresentado no capítulo 3:

⁴³ Tradução livre da autora. No original: “can be prioritized and their different qualities and functions strategically manipulated”.

(02) CES: Parei de ler em: “Inventaram uma intervenção militar no Rio”, é muita burrice uma jornalista escrever com o ânus. Primeiro, a intervenção não é militar, é do governo federal, na área de segurança, se o problema fosse econômico o interventor seria alguém do ministério da fazenda. Necessita de exército? O Rio, um estado de um país “em Paz”, apresenta índices de morte por arma de fogo maior que países em Guerra. Ora bolas, jornalista de araque, vai morar na zona norte do RJ, e diga não para o exército. Vai lá que eu quero ver. PQP! Sou de centro esquerda, social democrata, mas o caso do RJ, nesse momento em que os índices de criminalidade já apontam pra superar a desgraça de 2017, só com exército pra medida paliativa. O futuro nas mãos dos eleitores em setembro. [Grifos nossos]

Ao mesmo tempo que **(2) CES**, acima, afirma que não é uma intervenção militar, aponta para a necessidade do exército (militar das forças armadas) nas ruas. Desse modo, há a realização de diversos atos com a força ilocutória de asserção, uma proposição contraditória e uma negação de fatos, verificando-se ainda um ato de ordem com o “objetivo ilocutório” de levar o alocutário a fazer um ato futuro Q, explicitado com verbos no imperativo.

Na mesma reportagem, *post* do *El País*, de 26/02/2018, a repórter Eliane Brum, expõe o problema de uma intervenção militar, que foi apoiada pelo então candidato à presidência, Jair Bolsonaro:

“Num campo, apresenta-se uma demanda para embargar a memória. No outro, usa-se a marquetagem política para silenciar realidades, criando um espetáculo. Ao ser produzida como factóide, caso da intervenção federal no Rio, o ato encobre o fato. A segurança é uma questão urgente. Mas não é possível enfrentá-la sem admitir que a política de “guerra às drogas”, que já foi abolida em partes mais sérias do mundo, é parte determinante do aumento da violência.”

⁵“A crise da democracia é global, mas há algo de particular na crise de cada país. Já escrevi em artigo anterior que a crêdito que as raízes da atual crise da democracia no Brasil estão no próprio processo de retomada da democracia, após 21 anos de ditadura. As raízes da atual crise brasileira estão no apagamento dos crimes do regime de exceção e na impunidade dos torturadores e assassinos a soldo do Estado.” [Grifos nossos]

A argumentação no discurso tem por base um discurso que é produzido a partir de um locutor que ocupa um lugar institucional que é constituído pela profissão de repórter e tem em consideração o léxico escolhido (“embargo, memória, factóide, democracia, impunidade”, entre outros) e o mecanismo de credibilidade do discurso que considera a pesquisa que é explicitada pelo locutor, na qual a investigação profissional de jornalista legitima seus argumentos. Num momento de acirramento político-ideológico, verificamos que percorre neste discurso um ato perlocutório de persuasão para convencer os leitores. O conhecimento do que se escreve, ou fala, explica “como essas sentenças, que têm força ilocutória como parte do seu significado, podem ser usadas para a realização de um ato com força ilocutória

diferente” (SEARLE, 2002:72), verificando-se a realização de múltiplos atos indiretos.

Aqui, o objetivo ilocutório da jornalista é fazer que alguém realize algo, no caso, inteirar-se da História e da situação político-social do momento no Brasil, que precisa de ser mudada. Desta forma, podemos afirmar que há atos de fala indiretos: ocorrem, por exemplo, atos ilocutórios de pedido (*quero que meus leitores entendam isso*), realizados indiretamente através de uma asserção que implica um pedido e há outros implícitos conversacionais. Ou seja, além de escrever, faz-se algo mais além de escrever: tenta-se esclarecer e pedir que entendam a situação do país no contexto de EP2018 e as bases políticas e/ou ideológicas que sustentam discursos de intervenção militar.

Sem entrar na discussão das especificidades diferenciais entre os atos perlocutórios (atos que constituem consequências do dizer) e ilocutórios (diz-se e faz-se alguma coisa, além de dizer), é evidente que a relação de poder exerce influência imediata na situação comunicativa, além de outros fatores como os culturais. Esta relação “está fortemente dependente da dinâmica situacional e social em que a comunicação acontece” (GOUVEIA, 2005:6).

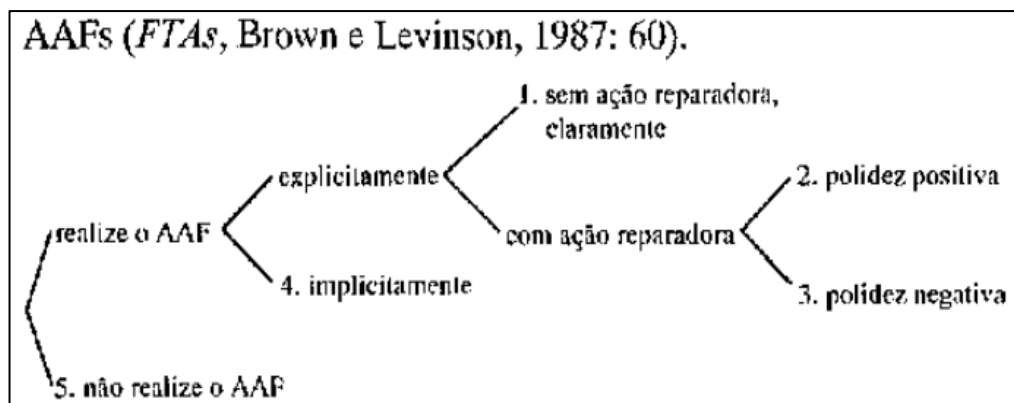
4.3. As estratégias argumentativas da polidez (ou delicadeza) na ironia: a ameaça da face em ambiente multimodal

Abordar os atos de fala exige o estudo das estratégias de polidez e de impolidez em atos de discurso como a ironia, constringe à análise da ameaça da face e ao estudo da violação das Máximas de Grice e dos seus efeitos de sentido ou cálculo do implícito conversacional. Para começar, Fairclough (2001, p. 91) observa que Brown e Levinson (1978; 1987) – ampliadores dos conceitos de “face” de Goffman (1974) - “veem a polidez em termos de conjuntos de estratégias da parte dos participantes do discurso para mitigar os atos de fala que são potencialmente ameaçadores para a própria ‘face’ ou para a dos interlocutores”. Os autores da Análise Crítica do Discurso esclarecem que esse tipo de estratégia permite analisar os mecanismos discursivos, estudados no âmbito da Pragmática Linguística, e que

se desenvolvem no uso da linguagem, mas não excluem as especificidades de Bourdieu, nas quais se sugere que “as concessões da polidez são sempre concessões políticas”(BOURDIEU, 1977:95,218 *apud* FAIRCLOUGH, 2001:203).

No entanto, é nos estudos de Brown e Levinson (1987) que Fairclough considera uma apropriada abordagem dos fenômenos da polidez. O quadro abaixo resume as principais partes da teoria dos autores:

4.1. Esquema AAFs de Brown e Levinson, 1987:60



Discurso e Mudança Social – Fairclough, N. (2001:204)

Desse modo, Fairclough (2001, p. 204) lembra que “investigar as convenções de polidez de um dado gênero ou tipo de discurso é um modo de obter percepção das relações sociais”. Nos AAFs (Atos Ameaçadores de Face), tratando-se a presente investigação de um estudo multimodal, na qual os gêneros se integram, tendo por base uma “posição mental”, sendo esta um dos componentes elementares discursivos e cognitivos na “comunicação em uma variedade de modalidades expressivas em formas naturais e mediadas”, a percepção das relações sociais é clara, mesmo havendo restrições face a face, no caso do Facebook (BORKENT, 2017:539).⁴⁴

Outra observação importante, feita por Fairclough (2001, p. 205), é que dizer “coisas indiretamente – usar os ‘atos de fala indiretos’ – é uma parte importante da polidez”. Nesse ponto, o autor remete para a análise da subjetividade da linguagem de Benveniste, no qual os discursos estão centralizados ou ancorados no ‘eu’, que

⁴⁴ Tradução livre da autora. No original: “communication across a range of expressive modalities in natural and mediated forms”

permitem aos seus protagonistas construir um *ethos*, numa “versão particular do ‘eu’” (FAIRCLOUGH, 2001:209).

Dessa forma, nesse modo particular de articulação do “eu” com o jogo de gestão das faces, não há surpresas se nas discussões acirradas no Facebook, em contexto de EP2018, são quebrados os princípios gerais de conversação de Grice (1975), já expostas no capítulo 3, que repetimos aqui: a) Máxima da qualidade: não diga aquilo que acredita ser falso; b) Máxima de quantidade: faça sua contribuição a mais informativa possível; c) Máxima de relevância: faça sua contribuição com a maior relevância e pertinência possível; d) Máxima do modo: não seja obscuro e ambíguo. Seja objetivo e ordenado. Para van Dijk, na realidade,

formas reais de conversa e texto, no entanto, essas máximas costumam ser difíceis de aplicar: as pessoas mentem, o que nem sempre é a coisa errada a se fazer; as pessoas contam apenas metade de uma história por todos os tipos de razões, às vezes legítimas, é uma das formas mais comuns de interação cotidiana” (van DIJK, 2006:366).

Na rede social, no contexto exposto, os conceitos acima têm um papel expressivo na argumentação que considera a figuração com o equilíbrio interacional das faces dos interactantes em presença. No entanto, poderemos verificar, nos exemplos abaixo, que nem sempre isso acontece, tornando um jogo de falácias, que não temem o constrangimento no uso de atos de fala ameaçadores de ambas as faces: do enunciador e de seus leitores.

Começamos com um trecho do discurso de Temer, postado no site do jornal *El País*, exposto no subcapítulo 3.1:

“Começamos uma batalha em que o único caminho será o sucesso. E contamos com os homens e mulheres de bem ao nosso lado [...].

“Ajustamos ontem à noite, com uma participação muito expressiva do presidente Rodrigo Maia [Câmara] e do presidente Eunício Oliveira [Senado], a continuidade da tramitação da reforma da Previdência, que é uma medida extremamente importante para o futuro do país. Quando ela estiver para ser votada, e naturalmente isso segundo avaliação das casas legislativas, farei cessar a intervenção.” [Grifos nossos]

Logo no início, primeiro grifo, há uma estratégia de polidez negativa (de evitação da ameaça) para com a face negativa, quando Temer recorre às metáforas de “batalha” e de “caminho”, e realiza uma estratégia de polidez positiva com a asserção com valor axiológico positivo, “homens e mulheres de bem” para enfatizar a necessidade do argumento de intervenção militar. Este último argumento,

implicitamente, ameaça a face positiva dos homens e mulheres que forem contra esta ação. Verificamos ainda, no discurso em análise, a tentativa de ação reparadora com a referência ao cessar da intervenção militar. Com efeito, há explicitamente, “factores, culturalmente marcados, que orientam as escolhas linguísticas: - a relação de poder; - a distância social; - o peso da imposição [...], o grau de ameaça para a “face””(CARREIRA,1994:107).

Ou seja, Temer se aproveita dessa relação de poder e distância social, que possui com seus interlocutores, para impor uma intervenção militar, caso não seja assinada a Reforma da Previdência e deixa implícito que, quem não concordar, não é um “homem ou mulher de bem”. Há, desse modo, *AAF* e a quebra de duas máximas: a) da qualidade (não diga aquilo que acredita ser falso, “*único caminho será o sucesso*” [sucesso para quem?]; b) da quantidade (faça sua contribuição o mais informativa possível, “*continuidade da tramitação da reforma da Previdência, que é uma medida extremamente importante para o futuro do país*”), [importante para quem?].

Há no discurso de Temer um poder de controle social, no qual “se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de *abuso de poder*” (van DIJK, 2017:17). Ou seja, há a ameaça da face positiva e negativa, mas também a quebra das máximas, funcionam como estratégias argumentativas de controle e poder.

No *post* 3.2 do jornal *El país Brasil*, de 26/02/2018, exposto na página 45, temos mais alguns que vieram a seguir à reportagem de Eliane Brum (**YM** e **RO**):

(18) CES: Parei de ler em: “Inventaram uma intervenção militar no Rio”, é muita burrice uma jornalista escrever com o ânus. Primeiro, a intervenção não é militar [...]vai morar na zona norte do RJ, e diga não para o exército. Vai lá que eu quero ver. PQP! Sou de centro esquerda, social democrata, mas o caso do RJ, nesse momento em que os índices de criminalidade já apontam pra superar a desgraça de 2017, só com exército pra medida paliativa. O futuro nas mãos dos eleitores em setembro. [Grifos nossos]

(19) YM: Valas clandestinas de pessoas assassinadas nunca mais general

(20) RO: Lúcido e contundente

Há, na primeira resposta à reportagem, ameaça de ambas as faces, explicitamente, sem ação reparadora, quando CES chama a jornalista de “burra” e que “*escreve com o ânus*”. Não há estratégias de polidez e nenhum cuidado com a quebra das

máximas de qualidade, de quantidade, de relevância e de modo. As “discussões inflamadas fazem parte de rotinas interacionais”, mesmo que “as explosões de violência verbal sejam infrações manifestadas ao código de polidez” (AMOSSY, 2017:175).

Na sequência, **(19) YM** contesta **(18) CES**, lembrando as consequências da ditadura militar no Brasil e se dirige a **(18) CES** como general. Aqui, podemos fazer as seguintes observações: num ambiente multimodal do Facebook, os múltiplos dispositivos de pontos de vistas contribuem para AAF como, neste exemplo, a possibilidade de **(19) YM** ter verificado o perfil de **(18) CES**. A quebra das normas de polidez e das máximas em ambiente virtual das redes, em contexto político-social, tornam-se expressões “de conflitos exteriores à internet, que estão se desenvolvendo em espaço virtual” (KAYANI, 1998:1137 *apud* AMOSSY, 2017:174). Percebe-se que em **(18) CES** ocorre transgressão intencional das normas de polidez, tornando prejudicial a um consenso que esclareça a verdade. Como bem afirmou van Dijk, as “relações de autoridade, poder, papel e polidez operam sobre bases cognitivas” (van DIJK, 2018:76).

Desse modo, há uma predileção pela polêmica que, “em sua virulência e em seus excessos, não é um lugar de negociações de diferenças”, ou seja, estamos “longe de um ideal do diálogo em busca de solução entre duas partes opostas” (AMOSSY, 2017:118). Aparentemente, os interlocutores de **(18) CES** não aprovaram seu discurso fortemente desrespeitoso, pois não teve nenhuma reação de “aprovação” ou “reprovação”, através dos *emoticons* característicos do Facebook. Seria uma forma de ameaça de face positiva de **(18) CES**, tornando o seu argumento reprovado pelos interlocutores? Segundo Kress, “agora não é mais possível entender a linguagem e seus usos sem entender o efeito de todos os modos de comunicação que estão copresentes em qualquer texto” (KRESS, 2000:337).⁴⁵

⁴⁵ Tradução livre da autora. No original: “now no longer possible to understand language and its uses without understanding the effect of all modes of communication that are copresent in any text.”

No *post* da página Leonardo Sakamoto, de 01/10/2018, exposto na página 48, na qual Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal, chama a Ditadura Militar de “movimento de 1964” e provoca algumas respostas a seguir:

(21) LOS: Uma grosseria absurda que deve ser rechaçada por todas Universidades, entidades e instituições sérias desse país. Esse tipo de relativismo é resultado de um país que nunca enfrentou o passado perverso. Precisamos empreender uma Justiça de Transição no país.

(22) MN: Sakamoto gosta de colocar problema aonde não tem e o ladrão está tecnicamente empatado com Bolsonaro... o dobro de intenção de voto pra Bolsonaro...

(23) LUR: MN tecnicamente empatado é o dobro????

(24) FB: Mais um bolsominion!!! Da terceira idade, sem juízo e pelo visto sem Q.I.

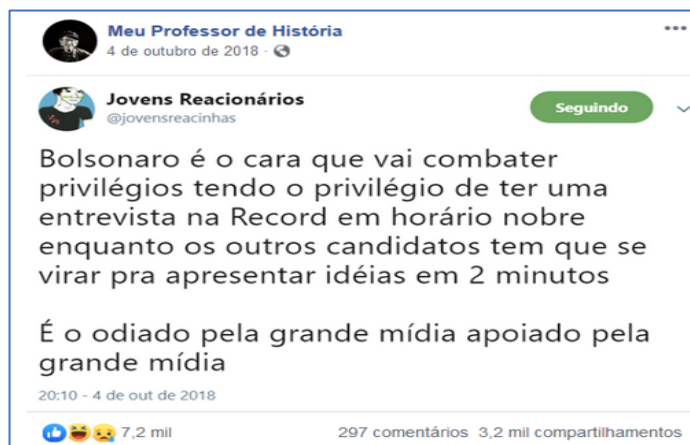
(25) AA: Sem qi é pleonasmo para os zumbinarios. [Grifos nossos]

Nesse trecho da conversa, percebe-se um constrangimento de **(22) MN** em relação ao argumentado por **(21) LOS**, mesmo que o primeiro, aparentemente, não tenha percebido. O que **(21) LOS** considera absolutamente inadequado em relação ao que disse Dias Toffoli, **(22) MN** acha que relativizar uma ditadura não é um problema. E isso é percebido por **(24) FB** e **(25) AA**, no momento que refutam a retórica de **(22) MN**, atribuindo-a aos eleitores de Jair Bolsonaro (*bolsominion, zumbinarios*), então candidato à presidência. **MN (22)** estabelece, desse modo, um *AAF*, numa estratégia de polidez negativa, num ato de fala indireto, pois através do conhecimento do léxico compartilhado nas redes,⁴⁶ quis dizer que “*Lula, o ladrão, não vai conseguir vencer, pois já está empatado com Bolsonaro; o resto não vem ao caso*”.

Além disso, **(22) MN** desrespeita as máximas da qualidade e quantidade, pois além de relativizar a História recente do país, ainda confunde empate com o dobro. Ou seja, a ameaça da face positiva e negativa e a quebra das máximas funcionam como estratégias argumentativas de controle e poder.

⁴⁶ CHISHMAN, R. L. O., SANTOS, A. N., MARTINS. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 33, n. 1, p. 129-149, jan.-abr. 2020. O fenômeno da neologia lexical nas eleições de 2018. Artigo Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/163372/160080/399084>. Acessado em 03/03/2021.

4.7. Postagem da página *Meu Professor de História*, 04/10/2018.



Outra postagem que teve muitas reações e compartilhamentos foi a da página “*Meu Professor de História*”, do dia 4/10/2018. Nela, o administrador posta um comentário de uma outra página, “*Jovens Revolucionários*”. Vejamos algumas reações e, logo depois, a análise:

(26) MEO: TSE liberou monocraticamente a entrevista de Bolsonaro, dizendo que zela pela liberdade de imprensa e que não pode haver censura. Honestamente? Essa é a eleição objetivamente mais ilegítima e “fraudada” da nossa república e da república entre ditaduras.

(27) GB: MEO legítima foi o estelionato eleitoral da Dilma né?

(28) MEO: GB, realmente, adotar o programa do Aécio foi estelionato mesmo, assim como é estelionato eleitoral o Bolsonaro se dizer um candidato anti-sistema e prometer continuar as políticas econômicas do Temer.

(29) AR: Vcs são ridículos, pq não falaram quando ele tinha segundos de propaganda no horário Nobre?

(30) MO: AR, filho, o tempo que cada candidato tem no horário eleitoral não tem nada a ver com o assunto. O que o Edir Macedo fez é crime eleitoral. Ele usou de um canal de grande porte para favorecer candidato. É crime, CRIME. Ele poderia sim entrevistar, mas teria que entrevistar todos os candidatos com o mesmo tempo para todos. Se ele nem foi eleito e vcs já está passando pano para coisa errada, imagina quando começar a corrupção comendo solta. Ou vc é um homem que não que não aceita crimes, ou vc aceita. Não dá para ficar selecionando o crime do colega como imoralidade e o de vcs como banalidade. Deixa de Hipocrisia. PS: o que a universal vai ganhar apoiando o Bozonaro? [Grifos nossos]

Na reação de **(26) MEO** ao *post* da página *Meu Professor de História*, vemos uma crítica ao posicionamento do TSE – Tribunal Superior Eleitoral, afirmando que houve fraude nas eleições, devido a uma entrevista de Jair Bolsonaro, exclusivamente em uma rede de TV que apoia o então candidato à presidência, sem uma contrapartida para os demais concorrentes. Logo em seguida, observamos: **(27) GB** desqualifica as observações de **(26) MEO**, pois, como possível apoiante de Bolsonaro, sentiu-se ameaçado em sua face positiva. Este

devolve o *AAF* a **(27) GB**, numa crítica clara ao argumento “*ad hominem*, em que se ataca a pessoa do adversário em vez de se atacar sua tese” (AMOSSY, 2017:170).

Ou seja, dar a entender que se aceitou o estelionato do anterior e não de Bolsonaro, o que pode caracterizar um ato de fala indireto e irônico, ao mesmo tempo falso-argumentativo, que viola as máximas da qualidade, da quantidade e de modo. Como bem apontou Fairclough (2001), os atos de fala indiretos podem apresentar mudanças nas convenções de polidez. Não há um “ataque direto” ao interlocutor, mas um falso argumento baseado na falácia “se o outro fez, porque que esse não pode fazer?”, o que podemos identificar também como um esquema argumentativo de “**não pertinência**”, quando “consiste em distrair o auditório para afastá-lo do ponto discutido” (AMOSSY, 2018:170). [Grifo da autora]

MEO (28), num *AAF* positiva e negativa, pois além de concordar com **(27) GB** no começo da sentença, também refuta que o mesmo acontece com Bolsonaro. Na sequência, observa-se **(29) AR** comete um *AAF* explícito, sem ação reparadora como **(27) GB**, através de insulto. Deste modo, “o insulto é um ato agressivo que ameaça a face do receptor – mas também pode se voltar contra aquele que produz o ato” (GOFFMAN, 1967 *apud* AMOSSY, 2017:172).

Logo depois, **(30) MO** refuta **(29) AR**, num *AAF* explícito, mas com ação reparadora logo no começo, com o uso da palavra “filho”, tentando mitigar o *AAF* que vem depois. **MO (30)** tenta não violar nenhuma das máximas, exerce polidez positiva com explicações. No final dos enunciados de **(30) MO**, percebe-se ameaça de face positiva de **(29) AR**, quando repete a palavra “CRIME” com letra maiúscula (“*Ele usou de um canal de grande porte para favorecer candidato. É crime, CRIME*”), e desafia **(29) AR** a se posicionar contra ou a favor do crime de favorecimento e o chama de hipócrita (“*Ou vc é um homem que não que não aceita crimes, ou vc aceita. Não dá para ficar selecionando o crime do colega como imoralidade e o de vcs como banalidade. Deixa de Hipocrisia*”).

Foi observado que **(27) GB** não participou mais das interações, o que pode configurar um *AAF* da face negativa desse interactante. Essa forma discursiva do

“silêncio”, representado pela retirada do interlocutor das interações não esvazia totalmente a argumentação, pois “o dito” funciona como um ato de fala intencional para, de certa forma, ter a “última palavra” e não se importar com o que o seu interlocutor tem a contra-argumentar.

A pergunta final de **(30) MO**, “o que a universal vai ganhar apoiando o Bozonaro?”, é evocada pelo conhecimento partilhado, pois “universal” é uma instituição evangélica, conhecida por levantar uma grande quantidade de dinheiro em seus cultos e deter uma concessão de TV, a Rede Record. Desse modo, fica implícito também o valor ilocutório de crítica/censura expresso no enunciado de **(30) MO**, através de um ato de asserção. Este locutor compartilha uma asserção, dando uma informação e deixa implícito, através de ato de fala indireto, que “a Universal ganha audiência e, conseqüentemente, dinheiro com a exclusividade de entrevista com Bolsonaro”, realizando um ato de crítica/censura. Conclui-se que “os atos ilocucionais têm graus variados de força, desempenhando funções diferentes e, conseqüentemente, agregando vários atos e conduzindo a múltiplas interpretações”, principalmente em um ambiente multimodal (WILSON, 2012:95).

Há, nos atos de fala desses *posts* apresentados, uma variedade de pontos de vista que atuam como argumentação, de forma colaborativa com um ambiente multimodal que, de alguma forma, permite fazer emergir atos de fala indiretos, realizar o jogo de polidez positiva (de valorização) e de polidez negativa (de evitação da ameaça) simultâneas e possibilitando a violação das máximas de Grice. Dessa forma, esta semiose da conversação funciona “como parte da atividade social” e “constitui gêneros discursivos” que fazem parte das práticas dos “atores sociais” contemporâneos (FAIRCLOUGH, 2005:310).

Outro fator existente é a variação de intensidade dos atos de fala, salientando “maior ou menor ameaça da face dos interactantes, alargando o estudo das estratégias de cortesia ao estudo do funcionamento na interação dos atos ameaçadores do discurso” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992 *apud* ALMEIDA, 2013:3).

Como exemplo do exposto acima, em **(28) MEO** e **(30) MO**, temos, respectivamente: atenuação da ameaça com modalizador que provoca “um julgamento de realidade”, Kerbrat-Orecchioni (1980,1997 *apud* Cabral, 2011:112) como “*Realmente*”, utilizado por **(28) MEO**, concordando com **(27) GB**, mas usando de ironia para discordar, através de fatos que não corroboram o mencionado por **(27) GB**; é utilizado uma forma polida “Filho” (polidez negativa), mas essa estratégia não impediu que ao longo do texto houvesse outros atos de censura ameaça como “É CRIME”, “Deixa de hipocrisia”, configurando-se assim atos de fala com grau menor de ameaça.

No entanto, ao longo deste trabalho, verificou-se que a polarização política deixou “os comportamentos impolidos” mais “marcados em relação aos comportamentos polidos” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006:94). Dessa forma, pode ser exequível “que a imagem em evidência de si e as dos outros sofram desajustes quanto a sua adequação e interfiram nas negociações pretendidas ou mesmo na validação dos argumentos expostos”, visto que há afastamento das regras de interação comunicativa (AQUINO & PALUMBO, 2014:7).

Por essa razão, as teorias apresentadas e analisadas neste subcapítulo corroboram o caráter da incompletude dos estudos da linguagem. Portanto, o “ponto de vista precisa ser considerado em um contexto cultural mais amplo, principalmente em vista de sua crescente popularidade” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:379).⁴⁷

Os autores ainda lembram que o “número de formas emergentes de discurso na Internet, a maioria multimodal em várias dimensões, continuará apresentando desafios aos linguistas” (VANDELANOTTE & DANCYGIER, 2017:379).⁴⁸

Para Fairclough, o

⁴⁷ Tradução livre da autora. No original: “viewpoint need to be considered in a broader cultural context, especially in view of their increasing popularity”.

⁴⁸ Tradução livre da autora. No original: “number of emerging forms of Internet discourse, most of them multimodal across a number of dimensions, will keep on presenting challenges to linguists.”

aspecto semiótico de uma ordem social é o que podemos chamar de ordem do discurso. É a maneira de os diversos gêneros e discursos estarem inter-relacionados entre si. Uma ordem de discurso é uma estruturação social da diferença semiótica, uma ordenação social particular das relações entre modos de construir sentido, isto é, os diversos discursos e gêneros (FAIRCLOUGH, 2005:310)

Dessa forma, considerarmos um olhar especial também no “como diz” nos espaços multifacetados do Facebook é um desafio, quando se reúnem “formas novas de dizer”.

4.4. Metáforas conceptuais ao serviço da legitimação político-ideológica

De formas tão presentes nos discursos polarizados num ambiente multimodal como o Facebook em EP2018, as “metáforas conceptuais são recursos semânticos que servem para compreender, representar e experimentar o mundo e, com ele, nossos conhecimentos e opiniões”(van DIJK, 2010:204).

Lakoff, num experimento com seus alunos de Ciência Cognitiva, pediu que eles não pensassem em um elefante. No entanto, ele pontua:

Eu nunca encontrei um aluno que fosse capaz de fazer isso. Cada palavra, como elefante, evoca uma moldura, que pode ser uma imagem ou outro tipo de conhecimento: os elefantes são grandes, têm orelhas caídas e uma tromba, estão associados a circos e assim por diante. Quando negamos um quadro, evocamos o quadro (LAKOFF, 2004:3).⁴⁹

Desse modo, negar que o nazismo foi estabelecido com bases ideológicas de direita não adianta, quando a ‘moldura’ que se faz da esquerda e da direita, torna impraticável tal ação, acirrando crenças e legitimando manipulações metafóricas.

Silva (2011) pontua que as metáforas conceptuais são estudadas pela LC como eixo fortemente persuasivo, manipulativo e ideológico. As discussões políticas no Facebook têm emergido um fenômeno tão antigo, mas ainda tão presente na contemporaneidade: a manipulação da palavra. Este subcapítulo “assume uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, seguindo a convergência promissora entre a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica do Discurso” (SILVA, 2011:3).

⁴⁹ Tradução livre da autora. No original: “I’ve never found a student who is able to do this. Every word, like elephant, evokes a frame, which can be an image or other kinds of knowledge: Elephants are large, have floppy ears and a trunk, are associated with circuses, and so on. When we negate a frame, we evoke the frame” (LAKOFF, 2004:3)

É preciso pontuar que a metáfora conceptual é estreitamente ligada ao contexto sociocultural e político, funcionando como “conhecimento e compreensão do mundo como também estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica” (SILVA, 2011:6).

Para melhor compreendermos, Silva orienta que a

metáfora conceptual constitui um esquema padrão conceptual, sob a forma X É Y, que se realiza num conjunto aberto de expressões (verbais e não verbais) diferentes e envolve um conjunto sistemático de correspondências ontológicas e epistêmicas entre os respectivos domínios conceptuais origem (Y) e alvo (X). Tomamos uma realidade que conhecemos (ou pensamos que conhecemos) melhor como ponto de referência, como modelo para compreendermos fenômenos complexos. O mapeamento é sistemático, parcial, unidirecional e geralmente tornar-se automático e inconsciente (SILVA, 2011:5).

Para mostrar, analisar e criticar como se estabelece a metáfora conceptual nas discussões no Facebook em EP2018, observemos o *post* da *DW Brasil* abaixo e alguns de seus desdobramentos na participação dos interlocutores em alguns comentários. É importante pontuar que uma pesquisa, feita no ano de 2018 pela revista *Carta Capital*, associa a esquerda a *conflito* e a direita a *ordem*:

Parte da sociedade brasileira atrela os partidos, lideranças e militantes de esquerda a ideias de caos, conflito, defesa de pautas identitárias, arrogância e doutrinação. A direita, por sua vez, é atribuída às noções de ordem, hierarquia, respeito pela opinião do próximo, igualdade, valorização da família, e defesa do esforço individual/livre-mercado. Os dados são parte dos identificados pela pesquisa “O conservadorismo e as questões sociais”, realizada pela Fundação Tide Setubal e o Plano CDE e divulgados na segunda-feira 10. O estudo buscou identificar como parte da sociedade, considerada não radical politicamente, se posiciona diante temas como valores e família, criminalidade e segurança e política e corrupção. O estudo parte da ascensão de uma nova direita nos últimos dez anos e da emergência de tendências conservadoras na sociedade, impulsionadas pela nomeação de Jair Bolsonaro como presidente (BASILIO, 2019:1). [Grifos da autora]

A repórter da revista *Carta Capital* procurou saber o que a sociedade pensa sobre temas complexos como família, valores, segurança pública entre outros. Dessa forma, através da análise daquela pesquisa, a autora mostrou que há considerável indícios de tendências a posições conservadoras. Por esses aspectos, parte da sociedade brasileira pode ter contribuído para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Além desta pequena, mas relevante pesquisa da revista citada, elencamos três dicionários para identificarmos como os itens lexicais *esquerda* e *direita*, fortemente utilizados nos embates no Facebook e expostos neste trabalho, são apresentados.

Verificou-se que, no dicionário Houaiss,⁵⁰ no dicionário Porto Editora⁵¹ e no dicionário Michaelis,⁵² os itens lexicais *esquerda* e *direita* nutrem as metáforas de que a *direita*, em formulações como “às direitas” ou “estar sentado à direita”, constitui, na linha de uma tradição cultural e, também, cristã, uma forma de agir e de estar “de maneira correta”; por outro lado, a *esquerda* reverbera formulações como “entrar com pé esquerdo”, “ser canhoto”, entre outros, como erradas e/ou inadequadas. Dessa forma, as entradas nos dicionários referidos não se desvinculam, de um modo geral, do seu protótipo.

⁵⁰ Dicionários. Grifos negrito e sublinhado da autora. **esquerda** s.f: a mão esquerda; sinistra, sestra (escreve com a e.) 2. o lado oposto ao direito, ger. correspondente ao do coração humano (só ultrapasse pela e.) 3 Hist. Pol. conjunto de parlamentares que tradicionalmente lutam por ideias avançadas e que, numa assembleia, se sentam à esquerda do presidente. 4 conjunto de indivíduos ou agremiações políticas partidárias de regimes como o socialismo e o comunismo 5 a perna esquerda (ele chuta com a e. ou com a direita?) 6 diversas faccões ou correntes políticas trabalhistas, socialistas e comunistas. esquerdear: desviar-se do estabelecido; seguir um mau caminho; helegiana FIL. [grifo itálico da autora]. **direita**. s.f. mão direita; destra 2. lado direito 3. Conjunto de parlamentares tradicionalmente conservadores, que, numa assembleia, se situa à direita do presidente. 4. Conjunto de partidários de ideias conservadoras. d. hegeliana FIL. grupo de filósofos que deram continuidade de maneira ortodoxa às ideias do hegelianismo, concentrando-se em seus aspectos conservadores e idealistas, e particularmente conciliando-o com a defesa da religião [...] d. de maneira correta. [grifo itálico da autora] Houaiss, Antônio (1915-1999) e Villar, Mauro de Salles (co-autor) (1939-) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. pp.669 e 824.

⁵¹ **esquerda**. sf. Política econômica no sentido de minorar as desigualdades, reivindicando algum grau de responsabilidade social do Estado; numa assembleia, o conjunto de deputados que defende essas ideias e que, geralmente, toma lugar à esquerda do presidente. **direita** mão que está no lado oposto ao do coração; destra; lado direito; HISTÓRIA, POLÍTICA grupo que, numa assembleia parlamentar, representa as correntes conservadoras; às direitas: do lado direito, como deve ser, reto, íntegro, justo. Disponível em: <https://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/mobile-apps>

⁵² **Esquerda**. s.f mão correspondente ao lado do coração; lado esquerdo; POLÍTICA conjunto dos indivíduos, dos movimentos e dos políticos que defendem algum tipo de permanente transformação esquerda 1 O lado oposto ao direito; 2 O lado que corresponde ao do coração humano. 3 A mão esquerda; sinistra, sestra; 4 A perna esquerda; 5 Polít. A oposição parlamentar representada por partidários com ideias contrárias às dos conservadores. 6 Polít. Grupo de indivíduos de uma nação, de uma organização não governamental de uma comunidade, que preconiza a superioridade dos sistemas políticos socialistas ou comunistas sobre o capitalismo e defende a igualdade social. Esquerda hegeliana, Filos: grupo de filósofos sectários do pensamento hegeliano, em que a religião não é razão e sim representação, sendo então redutível ao mito; ainda destaca a dialética social como fundamento para o materialismo histórico e a luta de classes econômicas, cujo destino final seria a propriedade coletiva. **Direita**. s.f. A parte lateral direita; A mão direita; destra; Lado que corresponde à mão direita de quem vai por ruas, avenidas, rodovias e por onde os carros devem andar, exceto em alguns países; Hist Lugar de destaque que os nobres ocupavam ao lado direito do rei da França durante reunião, antes da Revolução Francesa; Polít Grupo de parlamentares que se sentam ao lado direito do presidente de uma assembleia, o que indica o apoio a políticas conservadoras; Polít Grupo de cidadãos que defendem as ideias dos parlamentares de direita; Polít Partido conservador e tradicionalista. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>

4.8. Postagem da página DW Brasil, 20/09/2018



Atentemos nas seguintes interações que se seguiram ao *post* acima:

(31) **GL**: EXATAMENTE!!!

(32) **CK**: Só comparar o fascismo, nazismo e socialismo, na estrutura ideológica.

(33) **GD**: **CK** essa vergonha que tu tá pagando é no crédito ou débito???

(34) **TR**: **CK** tu é burro assim mesmo ou tu come capim de sacanagem?!

(35) **JJ**: E bolsonarismo também, né?

(36) **SFA**: É de direita Pra ser de esquerda precisa matar de 50 milhões de pessoas pra cima Abaixo disso é direita É insulto a esquerda achar que essa ideologia fraca que só matou 10 milhões de pessoas é de esquerda Esquerda de verdade mata até hoje Ex Venezuela Nicarágua Cuba A Esquerda nunca para de matar e desgraçar as nossas vidas Já o Nazismo morreu. 🤔

(37) **FK**: Entra na fila então pq pelo seu comentário, percebe-se que foi até pouco até agora.

(38) **TR**: **SFA**, Tu fez curso de falação de merda assim sem pudor aonde?

(39) **SFA**: PT é só democracia 🤔🤔 Vão passar fome em 2029. 🤔🤔

Ou seja, ainda há significados próximos da representatividade dessa categorização polissêmica. A categorização, segundo Silva (1997, p. 6), é “o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria”, processada através de protótipos, isto é, de tipos mais representativos dessa categoria. Através de protótipos, a categorização possui duas outras formas de conceituar: a especificação e esquematização (generalização). Na primeira, segundo Silva (2003, p. 14), “existe um certo conflito ou incompatibilidade semântica”; o que não acontece com a segunda. Mais

representativas e, sem dúvida, “mais importantes do ponto de vista cognitivo” (SILVA, 1997, p. 12) são as metáforas conceituais.

Atentemos nas seguintes interações que ocorreram no *post* da *DW Brasil*, do dia 26 de setembro de 2018, exposto no subcapítulo 3.4:

(40) HL: O alemão não conhece nosso sistema educacional. “Os conceitos ideológicos de tempos e mundos passados” sempre estiveram presentes nas salas de aula de nosso país, conceitos esses totalmente enviesados idolatrando as ideologias de esquerda e massacrando os fatos e ideologia de direita. Só podia dar nisso. 🇧🇷🇩🇪 7

(41) RB: Que ideologia tem a direita, sabichão, conta pra gente.

(42) AR: Que burro. Dá zero pra ele gente.

(43) HL: RB pessoas acostumadas a só ouvirem mentiras durante a vida quando ouvem a verdade nua e crua chamam isso de aberração. Perfeitamente compreensível.

(44) LF: Primeiro temos que escolher qual ferramenta vamos usar para solucionar os problemas. Uma velharia de 1917, que só da problemas, ou uma solução moderna, que outros usam funciona muito bem. #Bolsonaro17. Contra o esquerdismo marxista. 🇧🇷🇩🇪 6 [Grifos nossos]

Analisando as interações dos *posts* da *DW Brasil*, podemos inferir que há um discurso político-ideológico comum entre eles que corrobora a pesquisa feita pela revista *Carta Capital*. Enquanto o embaixador alemão preconiza que nazismo foi instalado na Alemanha sob bases de uma ideologia de *direita*, as postagens de alguns brasileiros afirmam o contrário. Lembrando que Bolsonaro fez campanha para a presidência do Brasil exaltando a guerra contra os “esquerdistas comunistas” do PT e do PC do B, representados por Fernando Haddad e Manuela D’Ávila respectivamente. E mesmo após as eleições, em 2019, não só Bolsonaro, mas seu vice-presidente Hamilton Mourão e chanceler Ernesto Araújo reafirmaram suas posições.⁵³

Esta imagem de militares do nazismo e de Hitler, no *post* da *DW Brasil* 4.8, referenciados como comunistas e de ideologia de esquerda naquelas discussões serviu de pano de fundo para a manipulação da opinião pública dos eleitores nas EP2018. No entanto, os aspectos cognitivos estão presentes, pois “constitui aqui um “traço mental” que impede – ou quer impedir – nosso pensamento a um caminho totalmente diverso do da avaliação racional” com o uso das palavras *nazismo*,

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/de-esquerda-e-o-comunismo-nao-resta-a-minima-duvida-diz-mourao-apos-fala-de-bolsonaro.ghtml>. Acessado em 02/10/19.

comunismo e esquerda nas discussões, como se representassem a mesma ideologia (BRETON, 1999:90).

Os trechos destacados nos dicionários e a postagem 3.4 da *DW Brasil* lembram a retórica da imagem em Barthes na qual “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros” (BARTHES, 1990:32). O significado negativo de *esquerda* e o significado positivo de *direita* parecem ter sido cristalizados como aponta a pesquisa da revista Carta Capital, observando que há, segundo van Dijk, uma concentração “nas (novas) crenças que o manipulador deseja que os destinatários aceitem como conhecimento, bem como nos argumentos, provas, etc., que tornam essas crenças mais aceitáveis”(van DIJK, 2006:376).⁵⁴

O uso da metáfora conceptual em expressões “ferramenta vamos usar” e “velharia de 1917” para se referir à ideologia marxista, que o locutor **(44) LF** desenvolve, está ao serviço de uma estratégia argumentativa que visa persuadir os alocutários. Pode-se mencionar também que, como se trata de metáfora conceptual, “envolve domínios cognitivos (domínios de experiência) diferentes” Silva (1997, p. 12), e domínio origem em **(44) LF**, através das metáforas “*ferramenta*” e “*velharia*”. Isso pode ser compreendido, respectivamente, como domínio-alvo “*instrumento*” e “*ultrapassada*” e se baseiam “numa relação de similaridade” (Silva, 2003:12).

As relações “são *ontológicas*, na medida em que envolvem sub-estruturas dos domínios origem e alvo” e outras “são *epistémicas*, isto é, representam o conhecimento que se importa do domínio-origem para o domínio alvo” (SILVA, 2003:16). [Grifos do autor]

As acepções também podem ser ressignificadas “pela escolha lexical e assim por diante, como um discurso oficial do presidente que se dirige à nação” e, dessa

⁵⁴ Tradução livre da autora. No original: “the (new) beliefs that the manipulator wants the recipients to accept as knowledge, as well as on the arguments, proofs, etc. that make such beliefs more acceptable.”

forma, legítima metáforas conceptuais de cunho político-ideológicas (van DIJK, 2006:376).⁵⁵

Observando as duas postagens da DW Brasil em 4.8 e 3.4, podemos verificar que o discurso de **(39) SFA** e de **(44) LF**, respectivamente, são exemplos de que admitir que o nazismo é de ideologia de direita constitui um argumento contra o que consideram ser o perfil do candidato escolhido por estes intervenientes que deixou claro ser de direita. Ou seja, o argumento apresentado por estes locutores associa o argumento “ser de direita” a uma asserção avaliativa com valor axiológico positivo que constitui um ato de justificação: “Bolsonaro é correto, porque é de direita”.

Assim, considerando as metáforas conceptuais apresentadas, podemos dizer com Silva que “a metáfora é não só meio de conhecimento e compreensão do mundo como também estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica”(SILVA, 2015:6).

⁵⁵ Tradução livre da autora. No original: “lexical choice, and so on, such as an official discourse of the president addressing the nation”.

5. CONCLUSÃO

A difícil, mas instigante e pertinente pesquisa de um *corpus* multifacetado como o Facebook em contexto polarizado de EP2018 no Brasil, ratifica alguns pontos: as teorias nunca serão suficientes para definir o jogo discursivo da linguagem que este século nos apresenta; e as sempre novas tecnologias - pois estão se transformando e transgredindo nossa capacidade de interação - conseguem estabelecer discursos falaciosos.

Na análise dos discursos na rede Facebook neste contexto, buscou-se demonstrar de que modo se realiza a argumentação, a manipulação político-ideológica, conseguindo adesão na plataforma e fomentando um discurso da violência, regularmente, a ausência de resposta crítica, revelando que os interlocutores que interagem nestes contextos não demonstram explicitamente a totalidade dos mecanismos semióticos discursivos.

De acordo com os resultados estabelecidos aqui, podemos confirmar as seguintes hipóteses de investigação: i) os discursos político-ideológicos conseguem adesão significativa no Facebook; ii) observou-se que a falta de argumentos comprovativos, revelando falta de conhecimento de algo ou silenciando fatos, também pode ser estratégia argumentativa, pois não se apresentam provas e, aparentemente, não houve a intenção de seus interlocutores pesquisarem; iii) o ambiente multimodal do Facebook potencializa mais discursos na rede, através das imagens, *hashtags*, pelas centenas e muitas vezes milhares de avaliações – *gostei, não gostei, ri, fiquei triste*, praticamente instantâneas, e pela *semiose* que estimula interpretações naquele contexto; iv) o ambiente *online* – característico de ilusão protetiva de identidade de seus usuários - permite, constantemente, atos de fala ameaçadores de face sem que, para tanto, necessitem de ser mitigados, mas quando isso acontece, é uma preparação para a ameaça que vem logo a seguir; v) a manipulação da palavra, através de itens lexicais, e a influência político-ideológica conseguem fomentar discussões acirradas nas páginas elencadas sem chegar a um acordo conciliatório na verdade dos fatos; vi) os pedidos de desculpas funcionam como atos expressivos e estratégicos que preparam a ameaça; vii) como o processo comunicativo não é isento, os administradores das páginas pesquisadas – mesmo daquelas que não há ideologia explícita - acionam o poder da autoridade ilocucional do conhecimento que pode funcionar como atos ameaçadores de face;

viii) e as imagens, e os *memes* no ambiente multimodal funcionam como ameaça de face, através de discursos de ódio, preconceito e de racismo, tendo forte adesão, principalmente, dos eleitores de Jair Bolsonaro.

Vale mencionar que a EP2018 foi marcada pela *fake news*, notícias falsas sobre os candidatos à presidência, principalmente a respeito do maior adversário de Jair Bolsonaro, Luís Inácio Lula da Silva. Este último, por impedimento causado pela operação chamada de Lava Jato, de combate à corrupção, deu lugar a Fernando Haddad, como podemos verificar na análise dos *memes* nesta pesquisa. Não houve, no entanto, formas efetivas de verificar a veracidade das informações na rede antes e durante as eleições.

Ou seja, não se deve subestimar a força dos discursos político-ideológicos, a *semiose* que estes reproduzem e o alcance que abarcam – mesmo num contexto polarizado e falacioso, principalmente em rede social, pois foram capazes de impulsionar a eleição de um candidato de extrema direita.

Portanto, isso se configura como abuso de poder e falta de senso crítico dos mais vulneráveis à manipulação, à persuasão e ao controle social, notadamente por evocação de crenças, mediada pela cognição, mas não totalmente compreendidas.

Este trabalho motivador - longe de ter esmiuçado as artimanhas do discurso e das teorias aplicáveis ao complexo mundo da rede social Facebook em contexto específico de eleição para presidente no Brasil – identificou, analisou, descreveu e criticou as estratégias do discurso político ideológico.

Espera-se que as conclusões apresentadas aqui sejam motivações para outras pesquisas mais abrangentes neste arcabouço multimodal e semiótico das redes sociais em variados contextos.

6. BIBLIOGRAFIA

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual do discurso*. Trad. Maria das Graças S. Rodrigues, João Gomes da S. Neto, Luis Passeggi, Eulália Vera Lúcia F. Leuquin. Cortez Editora, 2011.

ALMEIDA, Carla Aurélia de. (2016) “*Conselho de amigo, aviso do céu*”: contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2: 1-29. <http://dx.doi.org/10.21747/9789898648884/enalp31a1>; disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.pnp/APL/article/view/1534/1340>

_____ (2013) Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. In: *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 59-77). Coimbra: APL; Disponível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/ALMEIDA_2013.pdf.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polémica*. Tradução Rosalice Botelho W. S. Pinto [et al.], Coordenadora de Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

_____ *Argumentação no Discurso*. Coordenador de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira; tradução de Angela M.S. Corrêa [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; PALUMBO, Renata. *Interação e polémica em diálogos no Facebook*. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística Y Filología de América Latina, ALFA 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0923-1.pdf>

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 4ª ed. 2003 [1997].

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Tradução Izidoro Blikstein. 19ª ed., São Paulo: Cultrix, 2012.

_____ A retórica da imagem. In: Barthes, R. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BASÍLIO, Ana Luiza. <https://sociedade/brasileiro-atrela-esquerda-a-conflito-edireita-a-ordem-diz-pesquisa> <https://www.dicio.com.br/esquerda/> Revista Carta Capital. Acessada em 18/02/20.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª ed., Campinas, SP. Pontes Editora, 2005.

BORKENT, Mike. Mediated characters: Multimodal viewpoint construction in comics. *Cognitive Linguistics*. 2017; 28 (3): 539-563

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 3ª ed., - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____ Conceitos Fundamentais – Enunciação e Construção do sentido. In: *Comunicação e Análise do Discurso*. Roseli Figaro (Org.). 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BRETON, Philippe. *A manipulação da palavra*. Tradução Maria Stela Gonçalves. Editora Loyola, 1999.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CARREIRA, Maria Helena de Araújo. *Pedido de Desculpas e delicadeza: para o estudo dos seus processos linguísticos em português*. Universidade de Paris III. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1994-9.pdf>

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das Mídias*. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, P, MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. de tradução Fabiana Komesu. – 3ª ed., 3ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHISHMAN, Rove; SANTOS, Aline; MARTINS, Paola. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 33, n. 1, p. 129-149, jan.-abr. 2020. *O fenômeno da neologia lexical nas eleições de 2018*. Artigo Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/163372/160080/399084>. Acessado em 03/03/2021.

DIAS, Cristiane. *Análise do Discurso Digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

van DIJK, Teun A. Discourse and Manipulation. Article *Discourse & Society*. <http://das.sagepub.com>. Vol 17 (2): 359-383 10.1177. 2006.

_____ *Discurso, Conocimiento, Poder y Política. Hacia um Análisis Crítico Epistémico del Discurso*. Traducción de Moisés Almela. Revista de Investigación Lingüística, nº 13 (2010); pp. 167-215 ISSN-1139-1146. Universidade de Murcia.

_____ *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____ *Discurso e Poder*. Judith Hoffnagel, Karina Falcone (Org), 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____ *Cognição, discurso e interação*. Apresentação e organização de Ingedore Villaça Koch. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. - Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

_____ *Análise Crítica do Discurso como método em Pesquisa Social Científica*. Tradução Iran Ferreira de Melo. Texto integra a obra *Methods of critical discourse analysis*, de Wodas e Meyer (Orgs.), 2ª ed. Londres: Sage, 2005. P. 121-138.

FANTI, Maria da Glória di, BRANDÃO, Helena Nagamine. *Discurso, atividade e produção de sentidos: perspectivas teóricas e práticas*. Fanti & Brandão (orgs), São Paulo: Cortez, 2017.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.

FONSECA, Joaquim. *Linguística e texto/Discurso: Teoria, Descrição, Aplicação* – Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural do College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOUVEIA, Carlos. (1998). Actos de Fala – Quadro Geral. In: *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa (ILTEC). Disponível em <http://iltec.pt/pdf/wpapers/2005-divling.pdf>.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya (1976), *Cohesion in English*, London, Longman, p. 1-30 (Cap. 1 - "Introduction").

HARTMANN, Bruna Berres. *A construção da identidade na aquisição de português como língua adicional: análise do relato de aluno estrangeiro sobre a atuação em espaços (não) digitais em contextos acadêmicos.* – 2020. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000013621.pdf>

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Ed., 2006.

KONDER, Leandro. Política e Participação. In: *Ideologia e Política*. REVISTA USP. [//www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32905/35475](http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32905/35475)<Acessado em 16/05/20>.

KRESS, Gunther. *Multimodality: Challenges to Thinking about Language*. Journal Article. TESOL Quarterly. Vol. 34, Nº 2 (Summer, 2000), pp. 337-340. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3587959?seq=1>

LAKOFF, George. *Don't think of an elephant! Know your Values and Frame the Debate*. Chelsea Green Publishing. White River Junction Vermont. Disponível em: http://sciencepolicy.colorado.edu/students/envs_5720/lakoff_2004_ch1.pdf

LOPES, Ana Cristina Macário; CARAPINHA, Conceição. (2013). *Texto, coesão e coerência* (pp. 11- 117). Coimbra: Almedina/CELGA.

LOPES, Ana Cristina Macário, RIO-TORTO, Graça. (2007). Como Se constrói a coerência de um texto? In: *Semântica*. Lisboa: Caminho (Coleção O essencial sobre língua portuguesa).

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Tradução Sírio Possenti. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editora, 2015.

MARQUES, Maria Aldina, 2008, "Quando a cortesia é agressiva". In Fátima Oliveira & Isabel Margarida Duarte (orgs.), *O Fascínio da Linguagem – Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto. Disponível em: https://elearning.uab.pt/pluginfile.php/600680/mod_resource/content/1/Quando_a_cortesia_e_agressiva.pdf

NETO, José Alves de Freitas. *Coisas que se misturam: religião e política*. Jornal da Unicamp. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/coisas-que-se-misturam-religiao-e-politica>

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. *Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Tradução Sabrina pereira de Abreu. São Paulo, 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Internetês e o binômio "fala-escrita". In: *Linguística da Internet*. Chepherd, Tania G & Saliés, Tânia G. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem...* Lucia Santaella Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo. Disponível em artigo-4323-1-10-20150701.pdf, acessado em 31/10/2019.

_____ O que é Semiótica? São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Coleção Primeiros Passos;103).

SANTOS, Márcia Guena dos; SANTOS, Céres. *A cobertura parcial e alinhada do Jornal Nacional sobre a intervenção militar na cidade do Rio de Janeiro*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Belém, PA – 2a 7/09/2019 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1704-1.pdf>

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala*. Tadução Ana Cecília G. A. de Campos, Ana Luiza Marcondes Garcia. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Augusto Soares. *Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa*. Investigação Pest-OE/FIL/Ulo683/2011. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1761> Acessado em 23/05/2020.

_____ *O poder cognitivo da metáfora e da metonímia*. [in: Revista Portuguesa de Humanidades 7, 2003, pp. 13-75. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa] [CD-ROM], Lisboa: Universidade Aberta.

_____ *A linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga. Disponível em: [CD-ROM], Lisboa: Universidade Aberta.1997.

SILVA, Paulo Nunes da. *Linguística Textual. Atividade 1 – Parâmetros de textualidade*. UAB Portugal, 2018, p. 2.

SILVA, Thiago Moreira. *Para além da esquerda e direita: a multidimensionalidade das crenças no Brasil contemporâneo (1989-2014)*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32005>, acessado em 10/10/2019.

TRAJANO, Izabella da Silva Negrão. *A Imagem e a sua função semiótica em discursos multimodais*. *Anais do SIELP*. Vol. 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_144.pdf

VANDELANOTTE, Lieven; DANCYGIER, Barbara. *Multimodal artefacts and texture of viewpoint*. *Journal of Pragmatics*. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2017>

WILSON, Victória. Motivações Pragmáticas. In: *Manual de Linguística*. Mario Eduardo Martelotta (Org.), 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

WODAK, Ruth. *Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. [Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo]. Revista Linguagem em (Dis)curso volume 4, número especial, 2004. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4975273/mod_resource/content/1/Artigo%20Do%20que%20trata%20a%20ACD.pdf